

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: POLÍTICA, MOVIMENTOS POPULACIONAIS E
SOCIAIS

LEIDE BARBOSA ROCHA SCHUELTER

Do Paraná à Baviera: Cartas e Artigos da Ordem do Carmo acerca da
implantação do Catolicismo em Paranaíba-PR (1952-1958)

Maringá
2015

LEIDE BARBOSA ROCHA SCHUELTER

**Do Paraná à Baviera: Cartas e Artigos da Ordem do Carmo acerca da
implantação do Catolicismo em Paranaíba-PR (1952-1958)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Departamento de História, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringá, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História.

Área de concentração: Política, movimentos populacionais e sociais.

Linha de Pesquisa: Instituições e História das Ideias

Orientadora: Prof^a Dr^a Solange Ramos de Andrade

Maringá
2015

AGRADECIMENTOS

O fim do curso de mestrado culmina com a produção da dissertação, pressupõe o término de um período e o início de uma nova jornada. Não foi uma produção sem dor, mas não deixou sequelas, deixará apenas os frutos e a certeza de um sonho realizado. No entanto, não é fruto de um trabalho solitário, inúmeras pessoas colaboraram para que esse sonho se tornasse realidade.

A minha orientadora Prof^a Dr^a. Solange Ramos De Andrade, pela confiança, pelo apoio, por todas as palavras de incentivo, pelo carinho com que me orientou e por todo o aprendizado proporcionado que extrapolou o conhecimento acadêmico; Sol, muito obrigada por acreditar em mim!

A Prof^a Dr^a Vanda Fortuna Serafim por incitar-me a percorrer essa caminhada e pelas palavras de alento nos momentos difíceis.

Aos professores do Exame de Qualificação, Ivana Guilherme Similli, Maurício de Aquino e Rosangela Wosiak Zulian, pelas contribuições.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá.

A Giselle Moraes pela amabilidade e competência com que sempre me atendeu.

Aos colegas do Laboratório de Estudos em Religiões e Religiosidades. LERR doce lar!

Ao Michel Bossone por todo o apoio ao longo desses dois anos!

A CAPES pela bolsa concedida.

Ao Dom Wilmar Santin, pelos esclarecimentos e pela amabilidade que prontamente sempre me respondeu, bem como toda a comunidade do Comissariado Geral Carmelita do Paraná.

A família Olavo Bilac.

A Rainilda e Walberto.

Aos meus irmãos, Ariberto, Geovana e, em especial, Lídia.

A minha mãe Lourdes, que deixou de viver sua vida, para viver a minha, sempre a me apoiar em todos os sentidos.

Aos meus filhos Leonardo e Leandro, sangue do meu sangue, carne da minha carne, luz dos meus olhos, amo vocês!

Ao Leandro, meu companheiro de todos os momentos, por ter respeitado os meus momentos de clausura, por ter me incentivado e apoiado durante esses dois anos, vivendo essa loucura ao meu lado e não desistindo de tentar fazer meus dias mais felizes! Amo você!

A coisa mais estranha é sem dúvida a mobilidade dessa memória onde os detalhes não são nunca o que são: nem objetos, pois escapam como tais; nem fragmentos, pois oferecem também o conjunto que esquecem; nem totalidades, pois não se bastam; nem estáveis, pois cada lembrança os altera.

(MICHEL DE CERTEAU)

Do Paraná à Baviera: cartas e artigos da Ordem do Carmo acerca da implantação do catolicismo em Paranavaí (1952-1958)

RESUMO

Este trabalho analisa o processo de implantação do catolicismo em Paranavaí-PR, a partir da chegada de freis alemães pertencentes à Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo. A principal fonte é composta de cartas e artigos escritos por seus membros, entre os anos de 1952 e 1958 que eram enviados à Província Carmelita de Bamberg e, posteriormente, publicados na Revista *Karmelstimmen* de Bamberg, Alemanha. Essa documentação foi traduzida para o português e reunida sob os títulos *História e memórias de Paranavaí* (1992) e *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí* (2001). A cidade de Paranavaí, no início da década de 1950 se caracterizava com um território em processo de ocupação, para o qual advinham colonos que almejavam melhores condições materiais. A implantação do catolicismo na cidade acompanha o desenvolvimento cultural, social e urbanístico e nesse território em formação, a religiosidade vivida pelos moradores se distanciava do catolicismo almejado pela Igreja Católica romanizada. Partícipes dos primeiros anos de trabalho missionário, Frei Ulrico, Frei Henrique Wunderlich, Frei Alberto Foerst e Frei Burcardo Lippert mostraram estranhamento frente às práticas da comunidade católica e empreenderam ações para levar a comunidade ao catolicismo ditado pela instituição eclesiástica. Essas narrativas abrem um campo de possibilidades, pois os freis carmelitas partilharam suas experiências e emoções. A análise da documentação privilegiou a epistolografia e a escrita hagiográfica (CERTEAU, 1982), desde a perspectiva da construção de imagem que, a partir dos escritos dos missionários, ora se assemelham a hagiografia e, em outros momentos, a escrita de si (GOMES, 2004). Essas narrativas permitem entender como ocorrem as variadas formas de apropriação e representação (CHARTIER, 1990) do cotidiano, e como se conectam a um projeto que ultrapassou o privado inserindo-se em uma realidade pautada no campo religioso (BOURDIEU, 2011) na região de Paranavaí. De maneira mais abrangente, as ações dos missionários, analisadas como estratégias (CERTEAU, 1994), significaram a introdução de uma nova forma de vivenciar o catolicismo na região missionária.

Palavras-chave: Catolicismo. Missionários. Carmelitas. Paranavaí. Província Carmelita de Bamberg.

From Parana to Baviera: letters and articles of the Carmelites about the implantation of the Catholicism in Paranavai (1952-1958).

ABSTRACT

This essay analyzes the implantation process of the Catholicism in Paranavai-PR, from the arrival of the German friars that belong to the Order of the Brothers of Our Lady of Mount Carmel. The main resource is composed by letters and articles wrote by your members, among 1952 and 1958 that were sent to the Carmelite Province of Bamberg and, posteriorly, published in the *Karmelstimmen* Magazine of Bamberg, Germany. This documentation was translated to Portuguese and reunited with the titles *História e Memórias de Paranavaí* (1992) [Story and Memories of Paranavai] and *As Aventuras de 3 Missionários Alemães em Paranavaí* (2001) [The Adventures of 3 German Missionaries in Paranavai]. The city of Paranavai, in the early 1950's was characterized with a territory in occupation process, for which came settlers who longed better material conditions. The implantation of the Catholicism in the city follow the cultural, social and urban development and in this territory in formation, the religiousness experienced by the residents was far from the Catholicism desired by the Catholic Church Romanized. Participants of the first years of missionary works, Friar Ulrico, Friar Henrique Wunderlich, Friar Alberto Foerst and Friar Burcardo Lippert showed estrangement forward to the practices of the Catholic community and undertook actions to take the community to the Catholicism dictated by the ecclesiastical institution. These narratives open up a field of possibilities, because the Carmelites friars shared their experiences and emotions. The analysis of the documentation favored the epistolography and the hagiographic writing (CERTEAU, 1982), since the perspective of the image building that, from the writings of the missionaries, sometimes resemble to the hagiography and, in another moments, the writing itself (GOMES, 2004). These narratives allow us to understand how the various forms of everyday appropriation and representation occur (CHARTIER, 1990), and how they connect itself to a project that exceed the private entering into a reality guided in the religious field (BOURDIEU, 2011) in the region of Paranavai. More broadly, the missionaries actions, analyzed as strategies (CERTEAU, 1994), meant the introduction of a new way of experiencing the Catholicism in the missionary region.

Keywords: Catholicism. Missionaries. Carmelites. Paranavai. Carmelite Province of Bamberg.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 CARTAS OU ARTIGOS?	14
2. PARANAÍ: O PROJETO MISSIONÁRIO CARMELITA	19
2.1 MISSIONÁRIOS CARMELITAS: A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO.....	19
2.1.1 A publicação das cartas	21
2.2 A ORDEM DO CARMO	27
2.3 A MISSÃO	30
2.4 CATOLICISMO ROMANIZADO	34
2.5 PARANAÍ.....	42
3. PRIMEIRAS AÇÕES MISSIONÁRIAS	50
3.1 PROBLEMAS DETECTADOS E ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS	50
3.1.1 Batismo	51
3.1.2 Escola Paroquial	55
3.1.3 Construção de Capelas.....	62
3.1.4 Ignorância religiosa	68
4. IMPRESSÕES: O CENÁRIO COTIDIANO	74
4.1 OS MISSIONÁRIOS E O COTIDIANO	74
4.1.1 A primeira impressão é a que fica?	74
4.1.2 Comportamentos adequados/inadequados.....	76
4.1.3 Imigração	81
4.1.4 Pelos ares da região missionária.....	90
4.1.5 “Floresta em decadência”.....	92
4.1.6 Um artigo atípico.....	95
4.1.7 Um visitante ilustre.....	100
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	106
REFERÊNCIAS	110
DOCUMENTAIS	110
BIBLIOGRÁFICAS	111
ANEXOS	120

1. INTRODUÇÃO

Nesta dissertação, nos propomos analisar o processo de implantação da Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo ou Ordem do Carmo, na região de Paranavaí-PR¹, na década de 1950, a partir das cartas-artigos escritas pelos seus membros. Provenientes da Alemanha, freis² Ulrico Goevert, Henrique Wunderlich, Burcardo Lippert e Alberto Foerst tinham como objetivo desenvolverem um projeto missionário vinculado à Ordem Carmelita, que pertencia a *Oberdeutsche Provinz der Karmeliten*, doravante denominada Província Carmelita de Bamberg, região da Baviera.

O contato entre os freis e a Província Carmelita de Bamberg era realizado por meio de cartas, posteriormente publicadas em forma de artigos, entre os anos de 1952 a 1958, na *Revista Karmelstimmen*, periódico religioso pertencente à Ordem. Escritas e publicadas em alemão, a tradução desse material ocorreu tardiamente; o frei carmelita Wilmar Santin³ foi o responsável pela tradução para o português e pela publicação do material em dois compêndios: *História e Memórias de Paranavaí* (1992) e *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí* (2001).

Nosso interesse pelo tema teve início no curso de pós-graduação *strictu senso* em “História das Religiões: Fundamentos para a pesquisa e o ensino”, oferecido pelo Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá.⁴ Nossa intenção inicial era trabalhar com a documentação acima, comparando-a com os relatos orais das pessoas que viveram e foram partícipes da efetivação do projeto missionário. No entanto, em função dos

¹ Paranavaí, município localizado na região noroeste do Estado do Paraná, é a 24ª maior cidade do Estado em número de habitantes com uma população de 81.590. Conf. INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Cidades. Disponível em: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. IBGE, Cidades. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411840&search=paranavalparanavai>. Acesso em: 12/04/2014

² Optamos por usar a (grafia) freis e não frades, tal como consta na fonte.

³ SANTIN, Frei Wilmar. Apresentação. In: GOEVERT, Frei Ulrico. *História e memórias de Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin, O Carm. Paranavaí: Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1992, p.03-04. SANTIN, Frei Wilmar. Apresentação. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.02-03. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/> Acesso em: 13/03/ 2014. SANTIN, Frei Wilmar. Biografias. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.94-96. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/> Acesso em: 13/03/ 2014.

⁴ SCHUELTER, Leide Barbosa Rocha. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí* enquanto possibilidade de fonte histórica para o estudo da religiosidade católica no município de Paranavaí-PR (1950-1960). 2012. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, (2012). O trabalho teve como orientadora a Professora Doutora Vanda Fortuna Serafim.

poucos remanescentes daquele momento histórico e as dificuldades em organizar as entrevistas orais, decidimos nos pautar na documentação escrita pelos missionários⁵.

O primeiro compêndio, *História e Memórias de Paranavaí* é composto por 22 artigos. Seu autor, frei Ulrico Goevert, foi o primeiro missionário da Província Carmelita de Bamberg a vir para o Brasil. Ele foi enviado como Mestre de Noviços da Província Carmelitana Pernambucana pelo Prior Geral Carmelita Ilário Doswald em 1936. Chegou a Recife dia 1º de março de 1936 e já no dia 19 de março⁶, iniciou as aulas no noviciado.

Após 15 anos trabalhando no Nordeste brasileiro, Frei Ulrico foi autorizado a fundar uma missão em nome de sua Província no sul do Brasil. Como o bispo de Jacarezinho, Dom Geraldo Proença Sigaud, lhe ofereceu Paranavaí – “lugar onde ninguém queria ir”, ele aceitou a paróquia, iniciando a presença carmelitana no Noroeste paranaense. Suas narrativas não começam diretamente em Paranavaí e sim em Pernambuco. Essa documentação nos permite vislumbrar as características cotidianas do projeto missionário, sem apresentar aspectos que poderiam parecer negativos. Em função da extensão da área de abrangência da Paróquia São Sebastião de Paranavaí, outros missionários foram enviados para auxiliá-lo.

Frei Ulrico, enquanto precursor e realizador do projeto idealizado pela Ordem Carmelita, tinha a consciência da importância que a publicação de seus artigos representava no ideário dos leitores alemães. A partir de seu discurso mostrava como transcorria a edificação do projeto missionário alemão na região tutelada pela Ordem a qual pertencia. Esta prática cuidadosa é característica da escrita epistolar: “escrevendo para serem lidos por muitos outros, os padres deveriam ter a consciência de que estavam produzindo um texto para ser interpretado e lembrado” (LONDOÑO, 2002, p.18).

O segundo compêndio, *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*, reúne 21 cartas-artigos de cinco freis, porém ao elaborar uma dissertação é necessário delimitar os aspectos com os quais se pretende trabalhar e, ao realizar nossas escolhas, optamos por trabalhar com os freis que participaram dos primeiros anos de trabalho missionário em Paranavaí: Henrique Wunderlich, Burcardo Lippert⁷ e Alberto Foerst. O conteúdo desta

⁵ Na intenção de situar nosso objeto de estudo, realizamos uma busca pelas bibliotecas e encontramos apenas uma referência ao tema: a monografia de especialização de Marcelo Silveira Siqueira com o título: “Comissariado do Paraná: início das missões evangelizadoras dos frades carmelitas na cidade de Paranavaí, baseado no livro *História e Memórias de Paranavaí*”, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, de Curitiba, 2011. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1240/1/CT_LBHN_VII_2012_14.pdf.

Acesso em 22/01/2105.

⁶ A data é significativa para a Igreja católica, pois comemora-se a Festa de São José.

⁷ Em relação ao nome deste religioso, o compêndio *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí* apresenta duas formas de apresentação: Burcardo Lippert na capa e Frei Burcard no interior do compêndio.

documentação remete ao cotidiano, às aflições, aos desejos desses religiosos inseridos em um projeto missionário que tinha como pressuposto recristianizar uma comunidade que vivenciava práticas não condizentes com os preceitos da Igreja católica.

A Igreja católica no Brasil da década de 1950 vivia um momento de reorganização institucional, adotando novos discursos e novas práticas. Esse processo teve início com a Proclamação da República, em 1889 que culminou na Constituição de 1890, que proclamou o Brasil um estado laico. Uma das estratégias usadas pelo clero brasileiro foi a de incentivar a vinda das congregações religiosas estrangeiras para o Brasil, com o intuito de que realizassem um trabalho pastoral mais condizente com o novo momento histórico vivido pela Igreja católica. Estratégia que também tinha o objetivo de suprir a carência de religiosos, tanto em termos quantitativos como qualitativos (MAINWARING, 2004, p.42).

Desde a chegada desses missionários, o trabalho empreendido consistia em conduzir a comunidade de Paranavaí a adotar novas práticas religiosas. Como no extremo-norte do Paraná o processo de ocupação do território iniciou, de forma efetiva, a partir do início de 1950, ocasionando uma tardia estruturação dessa região, tal empreendimento estava ligado a uma política de adequação dessa região às práticas do catolicismo ultramontano que se instaurou no Brasil, com força, a partir do final do século XIX⁸ (MANOEL, 2004, p. 45).

Um projeto missionário tem por finalidade a evangelização dos homens, mas para alcançar essa finalidade os envolvidos fizeram uso das mais variadas estratégias (CERTEAU, 1994), como a construção de escolas, para ensinar as crianças, futuros adultos, os “verdadeiros preceitos cristãos” e a construção de capelas para tornar a Igreja mais próxima da população. Em 1951 a Igreja de Paranavaí era o centro religioso para o qual as pessoas da região acorriam: “Como só havia em Paranavaí essa Igreja e uma pequena capela, em Graciosa, uma das primeiras preocupações foi construir capelas nos povoados que estavam surgindo”. (MARINHO, 2008, p.28).⁹

Encontramos, ainda, Burkard, presente na obra: KNOBLAUCH, Frei Joaquim. *Os vinte cinco anos dos carmelitas da Província Germaniae Superioris no Brasil*. Trad. Frei Wilmar Santin. Disponível em: <http://www.ocarm.org/books/content/os-25-anos-dos-carmelitas-da-prov%C3%ADncia-germaniae-superioris-no-brasil>. Acesso 13/09/2014. Optamos por adotar a grafia de Frei Burcardo pois é a que aparece na capa do compêndio.

⁸MANOEL, Ivan A. *O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)* Maringá: Eduem, 2004. O período chamado de ultramontano inicia-se com o papa Pio VII (1800-1823) e tem seu declínio com Pio XII (1939-1958), caracterizando-se como um período marcado por práticas conservadores e um crescente projeto centralizador dos atos da igreja em Roma, além de decretar a infalibilidade do papa.

⁹ Informações consultadas no livro: MARINHO, Francisco Fernandes. *A Diocese de Paranavaí: 40 anos de história e evangelização 1968/2008*. Maringá: CAHEL, 2008. Este documento apresenta mais informações acerca do processo de desenvolvimento do projeto missionário dirigido pela Província Carmelita de Bamberg.

O desafio desta pesquisa consiste em analisarmos como ocorreu o processo de implantação da Igreja Católica na região de Paranavaí. Definiremos, a partir do discurso produzido pelos missionários carmelitas alemães, qual o sentido de missão concebido por estes e quais estratégias desenvolveram para alcançar tal objetivo legitimado pela instituição à qual pertenciam, a Província Carmelita de Bamberg Alemanha.

O primeiro objetivo de um missionário¹⁰ é anunciar o evangelho em locais em que a religião católica ainda não foi instaurada ou em locais que necessitam de uma reorganização religiosa, isto é, em regiões que necessitam do conhecimento ou da reaproximação das palavras de Deus. Dessa maneira, o empreendimento de uma missão evangelizadora não foi o mesmo ao longo da história do cristianismo. Os aspectos de uma missão estão intimamente ligados a época histórica em que se insere, ou seja, a proposta religiosa deste momento histórico e principalmente ao contexto em que ocorre o desenrolar dos fatos. Dessa forma a evangelização, “És misión que viene de Dios, por Jesucristo, comunicada a la iglesia para continuar la misión de Cristo, y poder llegar al hombre concreto en sus circunstancias históricas y sócio-culturales” (ESQUERDA BIFET, 2008, p.67).

Para levar a cabo essa máxima, os missionários carmelitas empreenderam um projeto que, em função das condições históricas e sociais, estava atrelado ao desenvolvimento cultural, social e urbanístico da cidade, de tal forma que, além da intenção primordial dos missionários, que era a salvação das almas convertidas ao catolicismo institucional, os freis estiveram ligados a implantação de projetos que ultrapassavam o aspecto religioso.

As cartas-artigos produzidas são nosso referencial para tentarmos compreender o processo de implantação da Ordem na cidade de Paranavaí - PR. Nossa análise irá além do conteúdo desta documentação, pois estes discursos estão impregnados de marcas de um passado que possibilitam vislumbrar o olhar de homens religiosos pertencentes a outra cultura frente às adversidades da implantação de um projeto missionário em uma região, com uma forma de vida diferente da qual estavam acostumados.

Levando em consideração que este trabalho se insere no campo da História Cultural ressaltamos que, para compreender tal processo histórico, utilizaremos teóricos pertencentes a diferentes áreas de estudo, mas que estão em consonância em seus modelos de análise. De acordo com Roger Chartier, a História Cultural, busca “identificar o modo como em

¹⁰ Jesus Cristo e os apóstolos dentro do catolicismo são os expoentes máximos dessa temática, pois amparados na frase: “Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei.” (Mt 28,19-20). O cristianismo ofereceu um aporte à sua expansão. Nesse sentido, os freis imbuídos da mensagem cristã, se propuseram a viver segundo os seus fundamentos angariando novos discípulos para tal projeto.

diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 1990, p.16-17).

Para Chartier o conceito de representação pode ser entendido como “[...] esquemas intelectuais incorporados que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 1990, p.17).

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros; produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas (CHARTIER, 1990, p. 17).

Uma determinada realidade social, não pode ser vista como um discurso produzido tendo como suporte a neutralidade, pois apesar de sua pretensão à imparcialidade, produz estratégias capazes de fornecerem os referenciais para impor sua visão de mundo, como é o caso do discurso religioso. O conceito de apropriação tal como o concebe Chartier (1990), pode ser utilizado pelo historiador que se propõe a interpretar o “outro” e abordar as várias formas de apropriação enquanto formas diferentes de interpretação.

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objectivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção do sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajetórias históricas. (CHARTIER, 1990, p. 26-27).

Uma das grandes motivações existenciais é a busca pelo poder, no caso específico deste estudo observamos a preponderância pela busca do poder religioso, a busca por inculcar na comunidade da região missionária “a verdadeira fé”, aliada a tentativa de deixar as demais manifestações na marginalidade.

Nessa imposição de autoridade em detrimento de outras, observamos os freis elaborarem discursos acerca de sua vivência distante de seu país de origem, mas não obstante de seus corações. Já que os costumes, a cultura, as práticas não necessitavam de malas para a viagem, acompanhava-os sem pedir licença.

Também trabalharemos com as categorias de formalização/normalização das práticas elaboradas por Michel de Certeau (1994). Tais categorias nos auxiliarão a pensar como os

missionários, ao longo de todo o processo de edificação do projeto missionário, foram inculcando na população local, práticas até então desconhecidas e que deveriam ser cumpridas pelo católico (CERTEAU, 1982, p.152-208).

Partimos do pressuposto de que o campo religioso (BOURDIEU, 2011) se constitui como espaço de lutas entre os vários agentes do sagrado, os dominantes, representados pelos missionários e os dominados, representados pelos fiéis. Trabalharemos com uma instituição que é reconhecida como detentora legítima dos bens de salvação pelos membros que dela fazem parte. Nossa análise também estará pautada no conceito de corpo de especialistas e leigos (BOURDIEU, 2011), para evidenciarmos como a partir do lugar social que estes ocupavam, foi construída uma argumentação acerca das práticas religiosas dos fiéis exaltando a importância e a necessidade da presença missionária destes religiosos na cidade de Paranaíba.

Arelado ao conceito de corpo de especialistas está o conceito de linguagem autorizada (BOURDIEU, 1983). Nesse sentido: “O discurso supõe um emissor legítimo dirigindo-se a um destinatário legítimo, reconhecido e reconhecedor” (BOURDIEU, 1983, p.06). As práticas instituídas pelos missionários tiveram ressonância pelo fato de terem sido reconhecidos por seu público como especialistas legítimos porta-vozes de uma determinada instituição: a Ordem Carmelita (BOURDIEU, 2011).

Ao trabalharmos com a institucionalização do catolicismo Paranaíba, a partir das narrativas de seus agentes, a escrita hagiográfica de Michel de Certeau, será nosso fio condutor. A hagiografia é uma forma de escrita que tem por intuito a edificação de seus personagens, portanto, se colocando como uma variação dentro da historiografia, já que não almeja ser um discurso do real (CERTEAU, 1982).

De acordo com Certeau a escrita hagiográfica “[...] privilegia os atores do sagrado (os santos) e visa a edificação (uma exemplaridade)” [...]. Assim essa forma de escrita não se refere “essencialmente ‘aquilo que se passou’, como faz a história, mas ‘aquilo que é exemplar’” (1982, p. 266-267). Nesse sentido nos apropriamos deste conceito pensando-o a partir da edificação que lhe é intrínseco, ou seja, é a maneira de educar as pessoas a partir do exemplo dentro dos preceitos cristãos.

Acreditamos que ao relatar as adversidades vivenciadas no Brasil, o discurso elaborado pelos missionários era carregado de especificidades que nos permitem interpretá-los enquanto escrita hagiográfica. A documentação em questão está carregada de elementos que nos levam à questão da exemplaridade (CERTEAU, 1982).

Pensamos a figura do missionário em uma cidade pequena do interior do Paraná, que iniciava seus passos rumo à urbanização, como uma figura enigmática que, provavelmente, intrigou a população local. Ao caracterizar o religioso, Certeau afirma:

Tiene un valor de enigma, más que de ejemplo. Tiene la figura de la extrañeza ambigua, que designa alternativamente un *secreto* importante y un *pasado* caduco. Fascina como algo oculto, al mismo tiempo que posee la naturaleza de un objeto perimido, como una reliquia de sociedades desaparecidas. (CERTEAU, 2006, p.27).

Os missionários alemães se apresentavam como mediadores da salvação, como religiosos encarregados de oferecer à população local a possibilidade da salvação. As pessoas os viam assim, tanto que, ao longo da documentação escrita por eles é recorrente a busca da população local por conselhos para amenizar seu sofrimento. Dessa maneira, fazendo uso dos referenciais de Certeau, o que dá sentido à vida dos missionários e da maioria da população de Paranaíba é o ato de crer¹¹, sem esse sentimento todo o trabalho missionário empreendido em Paranaíba não teria sentido.

1.1 CARTAS OU ARTIGOS?

Um dos grandes impasses desse texto foi estipular a terminologia com a qual nos referiríamos à documentação analisada. Ao longo da pesquisa, nos pautamos em vários autores para tentar sanar tal dificuldade¹².

A documentação produzida por Frei Ulrico, que faz referência aos fatos ocorridos anteriormente, desde sua chegada a Recife e posteriormente a Paranaíba, poderia ser analisada enquanto relatos ou mesmo, “memórias missionárias”, já que abordam acontecimentos de sua

¹¹ Para Certeau o ato do crer é o “investimento das pessoas em uma proposição, o ato de enunciar-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma ‘modalidade’ da afirmação e não seu conteúdo.” (CERTEAU, 1994, p. 278). Nesse sentido, partimos deste conceito para pensarmos o discurso dos missionários que articulam práticas em torno dele, ou seja, o ato de crer é a modalidade de afirmação não o objeto do crer.

¹² Analisamos essas fontes em um primeiro momento a partir do olhar da biografia e autobiografia, no qual os trabalhos: “Biografia e contexto” (LEVI, 2006), “A ilusão biográfica” (BOURDIEU, 2006), “Usos da biografia” (LEVI, 2006), “Autobiografia e ficção” (LEJEUNE, 2008), nos possibilitaram pensar as fontes a partir de trajetórias únicas, mas que, todavia, são influenciadas por seu contexto. Outra perspectiva que “flertamos”, foi pensá-la a partir de diários, ou mesmo de memórias, nesse sentido, a obra de Frago (1999) e Portelli (2000), foram significativas, pela possibilidade que ofereceram de pensar as fontes e a relação entre memória e o que se opta por deixar para a posterioridade, mesmo que essa não seja uma escolha consciente. No entanto, essa tentativa também não era adequada as nossas fontes, segundo nossa interpretação, pois a produção do diário demanda uma determinada regularidade que não foi encontrada nessa documentação, pois Frei Alberto tem três artigos no compêndio, dois com data de outubro de 1954 e um de março de 1955; Frei Henrique tem dois artigos, que englobam várias cartas, o primeiro com data de outubro de 1953 e o segundo de novembro de 1953; Frei Burcardo tem dois artigos, o primeiro de junho de 1954 e o segundo de novembro de 1954. Os artigos de Frei Ulrico, como detalharemos mais adiante, foram escritos em 1957 e publicados ao longo do ano de 1958.

trajetória enquanto religioso. No entanto, o missionário denomina suas narrativas como artigos. Ainda que não sejam artigos científicos, foram produzidos para serem publicados em uma revista católica, o que de alguma maneira justifica a categorização.

Frei Alberto, além de apresentar de maneira sucinta as dificuldades e necessidades as quais estava vivendo, também classifica suas narrativas enquanto artigos. Seus escritos são marcados pelo estranhamento frente às particularidades da região missionária, possivelmente por ser o mais novo dos quatro missionários - tinha 27 anos quando chegou à região.

A documentação produzida por Frei Burcardo, ainda que estruturalmente se encaixe em artigo, tem um conteúdo muito próximo da epistolografia, no entanto, transmite uma mensagem muito forte em relação ao que está vivendo: “Quem perceber verdadeiramente a grande e sublime tarefa da Igreja, coloca a missão sobre todas as outras coisas para que o amor do Pai seja manifestado”¹³ (LIPPERT, 2001, p. 45), ou ainda : “Ao ler estas notícias surge involuntariamente a pergunta: quem se interessa de modo semelhante pelas enormes necessidades da distante região missionária do Brasil?”¹⁴ (LIPPERT, 2001, p. 54).

Não sabemos se as cartas de Frei Henrique, logo no início de sua produção, visavam a publicação ou isso ocorreu com o tempo, pois a chegada do missionário a Paranavaí ocorreu em setembro de 1952 e a publicação de suas cartas em forma de artigos ocorreu somente em outubro de 1953.

Acreditamos que o relato de viagem de Frei Jacobus Beck “Minha viagem a região missionária de Paranavaí”, escrito em 1952 e, posteriormente dividido em quatro textos publicados, respectivamente, em maio, julho, agosto e setembro de 1952, tenham despertado a curiosidade nos leitores da Revista *Karmelstimmen* em conhecer mais esse novo mundo apresentado por missionários, que até pouco tempo antes, coexistiam no mesmo espaço dos leitores. Provavelmente, essa curiosidade em saber mais acerca do longínquo Brasil, tenha oportunizado a publicação de outros textos.

Como essa documentação apresentou um caráter dúbio aos nossos olhos, optamos por analisar não somente seu caráter de edificação, mas também a partir de sua singularidade, pois como enfatiza Ramos, “rancores, temores, ódios, desejos ou sonhos – enfim, os vários sentimentos - só poderão ser resgatados pelo historiador se forem expressos ou exteriorizados sob a forma de cartas, diários, memórias” (2008, p.164). E os missionários alemães deixaram

¹³ Publicado na Revista *Karmelstimmen* em junho de 1954. O documento não traz o título em alemão.

¹⁴ Publicado na Revista *Karmelstimmen* em novembro de 1954. Título original: “*Brasilien-Schwieriges Arbeitsfeld.*”

entrever sensibilidades em seu discurso, pois as cartas são escritas de si¹⁵, nas quais os religiosos se mostraram também como homens, preocupados com aspectos que foram além do campo religioso.

Embora se possa considerar que toda escrita de si deseja reter o tempo, constituindo-se em um “lugar de memória”, cabe observar que certas circunstâncias e momentos da história de vida de uma pessoa ou de um grupo estimulam essa prática. É o caso dos textos - sejam eles diários, memórias ou cartas- que se voltam para o registro de fases específicas de uma vida, como viagens, estadas de estudos e trabalho, experiências de confrontos militares, prisão, enfim, um período percebido como excepcional. (GOMES, 2006, p.18).

Os artigos e as cartas produzidas tinham duas utilidades práticas: em primeiro lugar, serviam como forma de expressar o sentimento de nostalgia que os afligia, era um canal de comunicação com seu lugar de origem, oferecendo alento para as dificuldades pelas quais estavam passando, suas angústias, seus medos, suas paixões. Em segundo lugar, enquanto membros de uma ordem religiosa, os fatos narrados na documentação caminham no sentido de mostrar ao público leitor a necessidade de presença religiosa na região missionária, pois a população padecia de ignorância religiosa, precisavam ser salvos e correlato a isso a falta de recursos materiais para operacionalizar essa salvação, que poderia ser sanada se os destinatários a quem eram endereçadas essa documentação, os leitores da Revista *Karmelstimmen*, fossem afetados pelo conteúdo do discurso.

Dessa maneira, em função de toda a subjetividade que permeou a produção dessas narrativas, optamos por usar a terminologia cartas-artigos.

Dividimos esta dissertação em três capítulos; três caminhos trilhados para analisarmos como, a partir de relatos aparentemente cotidianos, ocorreu a expansão e a institucionalização da Ordem Carmelita na região de Paranaíba.

No primeiro capítulo, *Paranaíba: o projeto missionário carmelita*, abordamos os aspectos relacionados à Ordem Carmelita da Antiga Observância, com um breve recorrido histórico da Ordem a partir de seu surgimento, sua posterior expansão européia e, a chegada dos primeiros missionários no Brasil. Também abordamos a chegada dos primeiros missionários alemães pertencentes a Província Carmelita de Bamberg a Paranaíba.

Atribuímos importância neste capítulo ao catolicismo ultramontano¹⁶. Dessa maneira, essa política religiosa adquire relevância, pois é a partir desta proposta que podemos

¹⁵ Parafraseando Ângela de Castro Gomes em “Escrita de si escrita da história” (2004).

¹⁶ O Catolicismo Ultramontano na Europa tem suas origens em uma expressão usada no início do século XIX, na França e na Alemanha para fazer referência a Roma que estava além das montanhas. Essa política tinha como

vislumbrar uma nova postura da Igreja Católica frente às adversidades existentes no Brasil. Para abordarmos o contexto em que ocorreu a institucionalização do catolicismo em Paranavaí, tornou-se necessário ressaltar a importância que teve o catolicismo ultramontano no Brasil, posto que os missionários alemães fossem representantes desta ação institucional.

No segundo capítulo, *Primeiras ações missionárias*, acompanhamos o processo de estruturação das primeiras estratégias dos missionários alemães ao aproximarem-se da comunidade de Paranavaí e região. O início do processo de institucionalização do catolicismo é marcado pela tentativa dos missionários de trazerem a comunidade para a Igreja e, paulatinamente, mudar as práticas religiosas dessa comunidade vistas como não condizentes.

Destacamos quatro temáticas estratégicas, caras ao projeto missionário: “Batismo”, “Escola Paroquial: estratégia para a formação de uma comunidade católica”, “Construção de capelas” e “Ignorância religiosa”. Nesses tópicos ressaltamos a distância existente entre o que os missionários tinham por práticas corretas de se relacionar com o sagrado e a maneira como a comunidade vivenciava sua religiosidade.

Paranavaí e região no momento histórico em que foram redigidas as cartas-artigos se caracterizavam como território ainda em processo de colonização e existia uma confluência de pessoas vindas de vários lugares do Brasil, o que acarretava maior dificuldade aos religiosos em estabelecer uma concepção de como se articulava as atitudes de seus fiéis, em virtude disso, a temática das cartas-artigos apresentava aspectos religiosos, mas também suas experiências locais.

No terceiro capítulo, *Impressões: o cenário cotidiano*, optamos por apresentar questões que fazem referência às maneiras como os missionários carmelitas alemães observavam Paranavaí, ou seja, as impressões expressas nas cartas-artigos. Quais as relações que os missionários estabeleceram com a comunidade de Paranavaí, como esses religiosos se apresentavam e como eles pensaram a realidade cultural de Paranavaí?

diretriz, entre outras, a infalibilidade da figura do papa. No Brasil o catolicismo ultramontano, também chamado de catolicismo romanizador ou romanização (embora alguns estudiosos contestem a ideia de sinônimo, que a grande maioria dos autores atribuem a esse projeto), chegou em meados do século XIX. Em função do Regime do Padroado a romanização no Brasil, passou por dificuldades para se estabelecer. Em linhas gerais, o catolicismo ultramontano se assenta “nos seguintes fundamentos: 1) condenação do mundo moderno; 2) centralização política e doutrinária na Cúria Romana e 3) adoção da medievalidade como paradigma sócio-político.” (MANOEL, 2004, p.9) Cf. RIGOLO FILHO, Pedro. *A romanização como cultura religiosa*: as práticas sociais e religiosas de D. João Batista Corrêa Nery, Bispo de Campinas, 1908-1920. 2006, 176 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.], 2006; ROMANO, Cristina de Toledo. *Santa Cecília*: uma paróquia na confluência dos interesses da elite paulista e da Igreja Católica entre 1895 e 1920. 2007. 258 f. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2007. TAVARES, Marcelo dos Reis. *Entre a cruz e o esquadro*: o debate entre a Igreja Católica e a maçonaria na imprensa francana (1882-1901). 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006.

Destacamos os temas que observamos causarem maior estranhamento, aqueles relativos ao comportamento do homem brasileiro que, em alguns momentos, são vangloriados e noutros são depreciados, tais como, a caridade, a malandragem e a sexualidade. Lembrando que os missionários carmelitas, para interpretar a sociedade de Paranavaí, pautaram-se em seus referenciais de origem e em suas trajetórias individuais que marcaram sua maneira de olhar para o outro, por conseguinte, a Segunda Guerra Mundial, e o pós-guerra, marcaram sobremaneira os freis alemães

Devemos ressaltar que a edificação desse projeto missionário ocorreu dentro de uma territorialidade estranha aos freis, portanto, estes emitiram juízos de valores pautados em outra subjetividade que vivenciaram na Alemanha, um país que, recentemente, havia saído da Segunda Guerra Mundial um evento do qual, alguns dos missionários foram partícipes efetivos. Dessa maneira, acreditamos que algumas opiniões emitidas pelos mesmos, devem ser pensadas a partir dos sentimentos que habitavam esses religiosos que, deixando seu local de origem, vieram para “descobrir o outro”. Enfrentaram o estranhamento diante de alguns fatos vivenciados e, posteriormente narrados.

A intenção desta dissertação não é reproduzir o discurso teológico dos missionários, contudo não podemos ignorar o aspecto religioso, pois foi ele o elemento que impulsionou esses homens a se aventurarem, em nome de uma instituição, por territórios desconhecidos, com o objetivo de salvar as almas ali existentes.

2. PARANAÍ: O PROJETO MISSIONÁRIO CARMELITA

En su particularidad, creo, la vida religiosa implica dos elementos complementarios. Por un lado, es un gesto; por el otro, un lugar. El gesto es partir, y nunca se termina. El lugar es una práctica comunitaria, una distribución activa, la instauración de un “hacer juntos”, y también eso siempre debe volver a empezar.

(MICHEL DE CERTEAU, 2006)

2.1 MISSIONÁRIOS CARMELITAS: A PRODUÇÃO DE UM DISCURSO

Para respondermos à questão inicial de como ocorreu a institucionalização do catolicismo em Paranaíba, apresentamos um grupo de missionários, pertencentes à Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Maria do Monte Carmelo que saíram da Alemanha com destino ao Brasil, especificamente Paranaíba-PR, para efetuarem a propagação e institucionalização do catolicismo. Nossa análise encontra respaldo nas cartas e artigos escritos por esses missionários, de 1952 a 1957, e publicados no periódico alemão *Karmelstimmen*, até o ano de 1958. As cartas-artigos analisadas foram escritas pelos freis Ulrico Goevert, Henrique Wunderlich, Alberto Foerst e Burcardo Lippert.

Qual o intuito da Ordem Carmelitana ao designar aos missionários a tarefa de escrever cartas? Qual o seu conteúdo? Os carmelitas produziram cartas-artigos acerca de todo o processo de estabelecimento da religião católica em Paranaíba e essa documentação nos servirá de apoio. Pensando na documentação produzida percorreremos as seguintes inquietações em relação à fonte: “‘Com quem falas’, ‘Do que falas?’, mas também [e sobretudo] ‘Sobre o que silencias?’” (BARROS, 2013, p.140).

Diante de tais preocupações, dividimos o capítulo em três momentos: iniciamos com a apresentação da Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Maria do Monte Carmelo e seu conceito de missão. Na sequência, destacamos o contexto político-religioso que possibilitou o seu estabelecimento no Brasil e, por fim, a cidade de Paranaíba, no interior do Paraná, destino dos missionários alemães.

Nosso referencial teórico tem suporte no conceito de estratégia (CERTEAU, 1994):

Chamo de estratégias o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (CERTEAU, 1994, p.99).

Os Carmelitas ao chegarem a Paranavaí, conheceram suas particularidades e potencialidades e se impuseram como legítimos propagadores de uma doutrina espiritual. Para serem aceitos e legitimados enquanto propagadores, esses missionários adotaram algumas estratégias. As estratégias são as atitudes, tomadas de decisões com a finalidade de conquistar ou manter determinado poder em relação a um cenário próprio. É intrínseco ao sujeito de poder o conhecimento do espaço que o circunda (CERTEAU, 1994, p. 102).

O campo religioso de Paranavaí era predominantemente católico, mas a maneira de vivenciar este catolicismo era distinta, em virtude dos diferentes contextos em que seus diversos agentes vivenciavam suas experiências religiosas. Em seus primeiros contatos, os carmelitas e comunidade não tinham os mesmos referenciais cristãos, pois apesar da maioria da comunidade de Paranavaí se autodenominar católica, não era o catolicismo projetado pela Ordem.

Essa distinção levou o “corpo de especialistas” (BOURDIEU, 2011) a elaborar estratégias que visavam realizar uma mudança comportamental na comunidade, por meio da aceitação de discursos e práticas definidas como corretas pelos missionários alemães. Essas estratégias reforçariam a permanência da instituição católica como força motriz da sociedade e levaria paulatinamente a uma formalização das práticas religiosas (CERTEAU, 1982).

Em relação às cartas/artigos de conotação religiosa, ressaltamos a importância de relacioná-los com a produção bibliográfica realizada por sociólogos, historiadores e teólogos que foram mencionados na introdução de maneira sumária e ao longo do texto aparecerão de maneira mais detida (BARROS, 2013, p.137). Realizaremos o mesmo procedimento nos capítulos posteriores, evidenciando como a produção dos carmelitas pode relacionar-se com a teologia e como, a partir de seus textos, os missionários se relacionaram com a comunidade de Paranavaí.

Também torna necessário estabelecer a relação entre a produção do texto com a realidade que o circunda, isto é, a realidade que cerceava os missionários, tanto no contexto

da Alemanha, como na realidade de Paranavaí, e que os levaram a conceber determinada opinião acerca da comunidade que os rodeava (BARROS, 2013, p. 137).

Esses textos possuem a particularidade da escrita edificante (CERTEAU, 1982), isto é, a partir da perspectiva da exemplaridade. O discurso dos missionários esteve pautado na prática das virtudes, em demonstrar para o “outro” o quão virtuoso é o seu trabalho na região missionária, enquanto detentores da “linguagem autorizada” (BOURDIEU, 1983).

2.1.1 A publicação das cartas

Frei Ulrico Goevert escreveu vinte e dois artigos¹⁷, que mais tarde foram reunidas no livro *História e memórias de Paranavaí* que também traz informações significativas acerca do início do povoamento e o processo de institucionalização do catolicismo na região de Paranavaí.

É necessário mencionar que os artigos de Frei Ulrico para a Revista *Karmelstimmen* foram escritos em 1957, a pedido do Superior da Ordem Carmelitana na Alemanha, o padre provincial Dr. Adalbert Deckert, e foram publicadas ao longo de 1958. Ainda devemos considerar o intervalo existente entre a produção da escrita, iniciada em 1957, o período narrado nas cartas, pois Frei Ulrico narra fatos desde sua chegada em Pernambuco que ocorreu em 1936 e, finalmente, o período de sua publicação, em 1958.

Alguns dias atrás recebi uma carta do meu superior de Bamberg, o padre provincial Dr. Adalbert Deckert, incumbindo-me de escrever para a revista “Karmel-Stimmen” uma série de artigos sobre a nossa missão em Paranavaí. Os trabalhos, preocupações desta nova fundação e também as alegrias serão aqui relatadas. Para que eu não ficasse bitolado na História escolhi o título “HISTÓRIA E MEMÓRIAS DE PARANAVAÍ”. Visto que em nenhum momento tive a intenção de escrever livros ou mesmo artigos científicos, peço já, desde o começo, aos estimados leitores, para não serem exigentes demais com os meus rabiscos. (GOEVERT, 1992, p. 07)

¹⁷ Os títulos dos vinte e dois artigos: “Introdução”, “À procura de um local para uma fundação”, “Viajando”, “Chegando”, “Nossa Igreja”, Frei Estanislau”, “Isto e aquilo de João e Maria”, “A caçada da Onça”, “Fundação da Escola”, “Como se consegue dinheiro”, “O Jardim da Infância”, “A Cidade de Paranavaí”, “Construção de Capelas”, “Os Colonos”, “O Destino dos Índios”, “Finalmente Chegou Ajuda da Alemanha”, “Visita Importante de Roma”, “Doenças Batem à Porta”, “A Chegada das Irmãs Carmelitas”, “Criação de um Patrimônio”, “A Divisão da Paróquia” e “Alma do Povo Brasileiro”.

O relato dos fatos está submetido à subjetividade da memória, o indivíduo recupera aspectos do vivenciado, para dar coerência à sua narrativa: “A lembrança é a sobrevivência do passado [...]” (BOSI, 1994, p.68), e não pode ser encarada como o real tal como ocorreu, mas uma escolha daquele que constrói a narrativa.

Todos, sin excepción, recreamos el pasado y mezclamos recuerdos y olvidos. La memoria no es un espejo, sino un filtro, y lo que sale, a través del filtro, no es nunca la realidad misma, sino una realidad siempre recreada, reinterpretada y a veces, incluso, consciente o inconscientemente imaginada hasta tal punto que puede llegar, en la mente del que recuerda, a sustituir, com ventaja, a lo realmente acaecido. En último término, frente a la natural tendencia individual o colectiva a recrear, imaginándose, su propio pasado, se halla el quehacer histórico que lo recrea, reconstruyéndolo – también parcialmente- y reinterpretándolo. (FRAGO, 1999, p.225)

A memória não é um espelho e sim um filtro, não reflete os fatos como “realmente” ocorreram, senão que os agentes históricos filtram as informações consciente ou inconscientemente, e os missionários alemães não fogem a tal processo (FRAGO, 1999).

O segundo documento, *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*, reúne quatro autores mas, para atender o propósito deste trabalho, faremos uso das cartas-artigos dos três missionários que trabalharam efetivamente na região de Paranavaí. O Frei Adalbert Deckert, teve seu relato de viagem publicado no livro¹⁸, contudo este religioso não trabalhou em Paranavaí: ele esteve na região para uma visita canônica no período de 10/06/1955 a 13/07/1955. (FOERST, 2001, p.87-89). Trata-se de uma documentação rica em informações acerca do panorama religioso e social de Paranavaí e região, na década de 1950. Os três missionários que estiveram presentes no início do desenvolvimento em Paranavaí foram: Frei Alberto Foerst¹⁹, Frei Henrique Wunderlich²⁰, e Frei Burcard Lippert²¹. Outro autor que aparece é Frei Bruno Doepgen²².

Há ainda, um espaço para biografias, apresentadas na forma de breves informações acerca dos freis. Interessante notar que apesar da autoria ser atribuída a cinco freis, o título refere-se a apenas três: Frei Alberto Foerst, Frei Henrique Wunderlich e Frei Burcardo Lippert. Frei Bruno Doepgen, pela forma como o compêndio está organizado, parece exercer

¹⁸ Frei Adalbert Deckert: “Em solo brasileiro”, “Entre o povo brasileiro” e “Resumo da viagem provincial”.

¹⁹ Frei Alberto Foerst: “Algumas aventuras dos missionários”, “A voz das Missões” e “No meio do mato é construído um seminário”.

²⁰ Frei Henrique Wunderlich: “Cartas do Brasil”, de outubro de 1953 e “Cartas do Brasil” de novembro de 1953.

²¹ Frei Burcardo Lippert: “A voz da missão” e “Brasil: um difícil campo de trabalho”.

²² Frei Bruno Doepgen: “Carta de Frei Bruno”.

mera figuração. A fim de compreender como o documento foi organizado, nossa atenção também se voltará às especificidades destes três.

Como afirmamos na introdução, estas cartas-artigos eram publicadas na Alemanha e a tradução portuguesa aconteceu somente quando Frei Wilmar Santin, da Ordem carmelita realizou a tradução e a publicação dos dois documentos²³; o primeiro, em comemoração aos 40 anos da chegada dos carmelitas em Paranavaí em 1992 e, o segundo veio a domínio público no ano de 2001. Segundo nossa interpretação, a tradução desta documentação está ligada à tentativa de Frei Wilmar Santin em dar continuidade ao processo missionário visando manter o que foi instituído pelos religiosos alemães.

Frei Wilmar Santin é o autor da apresentação dos dois livros e podemos notar o discurso enaltecido, de legitimação do trabalho efetuado pelos missionários, ao retomar o passado dos carmelitas em Paranavaí e construir uma memória religiosa desse projeto. Na apresentação do livro *História e memórias de Paranavaí*, salientou:

Além de ser um livro de “história e Memórias” é, sobretudo, um testemunho de fé. Quem ler este livro também com os olhos da fé evidentemente fortalecerá a própria fé, pois somente a fé explica o porquê de uma pessoa deixar sua própria pátria para ser missionário em outro país enfrentando todo o tipo de sofrimento. Somente a fé explica a razão pela qual Abraão deixou sua terra natal e partiu para o desconhecido. Assim também só a fé explica a saída de Frei Ulrico da Alemanha para ser mestre de noviço em Pernambuco. Somente a fé explica a coragem de Frei Ulrico em deixar o Nordeste vir para o Sul. Por isso não foi mero acaso a chegada de Frei Ulrico aqui em Paranavaí. Quem ler com os olhos da fé perceberá que foi a mão de Deus que o conduziu até aqui. É emocionante ver a fé que Frei Ulrico tinha na presença de Cristo na Eucaristia e a importância que ele dava ao sacramento. É edificante ver como ele rezava nas horas de dificuldades. Oxalá cada leitor, ao terminar de ler este livro, saia fortalecido e comprometido na fé. (SANTIN, 1992, p.04).

Na citação, o autor afirma que se trata de um livro que apresenta a história e as memórias de uma comunidade. Podemos identificar a escrita edificante, ao apresentar o missionário como modelo de cristão, enaltecendo sua trajetória, desde chegada em 1936 a Pernambuco e posteriormente em 1951 a Paranavaí.

Outro ponto que merece destaque nesta passagem reside no fato de Frei Wilmar Santin repetir dez vezes a palavra “fé”. Acreditamos que a intencionalidade do tradutor ao dar tal relevância consista em investir Frei Ulrico de sacralidade e, ao relacioná-la com o sacrifício, enfatiza a trajetória sagrada do missionário.

²³ Frei de nacionalidade brasileira, pertence a Ordem dos Carmelitas da Antiga Observância. Nasceu na cidade de Nova Londrina-PR e foi nomeado bispo da Prelazia de Itaituba-PA no dia 08/12/2010, sua ordenação episcopal ocorreu no dia 19 de março de 2011, em Paranavaí.

No prefácio do segundo livro *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*, ressalta Frei Wilmar:

Os padres carmelitas alemães deram uma grande contribuição na formação espiritual deste povo. [...] Se a Igreja de um modo geral hoje vai bem, é porque teve no passado homens que deixaram tudo por causa do Reino de Deus para serem missionários no Noroeste do Paraná. Este livro é um testemunho do esforço empreendido e do suor derramado por abnegados pastores (SANTIN, 2001, p.02).

Para o tradutor, se a comunidade de Paranavaí tem raízes católicas é porque um grupo de religiosos deixou a comodidade de sua vida na Alemanha, disposto a vir ao Brasil abraçando o desconhecido, passando por inúmeros sofrimentos tomados como martírios, para efetivarem a construção de uma comunidade religiosa. Em relação aos sacrifícios vivenciados pelos missionários, Frei Burcardo enfatizou que estes já apareciam na Alemanha, antes mesmo do envio missionário:

Da graça do chamado e da resolução de se ir para as missões até a realização da mesma há um longo caminho. É uma profunda história pessoal, sobre a qual não vou me alongar. O mais difícil foi a preparação interior: renunciar e assumir como próprio o incerto e o desconhecido, ou decidir-se em consagrar as próprias energias às novas tarefas²⁴ (LIPPERT, 2001, p. 41).

A leitura que propomos desta passagem, centrada na figura de Frei Burcardo evidencia as dificuldades inerentes a um religioso que toma a decisão de abraçar o projeto e se comprometer com o trabalho missionário. Essa decisão passa por sucessivos esforços nos quais a vontade individual é crucial para a efetivação de tal empreendimento. Acreditamos que se trata de um discurso que tem por função convencer outros religiosos a se envolverem com tal projeto para o Brasil.

As publicações destes livros, por iniciativa de Dom Wilmar Santin, têm estreita relação com a tentativa de caracterizar Paranavaí como uma cidade com forte caráter religioso, como também estabelecendo uma identidade católica comum a todos²⁵.

Um fator de importância na História das ideias se refere ao discurso produzido sob forma de texto. É necessário analisar quem o escreveu, de que lugar o autor fala, quais as possíveis ligações que este possui com o objeto de estudo, enfim qual a intencionalidade do texto (ECO, 2012, p.75-76). Tal análise é necessária, pois esses aspectos influenciam a

²⁴ Publicado na Revista *Karmelstimmen*, ano 21, número 6, página 180-185 em junho de 1954.

²⁵ Dom Wilmar Santin ainda é responsável pelas seguintes traduções: “Minha viagem à região missionária de Paranavaí”, de autoria do Pe. Jacobus Beck e “Os 25 anos dos carmelitas da Província *Germaniae Superioris* no Brasil”, de autoria de Frei Joaquim Knoblauch.

produção de um texto. Desta feita, optamos por oferecer uma breve biografia de nossos personagens.

Frei Ulrico, cujo nome de batismo é Hubert, o primeiro missionário carmelita alemão a ser enviado para o Brasil, nasceu na cidade de Darfeld, Alemanha, no dia 13 de julho de 1902 e faleceu no dia 26 de outubro de 1983 em Paranavaí e está sepultado na cripta da Igreja São Sebastião, diocese de Paranavaí-PR²⁶.

Frei Henrique, cujo nome de batismo é Hartwig, nasceu em Kulmbach, Alemanha no dia dezessete de outubro de 1921 e faleceu dia dezoito de abril de 2000 no mesmo local. Entrou para o Seminário dos Carmelitas em 1935, participou da II Guerra Mundial; enquanto soldado, frequentou a escola de aviação e paraquedismo. Em vinte e nove de julho de 1951 foi ordenado sacerdote, em Bamberg e em 1952 foi transferido para a região missionária no Brasil, permanecendo em Paranavaí até 1957, quando retornou à Alemanha. (SANTIN, 2001, p.95).

Frei Alberto Foerst, nasceu em Gunzendorf, Alemanha, no dia vinte e seis de novembro de 1926. Durante o ano de 1944 foi soldado na Segunda Guerra Mundial e oito meses foi prisioneiro de guerra dos americanos na França. Foi ordenado em vinte e seis de junho de 1952 e, em 1954 foi transferido para o Brasil. Viveu em Paranavaí até 1984, quando foi transferido para Dourados, MS e ordenado bispo em 1988. Posteriormente se aposentou e retornou à Alemanha (SANTIN, 2001, p.94). Atualmente, Frei Alberto Foerst reside em uma casa de repouso para idosos em Bamberg, conforme informações de Frei Jerônimo²⁷. Dom Alberto faleceu dia 1º de novembro de 2014.

De Frei Burcardo Lippert, temos poucas informações. Sabemos que chegou ao Brasil no dia 02 de abril de 1954, para evangelizar na região de Paranavaí. Permaneceu no Brasil por um ano e meio, porém teve de retornar para a Alemanha por problemas de saúde.²⁸

Quanto à revista *Karmelstimmen*, publicação pela qual o público leitor da Alemanha era informado a respeito do que ocorria na região missionária, Frei Jerônimo nos informou

²⁶ Dados coletados em entrevista realizada dia 06/03/2014, com Georg Karl Brodka, conhecido como Frei Jerônimo.

²⁷ Informações coletadas em entrevista realizada dia 06/03/2014, com Georg Karl Brodka, conhecido como Frei Jerônimo. O último remanescente da Província Carmelita de Bamberg, ainda reside no seminário construído pelos missionários em Graciosa, distrito de Paranavaí, executa a função de vigário paroquial na Paróquia Nossa Senhora das Graças de Graciosa, Paranavaí.

²⁸ Informações coletadas em entrevista realizada dia 06/03/2014, com Georg Karl Brodka, conhecido como Frei Jerônimo.

que este periódico não existe com esse nome e que atualmente é chamada de *Karmelkontakt*.²⁹

As cartas-artigos publicadas na *Karmelstimmen* visavam um amplo público, o que evidentemente levou os missionários a selecionarem o conteúdo que seria tornado público. Dessa maneira, as cartas-artigos dos carmelitas, também passavam pela mesma estruturação dos jesuítas no século XVI: a *bijuela*³⁰. Os jesuítas escreviam cartas narrando somente as notícias edificantes de suas missões, anotando os problemas institucionais em uma folha separada. Nesse sentido, existiam as cartas que tinham uma intencionalidade edificante, para serem lidas por um público. Já os problemas, os assuntos internos, eram enviados em cartas separadas, destinados aos superiores da Ordem. (EISENBERG, 2000, p.51).

A Província Carmelita Alemã exerceu sessenta anos de administração no Paraná (1952 a 2012). Em outubro de 2012 iniciou uma nova fase no Comissariado Carmelita no Paraná, que passou a ser Comissariado Geral do Paraná, se desligando administrativamente da Província Carmelita de Bamberg.

Segundo entrevista realizada com Frei Marcos de Alencar, pároco da paróquia Nossa Senhora das Graças de Graciosa, Paranavaí, o desligamento da Província Alemã Superior em relação ao Comissariado no Paraná, “foi um processo de automanutenção dentro do contexto da Ordem religiosa. Um Comissariado a partir do momento que alcança um número acima de 50 membros solenes tem todo o direito de se tornar ‘Província’”³¹.

Durante os primeiros 19 anos de administração da Província Carmelita de Bamberg, foram enviados para trabalhar no Comissariado do Paraná, um total de 14 religiosos. Se contarmos Frei Ulrico (1936), totalizamos 15³²: Frei Henrique (1952), Frei Boaventura Einberger (1953), Frei Burcardo Lippert (1954), Frei Alberto Foerst (1954), Frei Bruno

²⁹ Informações coletadas em entrevista realizada dia 09/07/2014, com Georg Karl Brodka, conhecido como Frei Jerônimo. O periódico está disponível no endereço eletrônico: <http://www.karmeliten.de/aktuelles/karmelkontakt/index.html>. Acesso 20/01/2015

³⁰ As *bijuelas* foram instituídas por Inácio de Loyola e se diferenciavam das cartas edificantes, que tinham um caráter público e eram destinadas aos religiosos de maneira geral. Pois nas *bijuelas* eram anotados os problemas institucionais e eram destinados aos superiores da Ordem. (EISENBERG, 2000, p.51).

³¹ Entrevista realizada dia 01/07/2014.

³² É necessário acrescentar que ao menos quatro religiosos, foram enviados ao Brasil e não foram mencionados nesta lista. Segundo nota de rodapé do compêndio “As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí”: “Frei Willibrord Kaese, veio ao Brasil com Frei Henrique, no entanto, “era ainda estudante e queria ser missionário no Brasil. Ficou em Paranavaí até março de 1953, quando foi a Jacarezinho e ingressou no Seminário Diocesano, deixando de ser carmelita”. (SANTIN, 2001, p.09). Os outros três casos são de clérigos que foram enviados ao convento de São Paulo: Frei Sebald Dörsch, Beda Fritsch e Hugo Stumpf, que deveriam concluir a teologia e ir trabalhar em Paranavaí, contudo dois deles retornaram a Alemanha e deixaram de ser carmelitas e o terceiro deixou a ordem permanecendo no Brasil. Cf. BECK, Jacobus. Minha viagem à região missionária de Paranavaí, 1992, p. 36; KNOBLAUCH, Joaquim. Os 25 anos dos carmelitas da Província Germaniae Superioris no Brasil, 1976, p.06.

Doepgen (1956), Frei Matias Warneke (1958), Frei Rafael Mainka (1961), Frei Joaquim Knoblauch (1962), Frei Jerônimo Brodka (1963), Frei Justino Stampfer (1965), Frei Afonso Pflaum (1966), Timóteo Schorn (1967), Frei Agostinho Wolf (1968) e Frei Paulo Pollmann (1971) (KNOBLAUCH, 1976, p.05-06).

2.2 A ORDEM DO CARMO

De qual Ordem religiosa estamos falando? Quais as suas origens? Qual sua doutrina religiosa? Qual o sentido de missão tem esta Ordem mendicante? A Ordem dos Irmãos da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, também chamada de Ordem dos Carmelitas Calçados, ou ainda, Carmelitas da Antiga Observância, para se diferenciarem posteriormente dos Carmelitas Descalços, é identificada pela sigla canônica O. Carm. Fundada no Monte Carmelo, próximo à Haifa, em Israel. Sua regra foi escrita entre 1206 e 1214, período em que “Santo Alberto, Patriarca de Jerusalém dá-lhes uma Regra escrita e reúne-os perto da fonte de Elias, sob a obediência de Brocardo [...], primeiro Superior Geral da Ordem Carmelita.” (GOMES, 2008, p.77).

Entre 1226 e 1229 ocorreu a primeira emigração dos carmelitas à Europa, e a partir de 1237 esses religiosos foram obrigados a deixarem a Palestina em virtude da invasão muçulmana. Assim inicia-se paulatinamente a expansão da Ordem pela Europa e, posteriormente, para os países fora da Europa.

No ano de 1245, Simão Stock, foi eleito o primeiro Prior Geral da Ordem:

Este consegui do Papa Inocêncio IV, a 1 de Outubro de 1247, a aprovação da Regra, adaptada às novas circunstâncias. É nesta época que se define o perfil mendicante da Ordem, com a concepção do hábito (o escapulário e o manto, primeiro às listas brancas e castanhas, depois toda branco), do carisma da imitação de Maria [...] Com isto, a Ordem Carmelita começou uma nova vida (GOMES, 2008, p.77).

Na Espanha do século XVI, ocorreu uma reforma dentro da doutrina da Ordem Carmelitana, conduzida por Tereza de Ávila (1515-1582), que tinha por intuito voltar às origens e à vivência da Regra Primitiva. A religiosa instaura o ramo feminino, mas para conseguir efetuar a reforma do ramo masculino, foi auxiliada por João da Cruz (1542-1591). A partir desta reforma ocorreu um desdobramento da Congregação carmelita, passando os reformados a serem conhecidos como Carmelitas Descalços. (DEBASTIANI, 2010, p. 07-08).

Os carmelitas se dividiram em três Ordens clássicas: a primeira Ordem, formada pelos padres ou religiosos (os frades), a segunda ordem, formada pelas monjas e monjas de estrita

clausura e, finalmente a terceira ordem, formada pelas congregações religiosas (as irmãs), os Institutos seculares (consagradas), a Ordem Terceira do Carmo (OTC, os terciários) e outros movimentos leigos, contudo, apesar da divisão os três grupos devem ter como inspiração a Regra carmelitana. (BOAGA, 1989, p.13).

Os carmelitas portugueses chegaram ao Brasil em 1580, se estabelecendo como a terceira ordem religiosa no Brasil, depois dos jesuítas e franciscanos. (MONTEIRO, 1978).

Iniciou-se deste modo, o chamado Ciclo missionário, que decorreu entre 1579 e 1720 [...] a primeira fundação foi a de Olinda (1583), a que se seguiram as de Bahia (1586), por Fr. Damião Cordeiro, Santos (1589) e Rio de Janeiro (1590). (GOMES, 2008, p. 80).

A Ordem Carmelita, durante os primeiros séculos de trabalho religioso no Brasil, obteve grande desenvolvimento, logrando estabelecer conventos em grandes áreas de influência. Foram construídos os conventos de: “Angra dos Reis (1593), São Paulo (1596), São Cristovão do Sergipe (1600), Paraíba (antes Vila Real, 1608), São Luís (MA, 1616), Belém de Pará (1624), Mogi das Cruzes (1629).” (BOAGA, 1989, p.203). O convento de Olinda foi o centro irradiador de toda a expansão missionária carmelitana:

Foi do convento de Olinda, casa central de suas missões, e, pela antiguidade, também cabeça de todos os outros cenóbios carmelitanos fundados no Brasil, donde saturam os primeiros missionários carmelitas, para christianizar os selvícolas do Maranhão, Grão-Pará e Amazonas. [...] O zelo dos obreiros carmelitanos fez também com que desse Carmelo olindense partissem diligentes operários evangélicos em todas as direcções, fundando diversas casas no Sul do paiz: Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Santa Catarina, S. Paulo, Minas, e no Norte: Pernambuco, Parahyba, Maranhão, Pará e Amazonas (PRAT, 1941, p.29).

De acordo com o enunciado, os carmelitas estiveram presentes no início do processo de colonização do Brasil, obtendo um importante papel na colonização e cristianização nos primeiros séculos de história deste país, isso pode ser evidenciado, em função da grande expansão territorial que a Ordem Carmelita alcançou. A partir da documentação estudada, constatamos que existe uma tendência em vincular a Ordem Carmelita ao início do processo de colonização do Brasil, principalmente ao que se refere à colonização do estado do Amazonas.

Os Carmelitas Descalços portugueses chegaram à Bahia, no ano de 1665 e fundaram dois conventos no nordeste do Brasil, o da Bahia e o de Olinda. Posteriormente, com a Independência do Brasil em 1822, foram expulsos do Brasil em virtude de sua associação

religiosa com a Província portuguesa (MATTOS, 1964, p.20). Os carmelitas Descalços só retornaram ao Brasil em 1911.

[...] procedentes da Espanha e da Itália. Os frades espanhóis da Província de Burgos estabeleceram-se no sul do país, dando origem a Província de Nossa Senhora do Carmo, que até hoje se mantém como unidade autônoma. Os frades italianos, vindos da Província de Roma, fixaram-se, inicialmente, em Minas Gerais e, em seguida, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na década de 1950, outros frades italianos, pertencentes à Província Toscana, fundaram conventos na cidade de Caratinga, em Minas Gerais, e no município de Campos, no Rio de Janeiro. Na década de 1960, frades carmelitas descalços originários da Província da Holanda estabeleceram conventos em Belo Horizonte, em Minas Gerais, e em Ilhéus, na Bahia. Em 1978, todos esses conventos foram reunidos, formando a atual Província de São José, que engloba todos os conventos do sudeste do Brasil. (DEBASTIANI, 2010, p.07).

Os Carmelitas Calçados viveram um grande desenvolvimento durante o Brasil Colônia e no início do Império, “[...] o Carmelo começou a entrar em declínio, arruinando-se a tal ponto, que no Segundo Império, pode-se dizer que se encontrava em verdadeira agonia” (MONTEIRO, 1978, p.08). Em 1890 existiam no Brasil apenas oito carmelitas, sendo três no Rio de Janeiro, dois na Bahia, um em São Luís e dois em Pernambuco (BOAGA, 1989, p.206).

Esse panorama começou a mudar com o advento da República e a consequente separação entre Igreja e Estado, levando ao fim do Padroado no Brasil. “As ordens religiosas, que haviam sido enfraquecidas pelo decreto de 1855, começaram a recrutar e a importar novos membros. Foram criadas novas dioceses, e o controle episcopal sobre as atividades clericais cresceu” (MAINWARING, 2004, p.42).

O Decreto Imperial de 1855, que proibia as Ordens religiosas de aceitarem noviços, com a Proclamação da República teve sua validade revogada. Segundo Rosendahl, no Brasil entre os anos de 1551 a 1854, foram criadas doze dioceses e, a partir da proclamação da República, entre 1890 e 1930 esse número subiu para oitenta dioceses. (ROSENDAHL, 2012, p.74).

A partir de então a Igreja passa a ter mais liberdade, e, conseqüentemente, em função do catolicismo ultramontano ocorre a vinda de religiosos europeus ao Brasil, inclusive a Ordem Carmelita:

Iniciou-se desse modo, a restauração, primeiro com os Carmelitas espanhóis, em seguida em 1904 com os holandeses de saudosa memória. A Ordem tornou a florescer em todo o Brasil e conta atualmente com inúmeros conventos e paróquias em vários Estados. A Província de Pernambuco

abrange os Estados de Pernambuco e da Paraíba; a Província Carmelitana de Santo Elias abrange os Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Guanabara, Minas Gerais, Goiás e também Brasília; a Província da Bahia foi anexada à Província Carmelitana de Santo Elias; além disso muitos Carmelitas da *Província Alemã Superior* se encontram no *Estado do Paraná*, onde se dedicam a diversos tipos de apostolado (MONTEIRO, 1978, p.16 (grifo nosso)).

Segundo informações da página “Carmelitas no Paraná”, a Ordem iniciou seu trabalho no Paraná no ano de 1709, quando os carmelitas de São Paulo efetuaram uma fundação em Tamanduá no atual município de Balsa Nova, que durou aproximadamente até 1850. No século XX os carmelitas de São Paulo fizeram mais duas tentativas de estabelecimento em terras paranaenses: Paranaguá (1915-1919) e Curitiba, na Paróquia Nossa Senhora do bairro Boqueirão (1954-1959)³³. A respeito dessas fundações no Paraná, Gumieiro ressalta:

Uma das importantes ordens que se estabeleceram no Paraná ainda no século XVIII foi a Ordem dos Carmelitas que chegaram na primeira década, em 1709, na localidade onde hoje fica o município de Balsa Nova, nos arredores de Curitiba, lá permaneceram até metade do século XIX. Eles também estiveram no município de Castro até 1770 (GUMIEIRO, 2013, p.49).

Essa passagem, marcada pela interrupção, nos faz entender a afirmação de Frei Ulrico em seu artigo intitulado “Introdução”: “O padre Geral deu-me, através do Provincial de Pernambuco, a ordem para procurar um lugar nos estados sulinos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, onde ainda não existia convento Carmelita” (GOEVERT, [1957] 1992, p.08).

2.3 A MISSÃO

Um projeto missionário tem por princípio levar o evangelho a povos que desconhecem a religião ou que estão com suas crenças religiosas abaladas. A “missão” está presente no cristianismo desde seus primórdios: “Anunciar o Evangelho não é a glória para mim, é uma obrigação que se me impõe. Ai de mim se eu não anunciar o evangelho.”³⁴. Está certo que a perspectiva de missão na modernidade abarca outros ramos de atuação, mas o núcleo comum permanece, “anunciar ao mundo a boa nova do Reino de Deus” levando adiante a missão de Jesus Cristo. Inserindo no contexto de Paranaíba, os missionários alemães durante o processo de institucionalização do catolicismo levaram adiante o compromisso de propagar a palavra de Deus e levar a salvação à comunidade.

³³ <http://www.freiscarmelitas.com.br/no-parana/>

³⁴ Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios 9,16- , p.1473

Diferente dos jesuítas do século XVI, os carmelitas não tinham por missão catequizar uma população que desconhecia o cristianismo, ao contrário, a população de Paranavaí já conhecia a religião católica, contudo o catolicismo vivenciado era distante do almejado pela instituição, que nesse momento, era representada pela figura do bispo Dom Geraldo Sigaud e pelos missionários.

Frei Burcardo Lippert, em carta publicada em 1954³⁵, traz uma definição a respeito do envio de missionários:

Que em nossa Ordem a ideia missionária está sempre mais acentuada, vê-se não só na cerimônia de envio missionário em nosso novo ritual. [...] Mesmo que o caminho seja longo, dificultoso e cheio de pedras, não se deve ter medo de sacrifício, estorvos e dificuldades e recuar diante disso. [...] O povo que crê reconhece na grande tarefa missionária da Igreja como é necessário que os missionários, os padres e os leigos devem colaborar através de orações e ofertas materiais para cumprir o legado e a tarefa missionária de Cristo: “Ide por todo o mundo e ensinai a todas as gentes.” (LIPPERT, 2001, p.44).

Nessas palavras o missionário elabora um discurso de apologia à Ordem Carmelita, mas o que nos chama a atenção é o pedido de auxílio explícito no discurso. Como as cartas eram publicadas na Alemanha, esse pedido de ajuda é direcionado aos leitores da revista, tanto aos religiosos que faziam parte da Ordem como à população católica; um pedido pela vinda de mais religiosos para trabalharem nas missões, como também ajuda material para a propagação e edificação da missão.

As práticas adotadas pelos missionários partiam do pressuposto que era necessário recristianizar a comunidade, aproximá-la do catolicismo oficial. Para levar tal projeto, os missionários investiram na construção de novas igrejas nos povoados e cidades que circundavam Paranavaí, além de investirem em práticas sociais, para aproximar a população da verdadeira mensagem religiosa.

No documento da Ordem, a missão está vinculada à participação na missão projetada por Jesus Cristo:

A experiência autêntica de Deus feita por uma fraternidade contemplativa impele necessariamente a fazer nossa a missão de Jesus, enviado a proclamar a Boa Nova do Reino de Deus e para a libertação total de todo o pecado e opressão. Enquanto carmelitas, a nossa inserção no apostolado faz parte integrante do nosso carisma (RATIO INSTITUTIONIS VITAE CARMELITANAE, 2000, p.46).

³⁵ *Karmelstimmen*, junho de 1954, número 6, p. 180-185.

A missão pensada está ligada à sua própria razão de existir, na proposta de imitar Cristo no apostolado e o missionário é compelido a anunciar Jesus Cristo e, a partir da evangelização, encaminhar as pessoas à salvação.

Na perspectiva católica, evangelizar é “dar a boa notícia”, levar ao “outro” os preceitos cristãos ocasionando assim a mudança de hábitos, crenças e valores.

A razão de ser da Igreja é evangelizar. Evangelizar é propriamente a missão da Igreja; ela existe para evangelizar. [...] O que é evangelizar? Evangelizar diz respeito aos “evangelhos”: evangelizar é anunciar e publicar a mensagem dos “evangelhos”. Ora, a mensagem dos evangelhos consiste nisto: o anúncio de Jesus Cristo (COMBLIN, 1980, p.07).

A missão evidencia como uma de suas principais características, um forte apelo cristológico, além de ser uma eficiente maneira de garantir um espaço relevante de atuação da instituição católica frente ao mundo moderno, e estendendo assim a um maior número de fiéis o modelo católico de interpretação do mundo. Esquerda Bifet ressalta que:

La misión se aprende, en la teoría y en la práctica, a partir del encuentro con Cristo resucitado. Es él quien envía y comunica la misión. [...] La misión de Jesús es “sin fronteras”, es decir, a partir de las fronteras de la fe, y siempre más allá de las fronteras geográficas, sociológicas, culturales, religiosas. [...] La “misión” no es, pues, principalmente una idea o un proyecto de actividad, sino la experiencia de un encuentro vivencial con Cristo resucitado que da sentido y plenitud a la vida y a la actividad misionera (ESQUERDA BIFET, 2008, p. 04-05).

A definição de missão defendida por Esquerda Bifet está em consonância com a de Comblin, na qual o conceito de missão está ligado ao envio de um grupo de religiosos para uma comunidade com o intuito de apresentar-lhes a ou rerepresentar-lhes os ensinamentos salvíficos.

É evidente que o conceito de missão não foi o mesmo ao longo da história do cristianismo: “A missão é histórica: a ação concreta do missionário não é repetição do mesmo modelo, e sim invenção do modelo que responda ao ponto de impacto da mensagem nos tempos de hoje” (COMBLIN 1983, p.65).

Os missionários alemães edificaram sua própria perspectiva de missão de acordo com o instituído pela Ordem religiosa à qual pertenciam, mas souberam criar suas próprias estratégias para perpetuarem seu êxito.

Nesse sentido a instituição tem por objetivo primordial levar o evangelho, em seu sentido soteriológico³⁶; esses homens são missionários e não podemos retirar o aspecto religioso desse empreendimento. Tampouco podemos nos ater apenas a esses aspectos, pois o trabalho missionário não fica circunscrito apenas ao religioso, engloba as áreas culturais, sociais, econômicas e operam mudanças em outros aspectos da vivência humana (COMBLIN, 1983).

Se o objetivo principal dos freis alemães era levar a comunidade de Paranavaí a uma mudança em sua maneira de vivenciar o catolicismo, foi necessário que os missionários incorporassem um dos preceitos da Ordem Carmelitana: a tolerância. Em alguns momentos, as práticas religiosas e sociais da comunidade foram adaptadas à doutrina Católica e, em outras, hostilizadas. Como exemplo, podemos citar uma passagem de Frei Ulrico:

Agora quero contar algo sobre as pessoas que chegam aqui, nestes lugares novos, para colonizar a terra. Muitas vezes são refugiados de outros estados ou países, que querem construir uma nova vida. Por isso temos também uma mistura internacional aqui reunida. Graças a Deus não vêm só aventureiros, mas também pessoas e famílias íntegras, que dão gosto ao missionário. Outros, pelo contrário, têm um passado duvidoso atrás de si querem continuar a sua velha safadeza neste novo local. Quantas vezes nestes primeiros anos de meu trabalho aqui me aconteceu de algum colono chegar até mim e confidencialmente me contar que havia cometido um erro. Outro, que praticou um crime hediondo e tem até mesmo uma morte na consciência. Para limpar o passado todos dão sumiço nos documentos e providenciam novo registro de nascimento. O que mais posso fazer com estas pessoas senão ajudá-las o máximo para que possam se tornar novamente membros úteis de uma comunidade? (GOEVERT, [1957] 1992, p.52).

Frei Ulrico, além de oferecer um panorama do início do processo de ocupação de Paranavaí, reconhece que algumas pessoas seguem os preceitos cristãos. Contudo, existiria uma parcela da comunidade que carecia de um líder espiritual, alguém que guiasse seus passos. Possivelmente a proposta era trazer a comunidade para a Igreja e incutir a ideia de pertencimento a um grupo para, aos poucos, estabelecer comportamentos religiosos e sociais considerados mais conformes com o esperado.

Podemos afirmar que as estratégias utilizadas pelos missionários, em uma parcela da população local, se configuravam como uma maneira de assegurar o sucesso da missão. O discurso dos missionários acarretaria mudanças nas práticas ou na “formalização das práticas”

³⁶ Soteriologia é por definição a parte da teologia que trata especificamente da salvação conforme efetuada por Jesus Cristo. A palavra soteriologia vem da palavra “soterion” (soth, rion) que significa salvação, é relacionada também com “sóter” (swte, r), salvador; e com “sozo” (sw, zw) salvar; resumidamente diz respeito a doutrina da salvação. (BERTI, 2009). Disponível em: <http://marceloberti.wordpress.com/2009/02/11/introducao-a-soteriologia/> Acesso em: 26/07/2014.

católicas (CERTEAU, 1982), tão almejada por um clero inserido na proposta do catolicismo ultramontano.

2.4 CATOLICISMO ROMANIZADO

Para analisarmos a institucionalização do catolicismo em Paranavaí-PR, na década de 1950, necessitamos situar nossos personagens no contexto religioso do Brasil: o catolicismo ultramontano, que tem sua propagação nesta parte do globo aproximadamente em meados do século XIX, mas que só a partir da Proclamação da República alcançou ressonância.

A instituição eclesiástica brasileira, até a proclamação da República, passou por um vertiginoso período de enfraquecimento de sua autoridade em virtude de sua relação com o Estado (AZEVEDO, 1978). O Padroado prejudicava os interesses romanos, pois subjugava o clero brasileiro.

A partir de 1889, com a Proclamação da República e a separação entre Igreja e Estado com a instituição do decreto provisório nº 119A, de 07 de janeiro de 1890, uma parcela do clero brasileiro passou a conjecturar acerca dos novos rumos que a Igreja católica ia tomar frente a nova situação, pois seria possível estabelecer um vínculo mais forte com o clero romano, sem a intervenção do Estado em função do rompimento do Padroado (CASALI, 1995, p.66): “toda a Igreja brasileira se viu praticamente empurrada para uma articulação de apoio externo, e Roma soube aproveitar essa condição favorável a seus projetos de Restauração” (CASALI, 1995, p.68).

O termo restauração católica está ligado à etimologia da própria palavra restaurar “não se trata de introduzir novas perspectivas ou novas orientações na vida da Igreja, mas fundamentalmente em reconduzir a instituição eclesiástica a um modelo antigo” (AZZI, 1994, p.22). O movimento de restauração da Igreja era uma tentativa de restaurar o poder que a Igreja tinha sob a sociedade, garantindo assim, sua permanência como instituição privilegiada que rege a vida espiritual da população³⁷.

³⁷ A obra de Mainwaring evidencia a distinção entre a política de romanização levada a cabo por Pio IX e o projeto de Restauração católica de Pio XI, que visava ampliar a influência da Igreja. Segundo o autor: “Os líderes do movimento reformista no Brasil eram politicamente conservadores, adeptos dos ensinamentos do papa Pio IX (1846-1878). Estavam intimamente ligados a Roma. [...] e insistiam na obediência à hierarquia, no celibato e no uso de trajes clericais”. Já no tocante ao “papado de Pio XI (1922-1939), cuja visão da Igreja e da política aproximava-se à de Dom Sebastião Leme. Sob Pio XI, os movimentos da Ação Católica tornaram-se peças-chave dentro da Igreja. Pio XI julgava os partidos políticos como sendo demasiadamente divisionistas, mas, mesmo assim, buscava alianças com o Estado para defender os interesses católicos. Ele apoiou diretamente e encorajou Dom Sebastião Leme em seus esforços para promover uma restauração católica.” (MAINWARING, 2004, p. 42-43).

Para precisarmos uma definição de catolicismo ultramontano, faremos uso da descrição efetuada por Manoel (2004), que estabelece quatro pontos de sustentação:

1) Reforço do tradicional magistério, incluindo-se a tomada do tomismo como única filosofia válida para o cristão e aceitável para a Igreja; 2) condenação à modernidade em seu conjunto (sociedade economia, política, cultura); 3) centralização de todos os atos da Igreja em Roma, decretando-se, para isso, a infalibilidade do Papa, no Concílio Vaticano I, em 1870, de modo a reforçar a hierarquia, onde o episcopado foi bastante valorizado, submetendo todo o laicato ao seu controle; 4) adoção do medievo como paradigma de organização social, política e econômica. O objetivo dessa política era, de imediato, preservar a instituição em face das ameaças do mundo e, a médio e longo prazo, recristianizar a sociedade, de modo a recolocar a Igreja como centro do equilíbrio mundial (MANOEL, 2004, p.45).

Esse movimento se coloca como uma tentativa da Igreja Católica Romana de firmar sua hegemonia no mundo, principalmente a posição do papa, cuja infalibilidade é reforçada no Concílio Vaticano I (1869-1870). É necessário ressaltar que o catolicismo ultramontano não foi o mesmo em todos os países que praticavam o catolicismo³⁸, mas este trabalho centra sua atenção nas peculiaridades que este adquiriu no Brasil.

Azzi (1981) traça um interessante itinerário acerca do catolicismo ultramontano no Brasil dividindo este período em três fases: A primeira etapa (1844-1889) é chamada de Reforma Católica e é caracterizada pelo esforço da Igreja Católica em adquirir mais autonomia em questões religiosas.

A segunda etapa é denominada Reorganização Católica (1890-1920), e é nesse momento que se estimula a criação de paróquias, dioceses e províncias eclesiais, além de ser principalmente neste período que ocorre o aumento do número de congregações religiosas que se estabelecem no Brasil para auxiliarem os bispos na instituição de um catolicismo mais condizente com as diretrizes de Roma.

A terceira etapa (1921-1960) é denominada Restauração Católica, na qual o clero brasileiro busca uma nova aliança com o poder civil, numa tentativa de ganhar espaço dentro da sociedade e restabelecer a sua posição de orientador da vida religiosa do país.

³⁸ Como evidencia Manoel, ao falar de Igreja Católica, é necessário deixar claro de que Igreja se está falando, pois esta instituição não foi a mesma no decorrer de seus dois mil anos de existência. Da mesma forma ao analisar o projeto ultramontano não poderia ser diferente pois este projeto também adquiriu suas particularidades (MANOEL, 2004, p.08-09).

A história da Igreja católica na década de 1950 foi marcada pela criação da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil)³⁹, que acarretou uma expressiva mudança no rumo da Igreja. Entre os anos de 1922 a 1942, período em que o Cardeal Sebastião Leme, esteve a frente da instituição católica, o projeto de atuação da Igreja na sociedade brasileira esteve voltado para o fortalecimento da Igreja, e na tentativa em impor a sociedade, valores éticos e religiosos com o apoio do Estado.(AZZI, 2008b, p. 620). “Nasce, em 1921, uma era de harmonia entre Igreja e Estado, de aprofundamento do pensar religioso e da informação de nossa legislação pelos princípios da doutrina social católica.” (MOURA, 1978, p. 83)

Com Dom Helder Câmara, houve uma mudança significativa: a Igreja passou a se preocupar com a realidade brasileira, principalmente no que tange aos problemas sociais, no esforço para adequar-se aos novos tempos e, assim, continuar exercendo influência sobre a sociedade brasileira. (AZZI, 2008b, p. 620).

Uma das particularidades do caso brasileiro, foi a presença de várias congregações religiosas numa tentativa de atenuar as mazelas pelas quais passava o sacerdócio no Brasil, traduzidas pela elevada falta de padres e a má formação teológica de grande parcela dos que aqui existiam. Nesse sentido, o envio dos missionários alemães ao Brasil vem ao encontro das práticas políticas do clero brasileiro, como ressalta Oliveira:

Esses religiosos e religiosas abundantes na Europa são enviados para as missões coloniais e também para reforçar os movimentos de reforma nos países já cristianizados. Assim é que a Santa Sé envia aos bispos brasileiros padres e freiras para se ocuparem nas atividades pastorais e sociais da Igreja, aumentando os efetivos de agentes romanizadores. [...] Sendo esses religiosos e religiosas gente formada em espírito de obediência e imbuída do ideal romanizador, eles constituem um formidável efetivo de agentes aptos a levar em frente o processo de romanização. (OLIVEIRA, 1985, p. 293).

O envio do primeiro missionário pela Província Carmelita Alemã está associado a este contexto e encontrou nesse estímulo à vinda de congregações religiosas ao Brasil, a possibilidade de expandir a área de atuação da Ordem. Possivelmente, em vista disso reside a preocupação da Ordem Carmelita, ao se instalar em Paranavaí, em construir seminários.

Com os seminários, a Ordem poderia formar quadros para propagação de seus preceitos religiosos. Foram construídos três seminários no Paraná: em 1954 foi construído o Seminário Imaculada Conceição de Graciosa, no Distrito de Graciosa, Paranavaí; em 1967,

³⁹ Segundo Campos, a CNBB e o CELAM (Conselho Episcopal Latino-Americano) são organizações que visam animar, coordenar e, de certa forma, centralizar as atividades da Igreja Católica no continente e no Brasil. (1981, p. 35).

foi fundado um seminário na Vila Fanny, em Curitiba e, em 1969, ocorreu a fundação do Seminário São João da Cruz, em Paranaíba.⁴⁰

Uma figura de destaque no contexto religioso e político do Brasil no início do século XX, Dom Sebastião Leme assumiu a arquidiocese de Olinda em 1916. Ao momento de sua posse como arcebispo, escreveu uma Carta Pastoral, um documento que foi divisor de águas na história católica do Brasil⁴¹: “Essa Carta Pastoral de Dom Sebastião Leme, arcebispo Metropolitano de Olinda, saudando seus diocesanos, 1916, é um marco na história espiritual do Brasil” (VILLAÇA, 2006, p.134).

A carta continha uma dura crítica ao povo brasileiro, pois o qualificava de um povo imbuído de ignorância religiosa: “Dom Leme julga que o mal é a ignorância religiosa” (VILLAÇA, 2006, p.134). Essa temática é recorrente no discurso dos religiosos no Brasil deste momento e os missionários alemães abordaram essa problemática de maneira enfática, como veremos adiante.

A partir das palavras de Dom Leme, de que a sociedade brasileira padecia de uma patologia que só seria sanada a partir da aproximação de fato entre o povo e Deus e por extensão, com a instituição católica, podemos conjecturar que a prática adotada pelo clero brasileiro de angariar mão de obra religiosa para auxiliar na ação de restauração da Igreja católica brasileira, tinha por intuito salvar o Brasil da ignorância religiosa.

Frei Ulrico chegou ao nordeste brasileiro, especificamente a Recife-PE, no dia 01 de março de 1936 e daí foi deslocado para Goiano-PE, donde iniciou seu trabalho religioso como mestre de noviços. Após quatro anos, em 1940, Frei Ulrico mudou-se para Recife-PE, onde permaneceu até 1951. (GOEVERT, [1957] 1992, p. 08).

O envio de Frei Ulrico configura-se enquanto estratégia utilizada pelas Congregações religiosas que enviam missionários para se ambientarem ao local, aprenderem a língua e se adaptarem à cultura. É um meio de averiguação, de conhecer as potencialidades do mesmo e, principalmente, esquadrihar a viabilidade da fundação de uma região missionária.

“Longo, longo tempo faz” diz uma antiga canção alemã e “longo, longo tempo faz”, [...], desde que os superiores da Província Carmelita Alemã pensaram em assumir no Brasil um trabalho missionário. Como a Província não tinha condições suficientes para enviar muitos padres, fui enviado sozinho no dia 14 de fevereiro de 1936 para me aclimatar e aprender a língua. Mais tarde seriam mandados outros (GOEVERT, [1957] 1992, p.08).

⁴⁰ <http://www.freiscarmelitas.com.br/no-parana/>. Acesso em 17/06/2014.

⁴¹ O documento era direcionado aos fiéis da Arquidiocese de Olinda e Recife, contudo o documento adquire magnitude nacional, e passa a ser utilizado para repensar a recristianização da sociedade brasileira.

Frei Ulrico chegou ao Brasil às vésperas da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), o que acarretou uma lentidão em seu projeto missionário: “Logo, porém, chegaram as arruaças nazistas e a guerra. Em consequência disto, o projeto missionário foi temporariamente adiado pelos superiores. Adiado, mas não abandonado” (GOEVERT, [1957] 1992, p.08).

Em 1951, retoma a idealização da fundação de uma região missionária “com a situação já normalizada, recebi a incumbência dos meus superiores de Roma e Bamberg para fundar no sul do Brasil um posto missionário para a Província Carmelita Alemã” (GOEVERT, [1957] 1992, p.08).

Werle (2006), ao analisar os Congressos Católicos realizados na Alemanha e no sul do Brasil, afirma que a emigração de alemães para a América Latina não era recomendada, a não ser que o destino fosse o sul do Brasil, onde a vida religiosa do emigrante estaria assegurada: “A emigração para o Brasil passou a ser recomendada no final dos anos de 1870, depois que os jesuítas alemães se instalaram em maior número no sul. A presença de religiosos alemães era fundamental para uma avaliação positiva da região” (WERLE, 2006, p. 92).

O trabalho de Werle é interessante, pois coloca em evidência que já existia um diálogo entre o Brasil e a Alemanha para trazer ordens religiosas para o sul do país, o que de alguma maneira podemos ligar ao desejo da Ordem Carmelita, representada nesse momento pela figura de Frei Ulrico em almejar o sul do Brasil para a abertura de um posto missionário.

Nesse sentido Werle (2006), demonstra que já existia na Alemanha, principalmente na região de Mainz, em finais do século XIX um movimento da Igreja católica que intencionava se tornar a Igreja mais atuante no meio social. Com isso não queremos afirmar que esse movimento desembocou com o envio de Frei Ulrico ao Brasil, mas pontuar que essa é uma das questões que, atrelada ao catolicismo ultramontano, possibilitou o desenrolar dos fatos.

Em 26 de agosto de 1951, Frei Ulrico deixa Recife à procura de uma região missionária nos estados sulinos do Brasil. De Recife, vai ao Rio de Janeiro onde não obtém sucesso. Deixa esta localidade e vai a São Paulo, onde é informado acerca da possibilidade de uma região missionária no Estado do Paraná.

A narrativa de Frei Ulrico acerca da busca de um lugar para a fundação de um posto missionário é marcada pelo desalento, pela tentativa de evidenciar a dificuldade que foi a busca e a consequente aquisição do território apropriado para a fundação.

Como foi estabelecido, não se tratava de qualquer território missionário; deveria ser localizado nos estados sulinos. Em relação às dificuldades de “encontrar” uma região missionária, Frei Ulrico expressa o desalento pela sua curta estadia em São Paulo: “Com mais

esta frustração voltei triste para o nosso convento” (GOEVERT, [1957] 1992, p.11). Nessa narrativa, Frei Ulrico demonstra, além da tristeza, a dificuldade pela qual passava para encontrar um lugar e erigir o trabalho que lhe havia sido atribuído por sua Ordem ao sair da Alemanha.

Em relação ao desejo de que a fundação da região missionária ocorresse no sul do Brasil acreditamos que, provavelmente, essa aspiração esteja ligada ao fato de nessa região do país naquele momento histórico existir uma relevante quantidade de colonos alemães, além do desejo de sua Ordem ambicionar a aquisição de uma frente missionária na qual ainda não havia convento Carmelita.

No Paraná, Frei Ulrico foi encaminhado à cidade de Jacarezinho⁴², onde estabeleceu contato com o bispo dom Geraldo de Proença Sigaud, SVD (1946 a 1961), religioso de grande importância nacional, principalmente por seu caráter conservador e ultramontano.

Segundo Meira, o bispo Sigaud é considerado um dos cofundadores da “Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família Propriedade⁴³ e influenciou, como veremos nos capítulos subsequentes, as ações de Frei Ulrico em relação às práticas missionárias. Segundo Frei Ulrico:

Após dar-me a bênção episcopal, ele pediu-me, para sentar e apresentar meus desejos. Entreguei-lhe a carta de apresentação do seu amigo Frei Jerônimo, e os documentos de Roma e Bamberg. Depois de ter lido os papéis, o bispo me disse num alemão correto: “Os seus superiores parecem ter grande confiança no senhor e eu quero unir-me a eles neste sentido. [...] Mostrou-me cinco cidades com paróquias vagas e disse-me: “Aqui, escolha uma para o senhor”! [...] Eu respondi que confiante colocaria a nova fundação em suas mãos, pois ele deveria saber bem onde eu poderia satisfazer os desejos dos meus superiores. Após uma reflexão ele me disse: “Eu tenho ainda uma paróquia, que é a maior da minha diocese, terra nova onde tudo deve ainda ser organizado. E esta tem uma superfície de 12.000 km². Chama-se Paranaíba” (GOEVERT, [1957], 1992, p.12-13).

Essa passagem apresenta a união selada entre o poder religioso no Brasil e a Ordem Carmelita. O primeiro, representado pela figura de dom Geraldo de Proença, que abre espaço para a entrada da Ordem Carmelita no Paraná, especificamente em Paranaíba, uma comunidade que “necessitava de direcionamento espiritual e temporal”. A segunda,

⁴² A diocese de Jacarezinho foi criada a partir o desmembramento da diocese de Curitiba em 1926: “[...], foi a partir da Diocese de Curitiba que as outras dioceses tiveram origem, isto é, a Diocese de Curitiba originou as dioceses de Jacarezinho, Ponta Grossa, Paranaguá e União da Vitória. (ROSENDAHL, 2012, p.136).

⁴³ MEIRA, Élmes Xisto. FAFIJA, p. 04-05.

<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Meira,%20Elmes%20Xisto.pdf>. Acesso em 01/07/2014.

representada por Frei Ulrico, que aspirava a aquisição de uma região, na qual pudesse satisfazer seus projetos expansionistas.

Tradutor da passagem acima, Santin introduziu a seguinte nota de rodapé: “Frei Ulrico contava que o bispo ainda disse: ‘É um lugar para onde ninguém quer ir. Nem os capuchinhos’”, Novamente presenciamos o enaltecimento da figura de Frei Ulrico, investindo-o de coragem e poder por seu espírito de bravura,⁴⁴ em aceitar a paróquia de Paranavaí.

Rosendahl relaciona a criação de dioceses no Paraná com os movimentos de frentes pioneiras. Segundo a autora, até 1930 o Paraná tinha apenas três dioceses: Curitiba⁴⁵, Jacarezinho e Ponta Grossa. A partir de 1931 foram criadas mais 14 dioceses⁴⁶, o que implicaria para os missionários alemães em Paranavaí uma mudança de projeto político, pois a partir de 1956, Maringá é desmembrada de Jacarezinho, erigindo sua própria diocese, o que levou a paróquia de Paranavaí estar sob a jurisdição de Dom Jaime Coelho (1916-2013), e não mais de Dom Geraldo de Proença Sigaud.

Ainda em relação a criação da Diocese de Maringá e a consequente mudança de liderança religiosa, Frei Joaquim Knoblauch⁴⁷, resalta que tal mudança acarretou o aumento das dificuldades em relação às aspirações da Ordem Carmelita pois:

Se a nossa província naquela época tivesse tomado a decisão de enviar mais gente para o Comissariado, ou melhor, dizendo, se tivesse confrades suficientes para enviar, hoje a maior parte da atual diocese de Paranavaí estaria em nossas mãos [...] Quando então em 1956 a paróquia de Paranavaí com toda a região passou a pertencer à recém-criada diocese de Maringá, a nossa situação complicou-se (agravou-se ainda mais). O bispo de Maringá não era nada favorável (simpático) aos religiosos. Por isso era impensável a aceitação de uma nova paróquia em sua diocese. Assim de tudo que era paróquia de Paranavaí no tempo de fundação só ficou para o Comissariado

⁴⁴ Nesse momento a paróquia de Paranavaí englobava as seguintes localidades: Alto Paraná, Amaporã, Diamante do Norte, Guairaçá, Loanda, Marilena, Nova Esperança, Nova Londrina, Paraíso do Norte, Planaltina do Paraná, Porto Rico, Santa Cruz do Monte Castelo, Santa Isabel do Ivaí, Santo Antonio do Caiuá, São Carlos do Ivaí, São João do Caiuá, Tamboara, Terra Rica, Querência do Norte. Além dos Distritos de Sumaré, Graciosa, Quatro Marcos.

⁴⁵ De acordo com Chiquim: “Através da bula “*Quon in Dies Numerus*”, do Papa Pio XI, foi construída, a 10 de maio de 1926, a Província Eclesiástica do Paraná. Foi o primeiro desdobramento e reforma clerical do Sul do País, com a elevação de Curitiba à arquidiocese (2005, p. 125).

⁴⁶ Londrina (1956), Maringá (1956), Palmas (1958), Toledo (1959), Campo Mourão (1959), Paranaguá (1962), Apucarana (1964), Guarapuava (1965), Paranavaí (1968), Cornélio Procópio (1973), Umuarama (1973), União da Vitória (1976), Foz do Iguaçu (1978), Cascavel (1978). (ROSENDAHL, 2012, p. 136-137).

⁴⁷ Carmelita que foi enviado ao Brasil pela Província Alemã Superior em 1962, escreveu um opúsculo intitulado “Os 25 anos dos carmelitas da *Província Germaniae Superioris* no Brasil”. Nesta dissertação, por uma escolha metodológica, o texto em questão não é usado como referência primária. Segundo Dom Wilmar Santin, esse texto nunca foi publicado como livro e sim como uma espécie de apostila na Alemanha. Foi escrito em alemão e traduzido por Dom Wilmar Santin.

as paróquias São Sebastião de Paranavaí e a de Graciosa (KNOBLAUCH, 1976, p.05).

A passagem é significativa, pois evidencia os projetos de expansão e domínio da Província Carmelita Alemã que foram interrompidos em virtude da falta de religiosos para virem ao Brasil em um primeiro momento e, posteriormente, pela atitude de dom Jaime Coelho que, segundo as palavras do religioso alemão, era contrário à expansão da Ordem.

Essa temática aparece também em um artigo de Frei Ulrico intitulado “A Divisão da Paróquia”, no qual o missionário evidencia que, da mesma maneira que as cidades cresciam e sua população aumentava, assim também deveria crescer o projeto missionário, com o envio de mais freis.

Com o aumento da população em todo o Noroeste do Paraná, foi necessária a criação de novas paróquias. A grande Paróquia São Sebastião começou a ser fracionada rapidamente. Como o envio de mais freis não ocorreu como o desejado por dom Geraldo de Proença Sigaud, a Ordem do Carmo foi paulatinamente perdendo área de influência; perderam a localidade de Alto Paraná, onde foi erigida canonicamente a Paróquia de Santo Antônio de Alto Paraná, no dia 13 de março de 1952. Também perderam a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida de Loanda, erigida canonicamente no dia 01 de abril de 1955, além da fundação de três novas paróquias: Nova Londrina, Paraíso do Norte e Tamboara. Apenas uma paróquia nova, a de Terra Rica, foi sendo atendida pelos padres carmelitas, mas somente até 1958 (GOEVERT, [1957], 1992, p.67-68).

De acordo com o demonstrado, a paróquia de Paranavaí que estava sob a tutela carmelita começou a perder área de influência desde seu início⁴⁸, quando ainda estava sob a jurisdição de dom Geraldo Sigaud. Sob a jurisdição de Dom Jaime, bispo da recém criada Diocese de Maringá esse aspecto só foi ampliado.

⁴⁸ A perda do território se fez sentir muito cedo, pois a primeira cisão ocorreu em 1952, apenas um ano após a chegada de Frei Ulrico.



FOTO 01: Visita de Dom Sigaud à região missionária em 1953.
Fonte: Dom Wilmar Santin⁴⁹

A relação entre dom Geraldo Sigaud e os carmelitas, de acordo com as narrativas dos dois documentos, nos levam a acreditar que entre eles existia certo estreitamento, principalmente pelo fato do bispo ser devoto de Nossa Senhora do Carmo. Segundo a fala de Frei Burcardo, em uma reunião, o bispo teria chamado “abertamente, o nosso superior das missões, Frei Ulrico, de ‘meu grande camponês’”. Com isto ele não queria dizer que Frei Ulrico é da Westfália, mas que o nosso superior atendia pastoralmente a maior paróquia e a maior região”.⁵⁰

2.5 PARANAÍ

Na década de 1950, Paranaíba se caracterizava como espaço em via de ocupação, uma região conhecida como Norte Novíssimo⁵¹ já que a ocupação efetiva deste território iniciou-se na década de 1940, tendo seu ápice na década de 1950⁵².

⁴⁹ Esta foto está no arquivo FLICKR, de Dom Wilmar Santin, intitulado “Paranaíba de antigamente”, no qual o mesmo diz que as fotos deste álbum estão no arquivo do Seminário da Província Carmelita de Bamberg. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/wsantin/2252441776/in/set-72157603872906141>.

Acesso em 29/01/2015

⁵⁰ Publicado em novembro de 1954, na Revista *Karmelstimmen* título original: “*Brasilien-schwieriges Arbeitsfeld*”.

⁵¹ A última região a ser colonizada no Estado do Paraná recebeu o nome de Norte Novíssimo, e compreende cidades como Paranaíba, Umuarama, Cianorte e Campo Mourão. (STECA, 2008, p. 163).

⁵² Em um primeiro momento este território foi chamado de Fazenda Montoya (1928), em seguida de Fazenda Brasileira (1930) e, então de Colônia Paranaíba. Paranaíba teve sua colonização veiculada pelo Estado, o que acarretou o descontentamento da Companhia Terras Norte do Paraná (CTNP), pois em virtude de se tratar de

Paranavaí tornou-se paróquia no ano de 1949, pois antes pertencia a paróquia de Mandaguari, que fazia parte da Diocese de Jacarezinho. Em 1968, é desmembrada da Diocese de Maringá e elevada à categoria de Diocese. (MARINHO, 2008).

Nesse período existia, em Paranavaí⁵³, uma afluência de pessoas de vários lugares do Brasil em busca de melhores condições de vida, que possivelmente seriam proporcionadas pelos atrativos preços das propriedades rurais, ou ainda, pelas oportunidades de empregos que seriam geradas pelas grandes plantações de café, chamado “ouro-verde”: “No final da década de 50, o Paraná, tornou-se inclusive o maior produtor brasileiro de café, chegando mais tarde a produzir 60% do total nacional.” (WACHOWICZ, 2001, p.274). E Paranavaí foi um território onde esta cultura teve um amplo desenvolvimento.

A respeito dos nomes e datas dos primeiros padres da primeira igreja na cidade de Paranavaí os dados analisados são controversos.⁵⁴ Enquanto capela de Mandaguari, a Igreja de Paranavaí teve dois padres: Padre Carlos Prost e o Padre João Guerra. (MARINHO, 2008, p.24-25). Em 1949 foi criada a Paróquia de Paranavaí por onde passaram três padres até a chegada de Frei Ulrico: Padre Joaquim Pereira, Padre Joaquim Loureiro e Carlos Ferrer. Em 31 de agosto de 1951 Frei Ulrico Goevert chegou para iniciar o projeto da Ordem Carmelita da Antiga Observância, que era a aquisição de uma região missionária, unido aos desejos do clero brasileiro de recristianizar a sociedade:

Pedi ao provincial para primeiramente me levar à igreja. Sem me dar resposta, parou diante de uma casa de madeira, sem telhado e com uma pequena torre: “Esta é a igreja. Ela deve ser novamente coberta e aumentada. Este deverá ser o seu primeiro trabalho. (GOEVERT, [1957], 1992, p. 14).

terras devolutas e de colonização oficial os preços das propriedades nesse território eram mais baixos em relação aos vendidos pela CTNP. “Com o interventor Manoel Ribas, em 1933, o Governo paranaense planejou a colonização da Fazenda Paranavaí. A decisão de Ribas contrariava os interesses da Companhia de Terras Norte do Paraná, na medida em que a colonização dos interesses se estendia a Maringá e prometia alcançar as áreas de Cianorte e Umuarama, a preços superiores aos da Colônia Paranavaí que, relativamente eram simbólicos, por tratar-se de empreendimento oficial em terras devolutas”. (SILVA, 1987, p. 54).

⁵³ Pela Lei N° 790, de 14 de novembro de 1951 foi criado o município de Paranavaí, com território desmembrado de Mandaguari. A instalação deu-se a 14 de dezembro de 1952, sendo o primeiro prefeito o Dr. José Vaz de Carvalho. (FERREIRA,1996, p.504).

⁵⁴ Cf. MARINHO, Francisco Fernandes. *A Diocese de Paranavaí: 40 anos de história e evangelização-1968/2008*. Maringá (PR): CAHEL, 2008, p.09; SILVA, P. M. S. da. *História de Paranavaí*. Edição Comemorativa aos 36 anos de Paranavaí. Obra Destinada ao Patrimônio Histórico-Cultural de Paranavaí. Paranavaí, 1987, p.40.; FERREIRA, João Vicente. *O Paraná e seus municípios*. Maringá, PR: Memória Brasileira,1996, p.504.



FOTO 02: Igreja de Paranaíba na década de 1950. Fonte: *História e memórias de Paranaíba*, 1992, p.17

A foto da Igreja⁵⁵ é um indício de todo o trabalho a ser empreendido pela Ordem Carmelita na região de Paranaíba, pois além da edificação espiritual, os missionários foram autores da edificação material da missão. Ao observarmos a imagem podemos imaginar o sentimento que provavelmente tomou conta desse homem, pois a Igreja em nada se assemelhava aos padrões europeus. A foto da primeira igreja foi enviada e publicada na Revista *Karmelstimmen*, mostrando aos leitores alemães o quão dificultoso seria a concretização do projeto missionário. A primeira missão de Frei Ulrico seria a de reformar a Igreja local. A reforma deste espaço sagrado mostrava à comunidade que um novo momento na história de Paranaíba havia chegado e a reforma da Igreja constituía um marco da presença católica na região.

Nas capelas rurais, núcleo de desenvolvimento do catolicismo popular, era mais difícil a propagação do catolicismo romanizado porque “na ausência dos padres, todos retornavam às suas práticas tradicionais de culto aos santos sendo virtualmente impossível implantar novas devoções por falta de agentes permanentes de romanização” (OLIVEIRA, 1985, p.288). Em Paranaíba, esse panorama começou a mudar a partir da chegada de Frei Ulrico e dos demais

⁵⁵ Nota-se que na foto da Igreja existe uma construção ao fundo, que diz respeito ao início da construção da Igreja São Sebastião. (GOEVERT, [1957], 1992, p. 17).

missionários alemães, pois eles se instalam na região e passam a dar assistência religiosa à comunidade com mais regularidade.

A Igreja simboliza um elo entre o homem e Deus, e para que essa vinculação tenha maior eficácia torna-se necessário que essa instituição “se faça ver”. No dia 02 de setembro Frei Ulrico celebrou a primeira missa em Paranaíba:

[...], 2 de setembro de 1951, foi então o dia da posse. Como a igreja não tinha telhado, celebramos o santo sacrifício numa espécie de barraca. Ela não tinha paredes, mas pelo menos estava coberta de madeira. Na segunda missa o provincial me apresentou como pároco a um pequeno número de fiéis e entregou-me em nome do bispo a estola e o decreto de nomeação. No meu primeiro sermão, que fiz como novo pároco da comunidade, pedi principalmente para confiarem em mim e me ajudarem a cobrir a igreja. (GOEVERT, [1957], 1992, p. 15).

A celebração da primeira missa por Frei Ulrico é interpretada como um momento de consagração da Ordem Carmelita e marca o início do processo de edificação do projeto missionário aspirado pelo Comissariado Provincial de Bamberg.

A reforma provisória da Igreja local durou 10 dias e foi realizado o suficiente para que a missa pudesse acontecer dentro de um ambiente propício e contou com a ajuda de uma pequena parcela da comunidade. Frei Ulrico elaborou um texto, no qual narra o sacrifício vivido, desde sua saída de Bamberg até a concretização do projeto aspirado pela Ordem Carmelita:

Grande foi a minha alegria quando pela primeira vez pude acender a luz do sacrário. Naquele momento eu me recordei das palavras do meu bom e antigo provincial, padre Clemens Maria Puchner, na despedida de Bamberg quando eu partia para Pernambuco: “Frei Ulrico, você vai sozinho para um país estrangeiro, talvez nós nunca mais nos vejamos, mas em cada convento há uma igreja, onde a luz do sacrário brilha. No tabernáculo está o nosso melhor Amigo sempre em casa”. E quando no dia 12 de setembro de 1951 a luz do Santíssimo foi acesa, eu estava completamente sozinho na igreja e ali senti a verdade daquelas palavras de despedida. Ajoelhei-me diante do meu Amigo no tabernáculo e lhe prometi: “Salvador, enquanto os carmelitas estiverem aqui, esta luzinha nunca se apagará”. (GOEVERT, [1957], 1992, p. 18).



FREI ULRICO

FOTO 03: Frei Ulrico. Fonte: *História e memórias de Paranaíba*, 1992, p. 05.

É notório como o missionário projeta em suas palavras e ações a questão da necessidade da presença carmelita, quase de modo simbiótico, pois enquanto houver “presença carmelita”, haverá a presença de Deus, e a comunidade em questão estará protegida.

Antes de sair de Recife e iniciar o percurso em busca da aquisição de uma região missionária, Frei Ulrico havia acordado com o Provincial de Recife, Frei Ângelo⁵⁶, que ocorreria o envio de um irmão leigo para ajudar o missionário, neste início de trabalho. No dia 03 de outubro de 1951 chega Frei Estanislau José de Souza⁵⁷: “tinha a cor de pele preta, mas tinha a alma branca e um coração de ouro” (GOEVERT, [1957], 1992, p.19). Até a chegada de outros missionários, em 1952, este leigo participou do início de edificação e recristianização da sociedade de Paranaíba.

Frei Estanislau cumpriu a função de tornar o cotidiano de Frei Ulrico mais brando. Enquanto irmão leigo deu aulas de catequese e foi professor na Escola Paroquial. Como naquele momento, início da década de 1950, muitos itens básicos para a alimentação e para o

⁵⁶ Com exceção do nome que nos foi informado por Dom Wilmar Santin, não conseguimos informações acerca do mesmo, apenas as contidas no livro: *História e memórias de Paranaíba*.

⁵⁷ Religioso nascido em Gravatá - PE, foi catequista e professor na Escola Paroquial e ficou na região de Paranaíba até o ano de 1955, como este não deixou documento escrito acerca de sua participação na edificação do projeto missionário, ele foi apresentado de maneira elucidativa.

bom funcionamento da igreja eram difíceis de serem comprados, devido a distância da região missionária a outros centros, Frei Estanislau caçou aves silvestres e animais de pequeno porte, para suprir a carência de carne em Paranavaí, pois esse alimento era vendido apenas uma vez por semana. Embrenhou-se pela mata em busca de colméia de abelhas, para poder produzir velas com a cera. Frei Estanislau foi o responsável pelo primeiro presépio natalino, após a chegada de Frei Ulrico. (GOEVERT, [1957] 1992, p. 23).

No entanto, nos questionamos por que não ocorreu uma tentativa do missionário alemão na direção de oportunizar a entrada no sacerdócio a Frei Estanislau. Foi uma opção do irmão leigo, ou era uma imposição da Ordem carmelita? Em 1955, Frei Estanislau deixou a Ordem e foi morar no Rio de Janeiro, retornando alguns anos depois a Paranavaí. No ano de 1970 foi para Curitiba onde fez o noviciado e os estudos de Filosofia e Teologia, segundo nota de rodapé acrescentada pelo tradutor, Frei Wilmar Santin (GOEVERT, [1957] 1992, p. 19).

Não sabemos o que pode ter levado Frei Estanislau a deixar a Ordem Carmelita, mas talvez seu ingresso tardio no sacerdócio esteja relacionado com a postura da Igreja Católica em permitir livremente o ingresso de religiosos negros a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), como afirmou Pires: “Foi esse Concílio que fez a Igreja voltar às fontes (‘refontização’), que levou a vida religiosa a rever suas normas e constituições, tomando como referencial número um não a vida e os escritos do Fundador ou Fundadora, mas o Evangelho.” (PIRES, 2009, p. 18).

Uma das ações de Frei Estanislau, narradas por Frei Ulrico, que mereceu destaque foi a construção de um presépio natalino:

Visto que estou contando sobre o Frei Estanislau, quero aqui continuar e relatar como este simples irmão leigo, que é negro, me ajudou nestes primeiros anos. Nunca esquecerei como preparou a primeira festa do natal. Aqui dezembro cai em pleno verão e faz um calor terrível. Pelo fato de as crianças gostarem muito do Frei Estanislau, ele foi com um grupo delas e alguns jovens, no mato e na roça dias antes do natal, buscar o material necessário para montar um presépio. Um presépio contendo 24 insignificantes figuras de gesso com aproximadamente 10 cm. De altura, já havia. Para não destruir-lhe a alegria, deixei o Frei Estanislau sozinho com seu trabalho. Ele deveria construir seu presépio de maneira independente. Finalmente tudo estava pronto, quando após a Missa do Galo, a cortina caiu. O presépio não era totalmente do meu gosto. Havia muitas coisas e coisinhas que realmente não tinham nada a ver com o presépio de Belém. Mas, ao povo o presépio agradou muito e principalmente às crianças, que não se cansavam de tanto vê-lo. Então eu pensei: o presépio não é para o missionário alemão, mas para o povo que mora aqui. E como cada povo tem suas particularidades e deve conservá-las, assim deve expressá-las também no presépio”. (GOEVERT, [1957], 1992, p. 24).



FOTO 04: Presépio natalino produzido por Frei Estanislau. Fonte: Dom Wilmar Santin⁵⁸

A partir da foto e das palavras de Frei Ulrico, podemos conjecturar o motivo do estranhamento do missionário. Embora a foto contenha algumas figuras, como a ovelha, a imagem de Jesus, Maria e José e do que possivelmente venha a ser os três reis magos, Melquior, Baltasar e Gaspar, não obstante, traz elementos que não condizem com os presépios tradicionais aos olhos do religioso, como a samambaia, os galhos secos, os cactos, além de carecer de outro elemento que é fulcral para a construção de um presépio natalino, aos olhos do europeu: a neve.

⁵⁸ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/wsantin/2251051706/in/set-72157603872906141>. Acesso em: 20/01/2015.

O envolvimento comunitário que a construção do presépio acarretou, envolvendo crianças e jovens a andarem pelo mato em busca de material para o presépio, e atraindo por a comunidade para ver os resultados dessa criação, levou Frei Ulrico a aceitá-lo e interpretá-lo como elemento típico da comunidade.

No entanto, Frei Ulrico pertencendo a uma realidade sociocultural, diferente da realidade de Paranaíba, julga o outro a partir de seus valores, e no caso deste exemplo, um presépio natalino, não tem a mesma simbologia no Brasil e na Alemanha, pois os referenciais culturais são distintos, o clima é distinto. Destarte é importante notar que, existe a aceitação dos referenciais do outro, possivelmente ligada à ideia de conhecer para depois inserir mudanças.

Neste capítulo abordamos as questões relativas ao processo que culminou com a institucionalização do catolicismo em Paranaíba. Ao versarmos acerca da Ordem do Carmo tentamos mostrar suas origens históricas e sua trajetória na busca pela expansão de seus preceitos religiosos sob a égide das incursões missionárias. O contexto político e religioso do Brasil permitiu evidenciarmos que o processo de romanização foi fundamental para que ocorresse o envio do primeiro missionário pertencente à Província Carmelita de Bamberg. Esses três aspectos culminaram com a vinda de Frei Ulrico e, posteriormente, de outros religiosos a empreenderem em Paranaíba a abertura de uma região missionária.

3. PRIMEIRAS AÇÕES MISSIONÁRIAS

O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras.
(PIERRE BOURDIEU, 2012)

3.1 PROBLEMAS DETECTADOS E ESTRATÉGIAS DESENVOLVIDAS

A partir de nossa análise podemos argumentar que os missionários carmelitas adotaram dois discursos estratégicos e complementares; no primeiro, enfatizaram a abnegação, representada pela opção de deixarem a “comodidade do país de origem” e levarem a missão para outros lugares. No segundo discurso, desdobramento do anterior, a opção de viverem no “meio do mato”, com o objetivo de apresentarem o “verdadeiro catolicismo” para uma população que, inspirada pela conduta espiritual desses religiosos, necessitava de orientação religiosa.

Em Paranavaí, esses missionários eram representantes do corpo de especialistas⁵⁹ da Igreja católica, engajados na edificação de um projeto missionário almejado pela Ordem Carmelita (BOURDIEU, 2011). Porta-vozes autorizados da instituição (BOURDIEU, 1998), a partir de seus discursos, os leitores da Revista *Karmelstimmen* recebiam as informações do trabalho missionário do longínquo Brasil.

De acordo com Bourdieu:

O porta-voz autorizado consegue agir com palavras em relação a outros agentes e, por meio de seu trabalho, agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra o capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, procurador (BOURDIEU, 1998, p. 89).

Neste capítulo abordaremos os mecanismos e as estratégias, usados pelos missionários carmelitas alemães, para incutirem na população de Paranavaí valores religiosos com os quais

⁵⁹ Para Bourdieu o *corpo de especialistas* religiosos, seriam os responsáveis pela monopolização da gestão dos bens de salvação, “socialmente reconhecidos como detentores exclusivos da competência específica necessária à produção ou à reprodução de um ‘corpus’ deliberadamente organizado de conhecimentos secretos” (2011, p. 39)

a comunidade não estava habituada. Destacaremos os principais aspectos do projeto missionário e as estratégias utilizadas pelos freis para dar suporte à missão (CERTEAU, 1994). Importante reiterarmos que essas ações empreendidas pelos missionários alemães, eram componentes de um projeto, que tinha como objetivo, aproximar a população do catolicismo romanizado.

Nossa análise terá como base as cartas-artigos publicadas levando em consideração que “Qualquer texto visa um receptor (ou um ‘lugar de recepção’), porque ele tem uma ‘intenção’ (uma mensagem que quer ser transmitida, ou uma informação a ser registrada)” (BARROS, 2013, p.138).

Além da ideia de expansão territorial da Ordem, os freis alemães almejavam que a população adotasse novas práticas religiosas e, em seus discursos apontavam, além dos aspectos positivos do trabalho da missão, as dificuldades encontradas. Na documentação analisada, identificamos quatro temas que balizavam a missão carmelita: o batismo, a escola paroquial, a construção de capelas e a ignorância religiosa. Os missionários abordavam esses temas, ao mesmo tempo em que caracterizavam a vida cotidiana em uma pequena cidade do interior do Paraná na década de 1950.

Nas cartas-artigos os freis argumentam que as práticas católicas da comunidade de Paranavaí estavam corrompidas por dois motivos: pelo não comprometimento da população com o sagrado e, pela falta de sacerdotes qualificados para resolverem tal problema. Daí a importância da atuação carmelita em Paranavaí; a presença destes religiosos seria fundamental para o bom desenvolvimento da comunidade católica.

3.1.1 Batismo

O batismo está direcionado às crianças; não encontramos referências ao batismo de adultos. Nas cartas-artigos essa prática ficou circunscrita à população infantil. Provavelmente a população, originária da comunidade ou advinda de outros pontos do Brasil, já fosse batizada. Os missionários destacam em vários momentos, a insatisfação em relação ao modo de “ser católico” da população de Paranavaí e região, apesar da preocupação dos membros da comunidade local de que seus filhos fossem batizados na Igreja.

Estabelecendo um caráter de iniciação aos preceitos cristãos e ganhando legitimidade de pertencimento ao grupo religioso em questão, o batismo “é um rito das igrejas cristãs. É o primeiro dos sete grandes sacramentos da Igreja católica” (ZILLES, 1995, p.68).

Por meio dos sacramentos a Igreja católica se coloca como mediadora da relação entre Deus e o homem e o batismo é, por excelência, o ritual que marca o ingresso do indivíduo na comunidade cristã. “El bautismo es el sacramento fundamental. Es aquel signo salvífico establecido y fundado por Cristo, que causa la participación en su muerte y en su resurrección y, mediante ello, la destrucción del pecado y el renacer a una nova vida” (SCHMAUS, 1961, p.135).

De acordo com o dicionário elaborado por José Aldázaba, a palavra batismo é “derivada do grego, *baptisma*, que por sua vez, vem do *bapto* (banhar) e de *baptizdo* (submergir, mergulhar na água)”⁶⁰. O sentido originário de batismo estaria ligado à ideia de purificação e de vida nova, pois ao sair da água, o batizado se torna outro. Enquanto rito de passagem, o batismo deve operar uma mudança no âmbito individual e social do homem: “se trata sempre de uma iniciação, pois envolve sempre uma mudança radical de regime ontológico e estatuto social” (ELIADE, 1992, p. 150). Para a efetivação do batismo torna-se necessária a “conversão” do indivíduo, representada pela mudança de mentalidade e a aceitação de Jesus Cristo como salvador; somente após essa aceitação, deveria ser realizado o sacramento do batismo (CASTILLO, 2009, p. 41-42).

No caso de Paranaíba, visto que os batizados eram realizados, na maioria das vezes em crianças. A prática do batismo deveria atrair a comunidade para a igreja, e a partir de então incutir a conversão, que consistiria em uma mudança de comportamentos e de práticas dos pais, que deveriam deixar de vivenciar o batismo apenas como uma prática católica.

Dessa maneira, inseridos no cotidiano da comunidade da região missionária, os carmelitas alemães observavam e criticavam os pais que batizavam seus filhos, mas não lhes ensinavam os preceitos cristãos: “receber os sacramentos, especialmente o sacramento do batismo, faz parte do *ethos* e da visão de mundo dos católicos, que está arraigada no imaginário religioso, consistindo, dessa maneira, em algo cultural” (PEREIRA, 2011, p.12).

Esta perspectiva, apontada por Pereira, vem ao encontro da crítica efetuada por Frei Burcardo: “É certo que todas as crianças têm um padrinho e uma madrinha de batismo, mas só pouquíssimas sabem rezar o creio ou o pai-nosso”.⁶¹ (LIPPERT, 2001, p.56).

Mais do que a busca pelo sacramento, enquanto rito iniciático da vida religiosa cristã, para a maioria da comunidade católica de Paranaíba a participação nesse sacramento

⁶⁰ ALDÁZABA, José. *Dicionário elementar de liturgia*. Disponível em: http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/diccionario/dici_ver.asp?cod_dici=46. Acesso em: 22/07/2014.

⁶¹ Carta escrita por Frei Burcardo e publicada na Revista *Karmelstimmen* em novembro de 1954. Título original: *Brasilien-Schwieriges Arbeitsfeld*.

significava a opção de não estar desvinculado de uma prática que foi realizada por seus familiares e que deveria ser reproduzida na atualidade, constituindo um bem simbólico.

O “bem simbólico” seria um objeto cultural ou artístico que obtém determinado valor de mercado, sendo consagrado pelas leis de mercado ao status de mercadoria. Analisamos o batismo como um “bem simbólico” (BOURDIEU, 2011), enquanto um objeto cultural oferecido à comunidade de Paranavaí para ser consumido simbolicamente, enquanto mercadoria, pois nas cartas-artigos não vislumbramos, em um primeiro momento, a preocupação dos missionários em levar a população a uma mudança de mentalidade. Essa mudança seria almejada após cumprirem o compromisso de batizar, e transformar em católicos, os filhos dos habitantes de Paranavaí.

O início do processo de conversão é marcado como uma mudança de *status*, na qual o indivíduo da denominação de não católico, passa a ser chamado de católico. O batismo ocasiona o ingresso do indivíduo na comunidade religiosa e fortalece o poder simbólico da religião católica, representada na figura dos missionários, os porta-vozes autorizados para legitimarem o que é legítimo na região missionária.

Ressaltamos que, no início da atuação missionária em Paranavaí, a tendência da comunidade era a de reproduzir o que havia vivenciado. A cerimônia do batismo e o que decorre após sua realização tem seu cerne amparado em aspectos culturais.

As práticas culturais representam o modo como, em uma determinada sociedade, os indivíduos se comunicam, comem e bebem, sentam-se e andam, tratam seus parentes ou recebem foliões em suas casas; ou seja, os modos de vida em que as atitudes ou normas de convivência estão presentes (ANDRADE, et al, 2013, p.20).

Pensando o batismo enquanto prática cultural, podemos construir uma ponte entre a perspectiva missionária e a prática do batismo em Paranavaí no início da década de 1950.

De acordo com os dados estatísticos em 1951, no Brasil havia 95% de católicos entre os 52,7 milhões de habitantes. Quem ler isto, pode com razão dizer: É bom demais para ser verdade! Por que então enviar-lhes missionários? E apesar disso afirmo: o Brasil é o maior e mais difícil país de missão. Como se sabe é mais fácil converter 10 pagãos do que um frio e descuidado católico (LIPPERT, 2001, p.52).⁶²

⁶² Publicado na *Revista Karmelstimmen* em novembro de 1954. Título original: “*Brasilien-Schwieriges Arbeitsfeld*”.

Frei Burcardo alertava que, em um país de maioria católica e, de maneira mais circunscrita, uma região de maioria católica como Paranavaí, a recatolização da população se fazia necessária, pois o indivíduo efetuava a celebração do batismo sem, contudo, dar segmento às mudanças que deveriam ser operadas a partir do batismo.

No contexto geográfico e cultural de Paranavaí na década de 1950, coexistiam diferentes pessoas de diversas regiões do Brasil, com diferentes culturas e diversas visões de mundo. Contudo, essas especificidades perdiam sua relevância quando o assunto era a busca pelo batismo, pela população em Paranavaí.

Segundo palavras de Frei Henrique: “O número de batizados e casamentos não para de crescer. 10 batizados por dia não é uma raridade” (WUNDERLICH, 2001, p. 32)⁶³. Esta passagem é significativa, pois o aumento do número de procura pelo batismo provavelmente esteja ligado ao aumento do número de habitantes em Paranavaí e ao grande número de nascimentos. Em carta escrita no dia 30 de junho de 1953, argumenta: “Creio que até agora já batizei mais de 1000 crianças”⁶⁴ (WUNDERLICH, 2001, p.35). Esse número também é indicativo de um aumento substancial da população na região missionária.

Frei Ulrico também relata sua impressão sobre Paranavaí no dia seguinte a sua chegada, dia 01 de setembro de 1951:

Depois disto, juntos demos uma olhada no centro da cidade. A chamada “cidade” tinha naquela época mais ou menos 60 casas, todas de madeira e nenhuma sequer de tijolos. Muitas delas de jeito nenhum seriam classificadas como “casa” de acordo com o conceito alemão (GOEVERT, [1957], 1992, p. 24).

Esses dados demonstram um crescimento da cidade e da região missionária. Como o trabalho missionário não ficava circunscrito à cidade de Paranavaí, temos de agregar ao número citado por Frei Henrique, o batismo realizado em outras localidades pertencentes à paróquia. Outro fato importante diz respeito ao fato de que, no cálculo realizado por Frei Henrique, não estavam contabilizados os batizados realizados por Frei Ulrico desde 1951. Após análise do contexto religioso de Paranavaí e região, os missionários elaboraram estratégias necessárias para que o batismo fosse ministrado a um maior número de crianças.

Após o exame das passagens que fazem referência ao batismo, concluímos que a importância dada a este sacramento estava ligada à necessidade de oferecer um sentido identitário ao católico, de acordo com as normas estabelecidas pela autoridade eclesiástica e

⁶³ Publicado na Revista *Karmelstimmen* em novembro de 1953. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

⁶⁴ Publicado na Revista *Karmelstimmen* em novembro de 1953. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

tornar a Igreja um espaço de socialização, para formação de uma comunidade cristã, não mais vivendo sua religiosidade fora da instituição. Podemos também, reconhecer a necessidade dos missionários em combater outras vertentes religiosas que estavam ganhando espaço na região⁶⁵.

A partir do sacramento do batismo, esperavam que as famílias desenvolvessem determinadas práticas religiosas que os levassem a se perceberem como iguais pertencentes a um mesmo grupo religioso: “a Religião Católica, por meio dos ritos sacramentais, exerce um poder de inclusão tão eficaz como outros mecanismos sociais” (PEREIRA, 2011, p.19).

3.1.2 Escola Paroquial

As primeiras fundações de escolas no Brasil foram efetuadas a partir de projeto educacional instituído pelos jesuítas. A partir de uma série de normas impostas às crianças, os religiosos realizaram a passagem entre a escola da Idade média e o colégio da modernidade (DEL PRIORI, 2004, p.59).

A abordagem de um projeto pedagógico traz, nas entrelinhas, algumas questões, pois, “todo projeto educacional, é um projeto social” (MANOEL, 2009, p. 121). Mais ainda: é projeto de quem? Quem o elabora e o constrói? Com base em quais premissas é elaborado? De que lugar social é feito o planejamento educacional? (MANOEL, 2009).

No caso dos missionários alemães estabelecidos em Paranavaí, o projeto educacional que foi implantado deve ser entendido como estratégia para que os missionários, a partir do acompanhamento social e religioso, exercessem maior influência na sociedade (CERTEAU, 1994). Seguindo essa linha de raciocínio e fazendo referência a uma Ordem jesuítica, Moura destaca que a importância dada à educação: “foi para assegurar a eficácia de seu trabalho missionário que os jesuítas entraram pela via da educação, por meio de escolas, instruindo crianças para preparar os homens do futuro” (MOURA, 2000, p. 25). Embora o autor esteja fazendo referência ao século XVI, tal ideia se aplica, em grande medida, à maneira pela qual os missionários alemães pensaram a importância da educação em Paranavaí.

Para entendermos a importância da escola católica no Brasil, é de suma importância levar em consideração o desenvolvimento da própria Igreja, pois a história e o desenvolvimento destas duas instituições estão estreitamente ligados (MOURA, 2000, p. 36).

⁶⁵ Abordaremos mais detidamente o assunto no item sobre ignorância religiosa.

A Proclamação da República em 1889 extinguiu o regime Padroado no Brasil e o catolicismo deixou de ser a religião oficial do país. Paralelo a esse fato, a Constituição de 1891 decretou a implantação do ensino leigo, o que acarretou certa insatisfação do clero brasileiro, pois sentiram que a hegemonia dada até então ao catolicismo estava ameaçada. (AZZI, 2008a, p. 86)

Como analisado anteriormente, o envio de religiosos europeus ao Brasil esteve ligado ao contexto do catolicismo ultramontano. Aspecto fundamental dessa política religiosa, a educação se apresentou como estratégia na ação de restauração da Igreja, como alternativa à secularização da sociedade e do sistema educacional.

Provavelmente com o intuito de transmissão ou de manutenção do catolicismo oficial, a preocupação dos missionários alemães em Paranavaí também esteve centrada, já no início de implantação do projeto missionário, na abertura de uma escola. Tal preocupação pode ser evidenciada a partir das datas nas quais escreviam as cartas-artigos, pois ao analisá-las, identificamos a rapidez que foi dada a essa temática.

Frei Ulrico chegou a Paranavaí no final de agosto de 1951 e, em junho de 1952 foi aberta a primeira turma para o ingresso na Escola Paroquial.⁶⁶ De acordo com Frei Wilmar Santin, em nota de rodapé do artigo escrito por Frei Ulrico,

Não há documentação sobre a data exata do início desta Escola. Mas provavelmente iniciou suas atividades em junho de 1952. Isto se deduz de duas cartas de Frei Ulrico enviadas ao provincial Pe. Jacobus Beck e conservadas nos arquivos da Província Carmelitana Alemã em Bamberg. Na primeira, datada de 31/03/1952, Frei Ulrico comunicou que iniciaria a Escola após a Páscoa. Na segunda, datada de 28/05/1952, ele comunicou que as matrículas estavam abertas para 4 turmas, sendo 2 para meninos e 3 para meninas (GOEVERT, [1957] 1992, p.31).

A Escola Paroquial fundada por Frei Ulrico em 1952, foi e continua sendo uma escola de caráter religioso. Atualmente, ainda é supervisionada por religiosos carmelitas e está localizada na mesma quadra onde se situa a Paróquia São Sebastião⁶⁷

Em entrevista realizada dia 05/08/2014, com Mariza Bateloqui, vice-diretora do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, fomos informados que os dados acerca dessa

⁶⁶ No ano de 1956, a escola foi registrada na Secretaria de Estado da Educação e Cultura do Paraná, sob o nº 427. Em 1960, a escola passou a denominar-se Ginásio Nossa Senhora do Carmo, autorizado a funcionar pelo ato nº 4 de 22/02/1960 e Ofício nº 183/60 da Inspeção Seccional de Londrina/PR.(COLÉGIO PAROQUIAL...) Disponível em: <https://colegioparoquial.websiteseuro.com/regimento-escolar/>. Acesso em: 30/07/2014.

⁶⁷ O Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, esta situado na rua: Antônio Felipe, nº 780, no centro da cidade de Paranavaí.

instituição em seus anos iniciais eram esparsos. A partir dos dados oferecidos pela secretaria do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, organizamos o seguinte quadro:

Escola Paroquial (1954-1957)

Ano de 1954

Série	1ª	1ª	2ª	3ª	4ª	Total
Matriculados	42	35	34	29	26	156
Aprovados	26	17	26	05	14	88
Reprovados	16	07	08	24	12	67

Ano de 1955

Série	1ª	2ª	3ª	4ª	Total
Matriculados	32	43	24	18	117
Aprovados	20	40	22	17	99
Reprovados	04	03	02	01	10

Ano de 1956

Série	1ª	1ª	1ª	2ª	2ª	3ª	4ª	Total
Matriculados	31	37	31	25	34	37	33	228
Aprovados	24	9	24	16	32	35	31	171
Reprovados	05	28	07	09	02	02	02	55

Ano de 1957

Série	1ª	1ª	1ª	2ª	2ª	3ª	3ª	4ª	Total
Matriculados	21	20	20	34	32	13	35	40	215
Aprovados	11	12	10	23	16	2	28	36	138
Reprovados	10	07	09	10	16	11	07	04	74

Fonte: Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo.

Segundo os dados oferecidos pela vice-diretora, entre os anos de 1954 a 1957, não existem registros acerca das disciplinas ministradas ou matrizes curriculares, nem separação por sexo nas salas de aulas⁶⁸. O quadro acima é significativo, pois coloca em evidência que a cidade de Paranavaí já contava com uma pequena elite que tinha o desejo de ofertar às crianças uma educação voltada a manutenção dos valores religiosos. Destacamos que a Escola Paroquial era uma escola privada e que a cidade de Paranavaí já contava com outra instituição escolar de caráter público.

A Escola Paroquial não foi a primeira instituição educacional em Paranavaí. Em 1948 foi fundado o *Grupo Escolar Paranavaí*, a partir do Decreto de criação 4.123 de 06/09/48. Era uma escola laica e tutorada pelo governo do Estado do Paraná.⁶⁹

Os textos de Frei Ulrico, ao contrário das cartas-artigos dos demais missionários, trazem certa dificuldade em relação às datas; em alguns momentos não sabemos a que ano

⁶⁸ Mariza Bateloqui, entrevista realizada dia 05/08/2014.

⁶⁹ Atualmente é chamada de Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos Newton Guimarães-Ensino Fundamental e Médio. Informações coletadas na secretaria da própria escola, no dia 13/03/2014.

corresponde o fato narrado, como acontece na citação abaixo, que faz referência ao aumento do número de alunos e professoras:

A Escola Paroquial tem no momento 559 alunos e 18 professoras. 360 alunos estudam gratuitamente. O governador e o prefeito estão me ajudando a pagar as professoras, senão sinceramente seria impossível mantê-la funcionando. As crianças da nossa Escola Paroquial assistem todo o sábado à santa missa. No momento em que o louvor prestado à bem-aventurada Virgem do Carmo, pelas 550 almas inocentes, sobe ao céu, eu sinto que Deus tem me dado uma grande graça. E muitas vezes digo-Lhe que eu não desejo me trocar por um milionário. Aqui em Paranavaí organizamos as aulas de catequese. Regularmente em todas as quartas-feiras 1.400 crianças participam do catecismo (GOEVERT [1957] 1992, p.32).

A passagem acima nos chamou a atenção em relação ao número de alunos. Segundo o histórico do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, o número de alunos entre os anos de 1954 a 1957, não atingiu esse marco de 559 alunos. Entre os anos de 1954 a 1957 a média de alunos ficou bem abaixo do número indicado por Frei Ulrico. Vale lembrar que tomamos esses anos como referência, pois condiz aos anos iniciais do trabalho missionário e aos anos em que foram publicadas as cartas-artigos na Revista *Karmelstimmen*.

Essa divergência de dados pode ser analisada a partir de três olhares: o primeiro caminha no sentido de que o Colégio Paroquial ao não dispor do número de matriculados no ano de 1953, nos levou a supor que a quantia de 559 alunos faria referência a esse ano. O segundo nos arriscamos em dizer que, talvez no histórico do Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, só existam registros dos alunos que pagavam mensalidades e o histórico dos alunos que eram custeados pelo Estado ficava sob a tutoria de outra instituição. Finalmente, também podemos conjecturar que Frei Ulrico, na tentativa de valorizar o papel missionário em suas cartas-artigos, aumentou o número de alunos da escola.

De acordo com as cartas-artigos, a fundação da Escola Paroquial esteve ligada à tentativa de sanar o analfabetismo presente em Paranavaí e, paralelamente, incentivar a formação religiosa da população em questão. Assim em 1954, Frei Burcardo traz dados relevantes em relação ao contexto educacional do país e de Paranavaí:

Completa ignorância! De acordo com o último CENSO, o Brasil tem 9.908.255 homens e 11.387.235 mulheres, que não sabem ler e escrever. Portanto há 21.295.490 analfabetos, aproximadamente a metade da população. Em parte isto é causado pelo fato do ensino não ser obrigatório. Os pais são livres para mandarem ou não seus filhos para a escola. Uma outra causa é a falta de escolas e professores. Aqui em Paranavaí só há aulas até o 4º ano primário. Existem duas escolas: uma estadual com 900 alunos e 19 professoras e uma nova escola paroquial com 250 alunos e 5 professoras.

É característico e elucidativo que até numa escola de religiosos brasileiros o quadro docente seja composto quase só por professoras. O salário é tão baixo que nem um pai de família pode viver e subsistir como professor. As salas de aula são muito pequenas para abrigar o crescente número de alunos. As crianças da nossa escola paroquial estão provisoriamente utilizando a antiga igreja (LIPPERT, 2001, p.56).⁷⁰

Interessante ressaltar que Frei Burcardo estava informado com o que ocorria no Brasil, o que pressupõe que eles tinham acesso a algum meio informativo, provavelmente o jornal, visto que o Censo citado é de 1953 e a carta foi publicada na Revista *Karmelstimmen* em novembro de 1954.

Segundo nossa interpretação o conteúdo da citação acima também é uma tentativa de justificar os pedidos de “ajuda” enviados à Alemanha. Ao informar que 50% da população do Brasil era composta por analfabetos, Frei Burcardo não faz referência a Paranavaí, mas apresenta os problemas enfrentados para que o trabalho missionário se efetive: “As crianças que frequentam a Escola Paroquial, estudam na antiga Igreja”. Para Frei Burcardo, existia um público a ser educado, mas não existia um ambiente propício, para que a aprendizagem ocorresse.

No início da implantação da “Escola Paroquial”, Frei Ulrico relata as dificuldades encontradas para a contratação de professoras. A cidade de Paranavaí estava em processo de ocupação, provavelmente deve ter sido relativamente difícil encontrar mão de obra especializada que perdurasse em seu posto de trabalho, o que evidencia determinada rotatividade:

Na contratação das professoras agora sou mais cauteloso. As melhores para mim são as mais feias e aquelas que ficaram noivas duas ou três vezes, pelo menos. Isto é difícil aqui. É que aqui, bem diferente do resto do mundo, há uma grande falta de mulheres. Isto acontece porque nestas terras novas quase só chegam recém-casados ou solteiros. Daí que as moças já muito novas são dadas em casamento. Eu posso bem dizer que entre os 1600 casamentos, que realizei nestes 7 anos de presença aqui, 90% das noivas tinham menos do que 18 anos. Com 20 anos uma moça já é uma velha senhora. Quando acontece de uma moça solteira com 24 anos se oferecer como professora, posso pelo menos esperar que ela permaneça na escola por um bom tempo (GOEVERT [1957] 1992, p.32).

⁷⁰ A referência que faz Frei Burcardo em relação ao Censo, corresponde aos números apresentados no Anuário Estatístico do Brasil de 1953, no subitem: e) Distribuição das pessoas presentes de 5 anos e mais, segundo a instrução e o sexo e grupos de idade- 1º- IX- 1940 e 1º- VIII-1950. (ANUÁRIO ESTATÍSTICO ...). Disponível em:

<http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/AEB/AEB1953.pdf> Acesso em: 30/07/2014.

Sempre foi claro para mim que, se eu quero ter bons professores, devo pagar bem. Nos primeiros tempos eu recebia de cada aluno 30 cruzeiros, isto significava 2 marcos alemães, por mês. Eu tinha 220 alunos para os quais eram necessárias 6 professoras. Com o dinheiro que recebia pagava as professoras. No ano seguinte aumentei a mensalidade e o salário. Assim pude exigir melhores resultados das professoras (GOEVERT [1957] 1992, p.32-33).

É fato que estamos frente a uma escola católica e uma comunidade social e religiosa em formação. Levando em consideração o contexto de Paranavaí, a mudança e a formação que os missionários projetavam para a comunidade, podemos pensar que as professoras eram escolhidas para serem auxiliadoras no processo de educação e formação religiosa. Se a ideia de bom católico, aspirada pelos missionários alemães, passava pela tarefa de educar as crianças, o papel das professoras era fundamental.

Na “Escola paroquial” de Paranavaí, as professoras que exerciam o magistério eram leigas, não faziam parte da Ordem Carmelita, contudo eram supervisionadas por Frei Ulrico. Nesse sentido, as professoras contratadas pelo missionário eram aquelas que tivessem uma boa formação social e religiosa ou, pelo menos, que ele considerasse satisfatórias.

Frei Ulrico além de oferecer uma educação às crianças das famílias de elevada posição social, estendeu o atendimento da escola às crianças mais necessitadas. Segundo nossa interpretação, isso ocorreu em virtude das dificuldades financeiras pela quais passava o projeto missionário nos primeiros anos de edificação da missão. A escola católica recebia ajuda financeira do Estado e cumpria seu projeto político de recristianizar a sociedade ao recrutar crianças que não tinham condições de pagar.

Neste contexto, a Escola Paroquial auxiliou o combate ao analfabetismo da cidade, mas principalmente serviu de reduto para ensinar as crianças a “verdadeira” doutrina cristã e, possivelmente em curto prazo, formar o grupo abastado de Paranavaí, dentro das práticas cristãs oficiais que, a partir de suas relações sociais e familiares, iriam levar adiante o projeto político religioso católico.

Outro aspecto relevante reside no fato da Escola Paroquial inculcar, em seus alunos, a necessidade da participação nas atividades paroquianas além da participação na celebração da missa no sétimo dia semanal.

Como a Escola Paroquial, conseguiu alcançar os resultados esperados por Frei Ulrico, ocorreu um desdobramento da escola com a fundação do Jardim de Infância de Paranavaí, para que a orientação religiosa oferecida estivesse presente, entre as crianças menores. Segundo palavras de Frei Ulrico:

Se não tivéssemos a Escola Paroquial não poderíamos levar nem metade das crianças para Jesus. E para que a Escola Paroquial pudesse prosperar, foi necessário que nós, missionários, nos dedicássemos às crianças desde pequenas. [...] Portanto foi absolutamente necessário construir um Jardim da Infância. Alguns ‘super inteligentes’ me aconselharam a não me meter nisto, visto que eu não tinha dinheiro. [...] Primeiramente foram matriculadas 40 crianças, depois 50 e em seguida 60. Finalmente vimo-nos forçados a construir um novo Jardim da Infância. Com a ajuda de Deus conseguimos isto também em pouco tempo (GOEVERT [1957] 1992, p. 38).

Fundado por Frei Ulrico em 1954, o Jardim da Infância contou, por algum tempo, com o auxílio das Irmãs Carmelitas Missionárias de Santa Terezinha, que chegaram a Paranavaí em junho de 1955. Em 1960 o Jardim da Infância passou a ser dirigido pelas “Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo”:

Em 31 de janeiro de 1960 chegaram em Paranavaí as Filhas da Caridade de São Vicente de Paulo para assumir a direção da Escola Nossa Senhora do Carmo, a pedido da comunidade carmelitana. Vieram substituir as Irmãs Carmelitanas missionárias de Santa Terezinha. [...] O Educandário São Vicente de Paulo de Paranavaí foi fundado com o nome de Escola Paroquial Nossa Senhora do Carmo, no ano de 1953, com a aprovação da autoridade Eclesiástica Diocesana Dom Geraldo Sigaud (ESCOLA Vicentina São Vicente de Paulo).

A educação escolar e a construção da Escola Paroquial constituíram-se como o espaço mais apropriado para ensinar as crianças a viverem dentro do catolicismo almejado pela Ordem Carmelita, a partir da figura de Frei Ulrico. A instituição escolar se tornou um eficiente meio para conseguir alcançar um amplo desenvolvimento do campo religioso, que intencionava radicar as práticas religiosas pouco condizentes, praticadas pelos leigos de Paranavaí.

As práticas religiosas, partilhadas e praticadas pelos moradores de Paranavaí e região foram identificadas de catolicismo popular: “Por catolicismo popular entende-se um conjunto de crenças religiosas tradicionais e de práticas desenvolvidas fora da Igreja” (MAINWARING, 2004, p. 30). Dentro do contexto territorial do qual estamos tratando, as Igrejas eram escassas e as pessoas praticavam sua religiosidade em ambiente doméstico. Neste sentido, a construção da “Escola Paroquial”, atendia uma demanda crescente a partir da visão dos missionários para ensinar o catolicismo institucional.

A instituição das práticas religiosas legitima a Ordem Carmelita e seu porta-voz, Frei Ulrico, como manipulador dos “bens de salvação”, ou seja, “[...] o sacerdote dispõe de uma autoridade de função que o dispensa de conquistar e de confirmar continuamente sua

autoridade e o protege das consequências do fracasso de sua ação religiosa” (BOURDIEU, 2011, p.90).

Enfatizamos a figura de Frei Ulrico, o primeiro missionário a chegar a Paranavaí e fundador da “Escola Paroquial”, pela importância que atribui ao tema. No discurso dos demais missionários a temática é abordada de maneira sumária.

3.1.3 Construção de Capelas

Como ressaltado anteriormente, o processo de expansão do catolicismo no Brasil esteve ligado ao Padroado. Entre “1745 e 1848, nenhuma diocese foi criada no Brasil” (ROSENDAHL, 2012, p.69). No final do século XIX, ocorreu um declínio das ordens religiosas no Brasil, e um dos fatores apontados foi a atitude do imperador: “D Pedro II jamais manifestara simpatia pelas ordens contemplativas, apesar de aparentar certa consideração por algumas de vida ativa [...] O que ele deixava transparecer é que queria religiosos que cuidassem apenas de escolas e hospitais.” (VIEIRA apud GUMIEIRO, 2013, p.37). Com o advento da República esse quadro começou a mudar, e as ordens religiosas européias passam a serem buscadas com afã.

Como se constituiu a estratégia religiosa dos missionários alemães na região de Paranavaí no que diz respeito à expansão de seu domínio territorial, ou seja, como a construção de igrejas e capelas, colaborou para o acesso aos “bens simbólicos” de salvação?

A primeira ação de Frei Ulrico ao se estabelecer em Paranavaí, foi reformar a Igreja local e, posteriormente, colocou em prática, com o respaldo de Dom Geraldo Sigaud, a construção de uma nova Igreja. Defendemos a ideia de que a importância dada a esta temática esteja ligada a tentativa de dar visibilidade a este recinto religioso, tornando-o mais suntuoso aos olhos da comunidade. No entanto, atribuir à construção de uma nova igreja, apenas ao fator visibilidade é retirar desse fato outras perspectivas, dentre as quais estava o grande aumento do número de participantes nas missas, em função do aumento populacional na cidade de Paranavaí.

De acordo com Frei Ulrico:

Conforme foi dito, a velha igrejinha era muito pequena para a crescente cidade de Paranavaí. A construção de uma outra igreja tornou-se uma urgente necessidade. O bispo deu-me a licença, na hora de sua despedida em maio de 1952, para o mais breve possível começar a construção. [...] As medidas, que o bispo me indicou, eram 45x18 e devia ser uma igreja com 5 altares. Depois da construção pronta recebi um grande ajudante na pessoa do reverendo Frei Hartwig Wunderlich. Frei Henrique como o chamavam aqui,

não era só um padre, mas também excelente escultor, marceneiro e carpinteiro (GOEVERT [1957] 1992, p.43).

A ideia de promover a construção de capelas e igrejas não foi um processo singular no noroeste do Paraná. Esse processo iniciou-se no Brasil desde o momento em que este era colônia de Portugal e foi, paulatinamente, ganhando ressonância em todo território brasileiro.

Rosendahl apresenta um importante estudo acerca do processo de expansão do catolicismo no Brasil, a partir da criação de dioceses. A autora evidencia que de 1551 a 1854 foram criadas 12 dioceses e prelazias e, com a Proclamação da República esse número cresceu substancialmente totalizando 80 criações até o ano de 1930 (ROSENDAHL, 2012, p. 74).

Esse aumento substancial foi possível em virtude do rompimento da relação entre Estado e Igreja, ou seja, o fim do Padroado no Brasil operou mudanças na postura da Igreja Católica, que buscou uma aproximação com a população de maneira geral, e há de se levar em consideração que um número substancial de pessoas estava rumando em direção ao interior, buscando oportunidades em novas cidades que estavam surgindo.

O processo de fundação de novas dioceses e paróquias está interrelacionado, pois a expansão das dioceses depende da criação de novas paróquias. “O número de paróquias aumenta à medida que se criam novas dioceses” (CASTILLO, 1997, p. 106).

Essa temática também é encontrada nas palavras de Aquino:

[...] a diocesanização do catolicismo no Brasil, como parte de um movimento internacional de reorganização da Igreja Católica Apostólica Romana em um contexto de profundas transformações sociopolíticas, apresentou-se na condição de estratégia eclesial fundamental para ampliar a presença da Igreja na sociedade brasileira, respondendo às demandas da Cúria Romana e as necessidades sociopolíticas e religiosas específicas de cada unidade federativa da república brasileira (AQUINO, 2012, p.95).

Com o advento da República, a Igreja Católica buscou outras formas de expandir seu poderio, e uma das maneiras encontradas foi a criação de dioceses. Essa estratégia possibilitou a aproximação da instituição com outros setores sociais. Principalmente nos grandes centros urbanos, nos quais a figura do bispo, imbuído de caráter mítico veio conferir ao cotidiano das pessoas um caráter peculiar, de aproximação com o povo.

O termo “paroquialização”, trabalhado por Castillo, oferece ao campo religioso do Brasil uma relevância substancial, pois se a diocesanização tem características urbanas, a paroquialização é, majoritariamente, marcada pelo ambiente rural. É inerente a essa temática,

a tentativa de aproximar a população da figura do padre que seria o responsável direto por incutir na população, práticas religiosas almejadas pelo catolicismo ultramontano.

Ao usar o termo “paroquialização”, queremos relevar um processo de institucionalização eclesial da vida e organizações da religiosidade do povo, que tem como um dos seus principais objetivos “reformatar” as tradições, práticas e costumes do catolicismo tradicional brasileiro, adequando-os ao catolicismo romano. A “paroquialização” permite a presença e a influência da Igreja hierárquica junto a uma população, especialmente no mundo rural, que durante séculos elaborou criativamente sua religiosidade à margem das instituições clericais (CASTILLO, 1997, p.92).

É necessário ressaltar que os dois autores, Aquino (2012) e Castillo (1997), estão trabalhando uma mesma temática, mas com aspectos diferentes, não destoantes. Os dois conceitos, “diocesanaização” e “paroquialização” englobam o mesmo período de 1890 até a década de 1920. Período de muitas mudanças internas na Igreja católica no Brasil.

De acordo com Rosendahl, o processo de expansão da Igreja está ligado ao processo de ocupação e desenvolvimento do Paraná e seu início está relacionado à criação da Diocese de Curitiba em 1892:

A ação da Igreja acompanhava cada fronteira de ocupação que surgia. Quer na função de paróquia, na de colégio, ou na criação de prelazia, a instituição religiosa imprimia a ação evangelizadora e administrativa no lugar. Na maioria das vezes, por processo de fragmentação, novas dioceses eram criadas; estas, por sua vez, continuavam esse processo, sucessivamente, até que todo o território paranaense estivesse sob o controle da Igreja. Esse comportamento pode ser definido como um tipo singular de estratégia de ocupação, adotado pela Igreja Católica no Paraná, denominado *fronteiras sucessivas* (ROSENDAHL, 2012, p.136).

Em fins de Padroado, era vital para a instituição exercer sua presença direta nas cidades recém-formadas, numa tentativa de frear a atuação de outra vertente religiosa nesses espaços. As cidades que alcançaram importância frente às demais foram beneficiadas com a criação de dioceses.

No início do processo de desenvolvimento da missão carmelita em Paranaíba, a Diocese de Jacarezinho, criada em 1926, na figura de Dom Geraldo Sigaud, a partir de 1947, foi o centro veiculador de todas as normas e regras irradiadas pela doutrina católica⁷¹.

⁷¹ Dom Geraldo Sigaud S.V.D., foi o terceiro bispo da Diocese de Jacarezinho, tomou posse no dia 04 de maio de 1947, em 1961 foi nomeado Arcebispo de Diamantina, tomando posse em 16 de abril de 1961. (CHIQUIM, 2005, p. 150)

No território de Paranaíba, os missionários alemães empreenderam rapidamente a construção de uma nova igreja para abarcar a população que já residia na região e acolher as pessoas que ainda estavam por vir, como bem elucidou Frei Alberto:

Na nossa região, os povoados e as cidades crescem como que brotados do chão. Aqui encontram-se todos os povos e raças. De todas as partes do Brasil chega gente para tentar a sorte. Do Sul: Santa Catarina e Rio Grande do Sul; do Norte: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas, Bahia e de todos os outros Estados. Há também alemães e italianos- vêm principalmente do Sul e estão morando em boas condições, poloneses, russos, franceses, suíços, espanhóis, portugueses, sírios e finalmente muitos japoneses. Nesta mistura de povos vivemos aqui (FOERST, 2001, p.63-64).⁷²

Dedicado ao convívio religioso, envoltos nessa mistura de culturas, fazia-se necessário apresentar a Igreja como um espaço no qual todos os aspectos destoantes do cotidiano dessas pessoas fossem amenizados.

No que concerne aos imigrantes alemães que viviam em Paranaíba, no momento da chegada de Frei Ulrico, já estavam instalados a 15 km de Paranaíba, em Graciosa composta, majoritariamente, por descendentes de alemães vindos, principalmente do Estado de Santa Catarina.

É nesta localidade que a Província Carmelita Alemã tomou a decisão de construir o primeiro seminário carmelita. Essa decisão não foi ao acaso, pois a população de Graciosa há algum tempo reivindicava um padre. Em 1952, quando o Superior Provincial alemão Jacobus Beck veio ao Brasil e visitou a região missionária de Paranaíba, os habitantes de Graciosa requereram um padre de fala alemã para sua comunidade. Em troca, foi feita a promessa da concessão de uma propriedade para que os freis construíssem um seminário. (KNOBLAUCH, 1976, p.15).

No dia 08 de março de 1953, Frei Boaventura chega ao Brasil com a incumbência de realizar a assistência pastoral na localidade de Graciosa e construir o futuro seminário, o Seminário Imaculada Conceição. Frei Alberto destaca:

Graciosa está situada a 15 Km de Paranaíba e se chamava inicialmente ‘Catarinenses’, pelo fato de que quase todos os colonos eram oriundos do Estado de Santa Catarina. Também quase todos são de descendência alemã. É em Graciosa que o seminário está sendo construído devendo no futuro formar padres para esta região. É um dado característico do Brasil ter a grande maioria dos padres estrangeiros, principalmente alemães e italianos. Este raciocínio foi feito para se chegar à decisão de se construir o seminário

⁷² Publicado em outubro de 1954, na *Revista Karmelstimmen* título original: “*Die Stimme der Mission*”.

em Graciosa. Assim pelo menos temos a esperança de conseguir algum sucesso (FOERST, 2001, p.67).⁷³

A construção do seminário veio ao encontro da latente necessidade de aumentar o número de religiosos. Se da Alemanha não ocorria o envio necessário de religiosos para suprir as necessidades existentes, a saída encontrada foi a de formar religiosos na própria região missionária⁷⁴.

Em relação aos aspectos que envolveram a construção de igrejas Frei Henrique coloca: “Os projetos e plantas de Igrejas, também para outros lugares da nossa paróquia, nós mesmos fazemos. Como os carpinteiros são muito caros, somos nós que temos que colocar em tudo o suor de nossas mãos” (WUNDERLICH, 2001, p.28)⁷⁵.

Como o leitor da Revista *Karmelstimmen* estava envolto em outra cultura e dispendo de outros referenciais, por meio dos relatos realizados pelos freis, é introduzido na paisagem, nas construções existentes em Paranavaí. Para falar das capelas, que estavam sendo construídas na região, Frei Ulrico remete o leitor a pensar nas capelas existentes na Alemanha:

Para evitar mal-entendidos: por “capela” entende-se aqui no Brasil algo a mais do que de costume geralmente se entende na língua alemã. Por exemplo: quando um padre vai aos domingos numa colônia, num povoado ou numa pequena cidade para lá celebrar a missa e administrar os sacramentos, então diz-se: “O padre vai para as capelas”. Em seguida quero contar como se chega a uma “capela”, como ela nasce e se desenvolve (GOEVERT [1957] 1992, p.47).

A maioria das narrativas referentes à construção de capelas pertence a Frei Ulrico. Responsável pela abertura da região missionária tornou-se o guardião da memória do primeiro ano de trabalho e das primeiras ações empreendidas pela Ordem. Frei Ulrico não teve coadjuvante, reinou sozinho:

Como já foi mencionado, o território da nossa paróquia inicialmente tinha mais ou menos o tamanho da arquidiocese de Bamberg. Pouco depois da nossa chegada, uma parte foi desmembrada e fundada a paróquia de Alto Paraná, que foi por sua vez subdividida em três paróquias. Mesmo assim o território que nos restou, tornou-se muito grande para nós por causa da afluência de colonos. Dar uma assistência pastoral regular era simplesmente impossível. Assim por exemplo, chegaram a ser batizadas 720 crianças em nossa paróquia num mês. Certo dia o bispo nos apresentou a alternativa: ou

⁷³ Publicado em março de 1955, na Revista *Karmelstimmen* título original: “*Mitten im Urwald entsteht ein Seminar*”.

⁷⁴ Frei Wilmar Santin, tradutor das cartas/artigos, foi um dos alunos do Seminário Imaculada Conceição.

⁷⁵ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen* título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

viriam imediatamente seis padres da Alemanha para o território paroquial continuar conosco, ou a paróquia teria que ser novamente subdividida (GOEVERT [1957] 1992, p.67).

Não sabemos a que ano Frei Ulrico faz referência, mas podemos afirmar que o envio de padres não ocorreu com a rapidez desejada e os missionários perderam áreas de influência. Provavelmente, a Província Carmelita Alemã não dispunha de um número de religiosos preparados para a missão no Brasil.

A construção de capelas, enquanto estratégia missionária foi uma resposta à necessidade de oferecer serviços religiosos a comunidades isoladas, mesmo que esse serviço ocorresse a cada quatro semanas, como afirma Frei Henrique em referência à capela de Paraíso do Norte-PR: “A cada quatro semanas vai um padre para lá” (WUNDERLICH, 2001, p.26)⁷⁶. Uma resposta provisória, sem dúvida, mas necessária enquanto outros missionários não chegassem à região missionária de Paranaíba.

Hervieu-Léger (2008), ao abordar como as diferentes denominações religiosas, tentam encontrar estratégias para sobreviver frente à modernidade, apresenta um panorama significativo da importância da Igreja para a comunidade:

[...] a igreja era o ponto de referência, o lugar em que se concentrava toda a vida da comunidade. Aí se reuniam as pessoas para rezar, e também para discutir as questões relacionadas à comunidade. A religião estava no centro de sua existência cotidiana. Os sinos ditavam o ritmo do tempo (HERVIEU-LÉGER, 2008, p.15).

As igrejas ocupavam o centro das cidades, a religiosidade estava muito presente no cotidiano destes homens que, na década de 1950 se caracterizava por um catolicismo popular, vivenciado longe dos grandes centros. A partir de Hervieu-Léger e do discurso dos missionários alemães, podemos vislumbrar que as pessoas da localidade em questão tinham acentuada preocupação com a fundação de uma igreja na localidade em que viviam.

As cartas-artigos, também tinham um objetivo econômico, pois a aquisição de bens materiais é fundamental para a efetivação da missão, dada a necessidade de construir igrejas, escolas, seminários e, consolidar o projeto missionário. Na documentação analisada, encontramos várias passagens em que Frei Ulrico deixa transparecer claramente esta necessidade:

Para que o nosso convento e principalmente o seminário tenham estabilidade no futuro, devemos fazer um minucioso planejamento. Por isso o bispo dom

⁷⁶ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen* título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

Geraldo, que é meu amigo e protetor, disse-me já nas primeiras semanas da minha chegada: “Cuide de providenciar algumas chácaras para o futuro de sua Ordem”. Portanto terras deveriam ser adquiridas para fazermos lavoura (GOEVERT, [1957] 1992, p.66).

Esta ajuda financeira deveria ser angariada em Paranaíba e região, mas também na Alemanha, por meio de doações realizadas pelos leitores da Revista *Karmelstimmen*, e pela Província Carmelita Alemã.

Em outra passagem podemos observar os efeitos dos conselhos de Dom Geraldo Sigaud, a respeito da aquisição de propriedades para a Ordem do Carmo. Quando Frei Ulrico pretende fundar uma Igreja na cidade de Santa Isabel do Ivaí-PR, é interessante notar o tamanho de suas aspirações:

O primeiro pedido, o mais urgente, era a construção imediata de uma igreja para aproximadamente 500 pessoas. O segundo seria para ele me dar três chácaras que seriam incorporadas ao patrimônio da igreja. Por último pedi ainda 20 a 30 alqueires de terra que seriam para um futuro seminário (GOEVERT, [1957] 1992, p.51).

A legitimidade de Frei Ulrico em fazer tais pedidos tem respaldo no fato deste ser o porta-voz do “capital simbólico” religioso, da região de Paranaíba-PR, durante a década de 1950: “podemos assim enunciar as características que um discurso legítimo deve preencher os pressupostos tácitos de sua eficácia: ele é pronunciado por um locutor legítimo, isto é, pela pessoa que convém [...]” (BOURDIEU, 1983, p.05).

Os missionários alemães são as pessoas investidas de poder em proferir o discurso acerca da religião católica e da região missionária, pois foram investidos com dois tipos de poder: o primeiro reside no fato de serem religiosos. O segundo envolve toda a simbologia que permeia todo o discurso acerca da coragem destes homens que, na década de 1950 em uma região austera, se propuseram empreender um projeto missionário de expansão da Ordem a qual pertenciam.

3.1.4 Ignorância religiosa

Para analisarmos a “ignorância religiosa” mencionada diversas vezes pelos missionários carmelitas alemães utilizaremos a análise de Andrade (2012) acerca de como se estruturou a Igreja católica na sociedade brasileira entre os anos de 1963 a 1980 e sua posição

frente ao catolicismo popular. Segundo a autora, o clero brasileiro admitia que a população de maneira geral:

[...] padecia de ignorância, subjetivismo, sentimentalismo e superstição; a resposta que a Igreja tinha a seu alcance era ilustrar o povo e levá-lo ao que considerava a racionalidade das fontes autênticas e objetivas da experiência cristã: os sacramentos e a palavra de Deus (ANDRADE, 2012, p.43).

Uma das alternativas encontradas pela Igreja católica foi a de importar, principalmente da Europa, religiosos que estivessem sintonizados com o catolicismo tradicional de Roma. É neste contexto que os missionários alemães são acolhidos por Dom Geraldo Sigaud para recristianizar a região de Paranaíba.

Em virtude da tardia ocupação, é compreensível que a institucionalização do catolicismo tenha surtido seus efeitos em um momento posterior se comparada com outras regiões do Paraná. Em Paranaíba, o catolicismo existente apresentava características populares, sem o intermédio direto da Igreja Católica.

Esse panorama inicia seu processo de mudança em 1951 com a chegada de Frei Ulrico. Antes de sua chegada, a região que compreendia a paróquia de Paranaíba, um território com aproximadamente 12.000 km², dispunha de poucas igrejas e, em função disso, a maioria dos habitantes desta localidade praticava sua religiosidade sem o intermédio da Igreja, representada pela figura do padre.

Ao expressarem suas crenças sem uma instituição que as formalizassem, os membros da comunidade vivenciou o religioso à sua maneira. Esta prática já era condenada no início do século XX pelo bispo de Olinda e Recife, Dom Sebastião Leme (1882-1942), em sua “Carta Pastoral”, criticando as ações do povo brasileiro em relação as suas práticas religiosas.

A Penitencia e a Eucharistia, focos de luz divina, são sacramentos conhecidos tão somente da minoria eleita dos nossos irmãos. E os outros? Não carecem do perdão magnânimo do Christo? Não precisam, quem sabe, das luzes, do conforto e das inenarráveis graças do pão Eucharístico? Não são Catholicos! É que são catholicos de nome, catholicos por tradição e por habito, catholicos só de sentimento (LEME, 1916, p. 04).

Uma das tentativas empreendidas por D. Leme para combater a ignorância religiosa no Brasil foi o projeto de fundação de Universidades Católicas, com o intuito de educar a elite brasileira a partir do viés católico. A criação de Universidades Católicas está ligada as tentativas do clero em formar uma elite intelectual para dar visibilidade à Igreja católica e, dessa maneira, atenuar o processo de laicização que tal grupo vivia. Para sanar esse “mal” a

solução seria a de formar uma elite pensante, a partir da fundação e propagação de escolas católicas e criar Universidades Católicas.

Em relação a “Carta Pastoral” de D. Leme, Casali ressalta: “Esta carta tornar-se-à um marco doutrinário da Igreja no Brasil, [...] Seu tema central é a ignorância religiosa e a falta de uma ação católica social[...] a solução para o problema: a instrução religiosa”(CASALI, 1995, p.106)

Nas cartas-artigos os missionários afirmavam que a população de Paranavaí se declarava cristã. No entanto, os missionários deixam transparecer um desapontamento em relação à maneira como a população professava a religião:

A mesma ignorância encontramos no campo religioso. O povo simplesmente não conhece nada da fé. Muitos foram só batizados e depois nunca mais tiveram contato com um padre. Assim, estão por aí em qualquer lugar no mato e não sabem nada do mundo. Vamos até eles no nosso jipe para celebrar a santa missa e ministrar os sacramentos. A maioria aparece pelo fato da missa se constituir em algo diferente dentro da monótona vida no mato. Eles têm só uma pequena noção da missa. Chegam para a confissão e não sabem o que devem fazer na hora, visto que nunca se confessaram. Para a comunhão deve-se fazer um convite especial e pode acontecer de eles se aproximarem com as mãos nos bolsos da calça e sem qualquer preparação para a mesma (FOERST, 2001, p.64).⁷⁷

As palavras de Frei Alberto nos oferecem um panorama da situação na qual os missionários estavam envolvidos frente a uma população autodenominada católica, mas que vivia sua religiosidade de maneira peculiar, sem as normas e regras que envolviam o ser “católico”, segundo a instituição.

Uma das críticas à ignorância religiosa da comunidade de Paranavaí, realizada pelos missionários residia no que denominavam de exacerbada idolatria aos santos e na leitura equivocada da paixão de Cristo, que se transforma na importância de obedecer aos poderosos:

A única coisa que conhecem são os santos. Os santos são seus deuses. Após a missa aparecem carregando todo tipo de quadros de santos para serem bantos, talvez pela décima vez. Cristo e os santos são iguais e não há para eles diferença. A festa de Santo Antônio, ou de outros santos, é comemorada muito mais do que a Páscoa e Pentecostes. As procissões, se não fossem acompanhadas pelas imagens dos santos, poderiam sem dificuldade ser confundidas com um bloco de carnaval, pois soltam terrivelmente muitos foguetes (FOERST, 2001, p.64)⁷⁸.

Outro fato que me vem à mente: uma mãe estava com seu filho diante do altar do Cristo Morto, que conforme o costume há geralmente em todos os

⁷⁷ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen* título original: “*Die Stimme der Mission*”.

⁷⁸ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen* título original: “*Die Stimme der Mission*”.

lugares do Brasil e explicou: “olhe, filho, aquele ali dentro lutou contra os poderosos, então bateram terrivelmente nele – ali, você pode ainda ver as suas chagas, assim ele sangrou. Depois disso, ele tornou-se um grande santo. Tome nota, meu filho: nunca brigue com os poderosos! Pense neste, que está deitado aí, senão assim acontecerá igualmente a você” (FOERST, 2001, p.65).⁷⁹

Ainda na temática da ignorância religiosa, existe outro tema que lhe é intrínseco: a falta de padres para (re) cristianizar a população em questão. Na região missionária de Paranavaí, a partir das cartas-artigos esse tema foi amplamente citado⁸⁰.

Podemos pensar que a ignorância religiosa da população, em grande parte, se assenta em função da falta de sacerdotes para ensinar a população local a vivenciar o catolicismo de maneira considerada legítima pelos missionários. As pessoas que não tinham uma visita contínua de um padre elaboravam sua própria maneira de viver o religioso. Vejamos como os Freis Henrique e Burcardo narram tal problema, considerado um empecilho para a recristianização da sociedade:

A nossa paróquia é muito grande: 100 Km de comprimento por 150 km de largura e só dois padres para atender as aproximadamente 50.000 pessoas, que se dizem católicas. [...] O povo daqui deverá embrutecer-se, se logo não houver mais padres (WUNDERLICH, 2001, p.28).⁸¹

[...] Há uma grande falta de padres em todo lugar, Se viesse logo um para me ajudar! (WUNDERLICH, 2001, p.37).⁸²

[...] aqui 6.600 católicos estão em média sob a responsabilidade de um padre. Consequentemente o Brasil é o país com menos padres (LIPPERT, 2001, p.53).⁸³

As passagens selecionadas evidenciam o contexto institucional que vivenciavam os missionários que, em suas cartas-artigos enviavam um “grito de socorro” a Alemanha, como evidencia Frei Burcardo: “assim vai também o chamado das missões a todos vocacionados, que lerem este artigo: ‘Venham até aqui e ajude-nos!’” (LIPPERT, 2001, p.58).

Frei Alberto também ressalta as dificuldades do processo:

Não dá para comparar as condições pastorais aqui no Brasil com as da Alemanha, pois um padre deve cuidar de 6.000 almas em média. Aqui na

⁷⁹ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Die Stimme der Mission*”.

⁸⁰ Essa temática está presente no discurso do clero brasileiro como um todo.

⁸¹ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

⁸² Publicado em março de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título em português: 19 de setembro de 1953, título alemão: “*Briefe aus Brasilien*”.

⁸³ Publicado em novembro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Brasilien-schwieriges Arbeitsfeld*”.

floresta o número é bem maior. Assim, as pessoas daqui exigem um padre, que pelo menos batize suas crianças, abençoe os casamentos, escute suas queixas e possa atender suas confissões (FOERST, 2001, p.66).⁸⁴

A falta de padres acompanha a história do Brasil desde o momento de sua colonização e novamente argumentamos que, em virtude desta falta, a presença dos padres de origem estrangeira tornou-se uma constante. “Desconhecendo os costumes do interior do país, frequentemente entram em choque com seus paroquianos devido as práticas tradicionais que estes estão habituados a encarar como sendo ‘verdadeiramente’ católicas”. (QUEIRÓZ, 1968, p.104-105).

Pensando a partir de Queiróz, encontramos esses atritos em algumas passagens das narrativas, pois os freis falam do surgimento de “seitas”⁸⁵, ou do grande apreço que tinham os moradores de Paranavaí para com as imagens de santos, aspectos que levavam a insatisfação dos religiosos em relação as atitudes de seus paroquianos.

Ao fazer um apelo a Província Carmelita Alemã, Frei Burcardo evidencia que outras manifestações religiosas já estavam em Paranavaí. Diante tal perigo conclama seus compatriotas, pois como um projeto missionário, que contava com quatro padres, poderia combater o “mal que se avizinha”?

Do jeito que aqui no Brasil as cidades e povoações crescem como cogumelos nas florestas, assim também rápida e ameaçadoramente crescem as seitas. A ignorância religiosa é o melhor terreno para elas. [...] A nossa Paranavaí já tem dez diferentes comunidades religiosas. De mais a mais as seitas são consideravelmente apoiadas pelo dinheiro norte-americano, enquanto nós somos dependentes do resultado do próprio trabalho. A ignorância religiosa e a completa inexperiência levam a muitos as garras das seitas, antes de terem conhecido realmente a própria fé católica. Os ricos e os proprietários em geral estão filiados na maçonaria (LIPPERT, 2001, p.64).⁸⁶

Antes de a comunidade aceitar o domínio simbólico dos missionários alemães, já havia construído sua maneira de vivenciar o sagrado, de acordo com os suportes materiais e espirituais que dispunham, sem a presença ativa da Igreja católica, pois “as pessoas não reproduzem simplesmente comportamentos que aprendem, mas são agentes ativos construindo sua própria realidade [...]” (ANDRADE, 2012, p.98).

⁸⁴ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Die Stimme der Mission*”.

⁸⁵ Termo que os missionários utilizavam para nomear as manifestações religiosas não católicas.

⁸⁶ Publicado na Revista *Karmelstimmen* em novembro de 1954. Título original: “*Brasilien-Schwieriges Arbeitsfeld*”.

Com a chegada dos missionários alemães e sua dedicação em mudar o *status quo* vigente, a comunidade de Paranaíba se viu obrigada a adotar mudanças consideradas fundamentais pelos missionários que criticavam as suas práticas religiosas. No entanto, para que seu discurso fosse eficaz houve a necessidade de que os religiosos se adaptassem ao novo contexto religioso. Nesse contexto, a construção de uma nova igreja paroquial, de capelas e a da Escola Paroquial juntamente com o Jardim de Infância, é pensada nesta dissertação como estratégias adotadas no sentido de aproximar a comunidade da vida religiosa institucionalizada (CERTEAU, 1994).

4. IMPRESSÕES: O CENÁRIO E O COTIDIANO

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos.
(SANDRA J. PESAVENTO, 2004)

4.1 OS MISSIONÁRIOS E O COTIDIANO

Neste capítulo analisaremos as impressões cotidianas dos missionários. Optamos por apresentar questões que fazem referência às maneiras como os missionários carmelitas alemães observavam Paranavaí, ou seja, as impressões expressas nas cartas-artigos. Interessaram-nos saber quais as relações que os missionários estabeleceram com a comunidade de Paranavaí, como esses religiosos se apresentavam e como eles pensaram a realidade cultural de Paranavaí.

Destacamos os temas que observamos causarem maior estranhamento, aqueles relativos ao comportamento do homem brasileiro que, em alguns momentos, são vangloriados e noutros são depreciados, tais como, a caridade, a malandragem e a sexualidade. Lembrando que os missionários carmelitas, para interpretar a sociedade de Paranavaí, pautaram-se em seus referenciais de origem e em suas trajetórias individuais que marcaram sua maneira de olhar para o outro, por conseguinte, a Segunda Guerra Mundial, e o pós-guerra, marcaram sobremaneira os freis alemães

4.1.1 A primeira impressão é a que fica?

Ter a oportunidade de olhar para o passado e tecer considerações acerca da forma que homens viveram e “leram” determinada época é um privilégio. Olhar para determinado acontecimento e poder deixar uma contribuição, ainda que ínfima, traduz um sentimento imensurável de realização.

A primeira impressão é a que fica? A nossa análise caminha no sentido de mostrar o discurso de três missionários que fizeram referência, em suas cartas-artigos, à cidade do Rio de Janeiro, porta de entrada para o Brasil. Possivelmente, as cartas-artigos foram escritas

quando já estavam na cidade de Paranaíba, contudo a impressão que os mesmos tiveram do modo de vida da população carioca, abre espaço para interessantes conjecturas.

No percurso da viagem com destino a Paranaíba, em momentos diferentes -1953 e 1955-, Frei Henrique, Frei Alberto e Frei Burcardo, relataram as impressões que tiveram a respeito da capital do Brasil: a cidade do Rio de Janeiro, que abriga um dos monumentos mais visitados do país.

Segundo palavras de Frei Henrique: “Magnífica foi a entrada na baía do Rio de Janeiro durante a noite. Nós pudemos contemplar a cidade um pouco. Infelizmente o tempo estava nublado, chuvoso e muito abafado. A cidade está esplendidamente situada, mas é muito suja.⁸⁷ (WUNDERLICH, 2001, p. 09). O religioso enaltece o entorno da cidade, a natureza que a circunda, mas no que diz respeito aos aspectos urbanos, o elogio cede lugar a repreensão e a cidade ganha aspectos negativos.

Frei Burcardo e Frei Alberto chegaram juntos ao Brasil, em abril de 1954. Em relação à cidade do Rio de Janeiro, as palavras de Frei Burcardo, publicadas em junho de 1954 foram poucas e comedidas: “A capital brasileira nos ofereceu do porto uma vista maravilhosa” (LIPPERT, 2001, p. 49)⁸⁸. O primeiro artigo de Frei Alberto foi publicado em outubro de 1954:

A vista, na entrada do porto, é muito imponente mas a cidade mesmo não é muito bonita e um europeu não se acostumaria facilmente lá. Não se pode compará-la com as cidades européias. O trânsito é terrível. As ruas estão tão cheias de carros, que da calçada não se pode ver mais nada. Mesmo quem aprendeu a dirigir na Alemanha, aqui deve aprender de novo. [...] É verdade que também há bondes, mas de que tipo! Creio que foram fabricados no século XVIII. São simples caixotes, com bancos de madeira de ponta a ponta e sem corredor. Além disso, em ambos os lados é tudo aberto. É como uma cachopa de abelhas, pára em todo lugar e aparenta ser também uma chocadeira pendurada, cheia de pessoas. Há pouquíssimos bondes. Só alguns pagam a passagem, pois o cobrador não passa e quando passa, o pessoal salta fora do bonde e espera o seguinte⁸⁹ (FOERST, 2001, p. 59-60).

A primeira impressão de Frei Alberto em relação à cidade do Rio de Janeiro, a maneira como ele percebeu a cidade e a representou (CHARTIER, 1990), para si e para os leitores da Revista *Karmelstimmen*, apresenta o olhar do europeu, em que a diferença de

⁸⁷ Publicado em outubro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”. Note-se que Frei Henrique fala na primeira pessoa do plural, pois ele veio acompanhado de Frei Willibrord Kaese que segundo o tradutor Dom Frei Wilmar Santin em nota de rodapé, o religioso era ainda “estudante e queria ser missionário no Brasil. Ficou em Paranaíba até março de 1953, quando foi para Jacarezinho e ingressou no Seminário Diocesano deixando de ser carmelita.” (2001, p. 9)

⁸⁸ Publicado em junho de 1954, na Revista *Karmelstimmen*.

⁸⁹ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Die Stimme der Mission*”.

costumes, meios de transporte e na arquitetura levaram o religioso a olhar para a cidade e suas características, com sentimento de rejeição.

Ainda em relação aos costumes brasileiros, outra passagem que despertou a atenção do religioso:

Quero mencionar ainda um típico costume brasileiro, acontecido no aeroporto. O despacho da nossa bagagem custaria pelo menos 700 cruzeiros. O homem do guichê nos disse: “na ida para o avião os senhores me dão discretamente 200 cruzeiros e tudo estará certo”. Desse modo nós economizamos e o homem teve 200 cruzeiros no seu bolso. Aqui no Brasil é assim em tudo⁹⁰ (FOERST, 2001, p. 62).

A produção desse discurso coloca em evidência que o olhar do religioso em relação ao “novo mundo” foi de desaprovação frente ao que era visto, sendo que, para interpretar os homens e suas práticas, o estrangeiro tinha como suporte a própria sociedade como referencial.

É persistente no imaginário europeu, como também no brasileiro, a concepção de que, no país tropical os homens quando tem oportunidade tendem a tirar vantagem, enfim, é a noção persistente do chamado “jeitinho brasileiro” dando as boas-vindas aos religiosos.

Encontramos tal associação na viagem de São Paulo a Paranaíba, quando Frei Alberto fala a respeito da proposta do funcionário da companhia aérea. Proposta que é aceita pelo religioso. Abstendo-nos de abordar os pormenores da norma de conduta infringida e que não foi levada em consideração pelo religioso, já que ele é partícipe de uma ação na qual uma instituição -a empresa aérea- é desfavorecida, e atentando para a sentença emitida, acerca da prática de levar vantagem, que de acordo com o frei, se estende a todo o país, tal apreciação indica que a escrita do texto ocorreu algum tempo depois de sua chegada ao país, já que ele ressalta que é um “típico” costume brasileiro. Portanto, podemos conjecturar que ele não emitiria esse parecer a partir de uma única experiência, ou na melhor das suposições ele poderia em seu texto estar reproduzindo percepções de pessoas próximas a ele.

4.1.2 Comportamentos adequados/inadequados

Este tema é o mais subjetivo, pois trata do momento em que os missionários deixam entrever particularidades de um passado que foi materializado em forma de documento/monumento (LE GOFF, 2013) e, acima de tudo, um passado que mostra como os

⁹⁰ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Die Stimme der Mission*”.

homens pensavam as questões de seu cotidiano, que o passar do tempo se encarregou de apagar, enfim, indícios de como ler uma realidade.

Em virtude da necessidade de comunicar-se com a Província Carmelita de Bamberg, temos, ainda que de maneira turva, a maneira como esses homens pensaram a sociedade que os rodeava. Sociedade esta que já não existe como foi no passado, mas que carrega em si as marcas de uma religiosidade católica, herança de um grupo de homens, que ante toda a dificuldade, logrou deixar suas marcas no passado e no presente desta sociedade.

Sensibilidades se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez, do real e do não-real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e de seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real (PESAVENTO, 2004, p.58).

Assim, as sensibilidades acontecem no vai e vem da vida, a partir das experiências do homem em seu cotidiano, não precisa necessariamente falar do acontecido, pode se prestar as tecer impressões do que poderia ter ocorrido. A sensibilidade está no limiar entre dois pólos, mas acreditamos que longe da “falésia”⁹¹, pois já se consolidou enquanto abordagem histórica.

Ao olhar para o caráter do “brasileiro” e exaltar suas qualidades, Frei Ulrico, fez a seguinte comparação:

Do inglês diz-se que é o mais hábil e sabido comerciante do mundo; dos gregos afirma-se que eles produziram os melhores filósofos; sobre os alemães circulam as sentenças de que são o povo dos poetas e pensadores; a Itália agraciou, porém, o mundo com os maiores pintores. [...] Do brasileiro, entretanto, desejo dizer por experiência própria: ele é o homem mais hospitaleiro e prestativo (GOEVERT, [1957] 1992, p.68).

Longe de amigos, do convívio familiar, os sentimentos, as emoções se tornam mais fortes, levam-no a expressar mais seus sentimentos. Esses sentimentos geraram maneiras singulares de olhar para o mundo que o rodeava, repleto de particularidades.

⁹¹ Parafrazeando CHARTIER, Roger. A beira da falésia. A história entre as certezas e as inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002. Nessa obra Chartier coloca que: “Mesmo que escreva em forma “literária”, o historiador não faz literatura, e isso devido à sua dupla dependência. Dependência em relação ao arquivo, portanto em relação ao passado de que este é o traço. [...] Dependência, a seguir em relação aos critérios de cientificidade e às operações técnicas próprias a seu ‘ofício’” (2002, p. 98).

É válido destacar que a maneira que um religioso estrangeiro foi tratado na década de 1950 em uma região onde as pessoas ansiavam por presença religiosa, era diferente da maneira que era tratado um companheiro de trabalho ou um trabalhador rural. O missionário fala a partir de seu lugar social que, na maioria das vezes, é visto como distinto por ser ele o intermediário entre o homem e Deus.

Seguindo esta perspectiva Frei Ulrico afirma:

O brasileiro pode ter muitos defeitos, mas na necessidade ele abre o seu largo e solícito coração. Em 1937 um velho missionário franciscano alemão me disse: 'Se não existisse o sexto mandamento, todos os brasileiros seriam santos'. Inúmeras vezes pensei nestas palavras. Elas acertam na mosca (GOEVERT [1957] 1992, p.69).

A menção ao sexto mandamento coloca em evidência, o início da modernidade na qual os homens deixam para trás velhos tabus. Não obstante, a Igreja Católica ao longo de sua história, evidencia uma percepção negativa em relação á sexualidade, principalmente antes do casamento, lembrando sempre que a palavra castidade tem seu oposto na sexualidade.

Ranke-Heinemman (1994) afirma que os pensadores da Igreja católica, para impor seus preceitos morais, condenaram a sexualidade, mudaram ideias, chegando até a alterar textos sagrados que a abordavam de forma positiva, associando o prazer carnal à ideia do mal e o sexo enquanto sinônimo de procriação.

Ao se referir ao sexto mandamento, a crítica do missionário caminha no sentido de tentar impor normas de conduta e, principalmente, reforçar a noção de que o casamento religioso era necessário tanto na região missionária, como principalmente em uma Alemanha que caminhava rumo a modernidade, em que a instituição religiosa deixava paulatinamente de ter supremacia sob a vida do indivíduo.

Em todo Brasil é assim: Se um rapaz desonra uma moça, tem que casar com ela. E se um noivo constata, após o casamento, que a moça não era mais virgem, ele pode declarar o casamento inválido. Por isso cada uma guarda-se cuidadosamente evitando se entregar. Mas se ela for incorreta, junto com seu namorado oculta o erro e casam-se o mais breve possível. Se o rapaz desiste do casamento, ela comunica logo o seu passo em falso ao pai. Este tenta obrigá-lo a casar fazendo sérias ameaças. Se apesar disto ele não quer mais saber da moça, deve fugir o mais rápido possível para um outro Estado ou será levado para o cemitério mais cedo do que ele pensa (GOEVERT, [1957] 1992, p.26-27).

De acordo com a citação, quando ocorria a transgressão das normas de conduta em relação à sexualidade, ou seja, quando o homem constatava que a mulher não era mais virgem, este tinha o direito de devolvê-la como se fosse mercadoria, já que perante a sociedade, ela não era mais uma mulher honrada.

Da mesma forma, se ocorresse o defloramento da moça, a única saída para restabelecer a honra perdida era o casamento imediato, pois assim a índole da moça e da família estaria assegurada. O que está explícito nessa passagem evidencia uma sociedade na qual a mulher segue subjugada a uma figura masculina, sendo a prática do ato sexual pertencente ao mundo masculino, enquanto a mulher deve permanecer virgem até o casamento.

Michele Perrot (2008), em estudo sobre trajetória feminina ao longo dos séculos, dando ênfase ao caráter de invisibilidade que lhe foi outorgado, realiza uma interessante análise da importância da virgindade, vista como capital mais precioso das moças solteiras. Segundo a autora: “El sexo de las mujeres debe estar protegido, cerrado y poseído. De allí la importancia acordada al himen y a la virginidad, sobre todo por el cristianismo, que hace de la castidad y del celibato un estado superior” (PERROT, 2008, p. 82).

Podemos conjecturar que a sociedade de Paranavaí estava arraigada aos códigos morais e ao ideário católico, que proclamavam ser imoral a prática do sexo antes do casamento e ao defender a ideia de que a mulher deveria permanecer circunscrita ao âmbito privado, uma vez que seu papel era o de ser o esteio de toda a família cristã (AZZI, 2008b, p. 128-131).

Em síntese dadas as condições de fragilidade e inferioridade, os clérigos julgavam a mulher incapaz de saber conduzir-se de forma adequada na vida social, cultural, política e econômica. As principais manifestações dessa inaptidão feminina eram decorrentes de sua inclinação pecaminosa para a vaidade e imoralidade (AZZI, 2008b, p. 132).

Essa visão, persistente na comunidade de Paranavaí na década de 1950, tem relação dialógica com o dogma cristão: “La virginidad es un valor supremo para las mujeres y sobre todo para las jóvenes. La Virgen María -lo opuesto a María Magdalena- es su modelo y su protectora.” (PERROT, 2008, p. 82). Acrescentemos a essa passagem o fato dos carmelitas terem como inspiração a Nossa Senhora Virgem Maria do Monte Carmelo, exemplo de mãe e mulher cristã.

Esse tema, provavelmente preocupava Frei Ulrico, e sua postura apresenta sinais de distanciamento dos ideais de uma parcela dos bispos brasileiros, para os quais as mulheres deveriam ser “aconselhadas a viverem o mais possível reclusas no lar, sem presença alguma na vida social. Deveriam aceitar tranquilamente sua posição de inferioridade, levando uma vida devota, recatada e submissa.” (AZZI, 2008b, p. 133). Vejamos:

Num determinado dia chegou até mim um homem com sua mulher. Nervoso, irado, berrando me disse: “Aqui o senhor tem novamente a mulher, que o

senhor me deu ontem diante do altar. Ela não era digna de se casar?” Depois de tê-lo acalmado um pouco, perguntei-lhe: “De onde o senhor sabe que ela não era mais digna de se casar?” “Eu a obriguei a confessar e ela me disse. Ela deve casar-se com aquele que a desonrou.” Eu perguntei se ele até ontem ainda não tinha tido caso com mulheres. Muito orgulhoso respondeu-me: “Eu sou homem!” Retruquei: “O senhor não é homem coisa alguma, pois o senhor não dominou sua paixão entregando-se para as mulheres da vida e agora o senhor, um mesquinho pecador, exige um virgem para casar. Como o senhor pode exigir dos outros aquilo que o senhor mesmo não fez? É verdade que ela não seria digna de casar com um rapaz puro. Mas o senhor também não é digno de se casar com uma virgem. Dou para o senhor um conselho: Tome a sua mulher, com a qual o senhor casou ontem, e vá para casa com ela”. Ele coçou um pouco a barba e as pessoas que estavam presentes lhe disseram: “O padre tem razão”. Em conseqüência do que eu disse, ele tomou a sua esposa pela mão e foi para casa. É verdade que ele não a olhou imediatamente de maneira afetuosa (GOEVERT, [1957] 1992, p. 27).

A prática do ato sexual antes do casamento nesse contexto histórico é fortemente condenada pela Igreja católica, pois se é praticado antes do matrimônio, busca o prazer e não seu fim último a reprodução.

Nessa passagem observamos a importância que o homem atribuía à virgindade feminina na década de 1950, e como a mulher seguia sendo vista como submissa. A passagem bíblica contida na Epístola aos Efésios é significativa e serviu ao longo dos tempos para justificar a supremacia masculina: “As mulheres sejam submissas a seus maridos, como ao senhor, pois o marido é o chefe da mulher, como Cristo é o chefe da Igreja,[...] Ora assim como a Igreja é submissa a Cristo, assim também o sejam em tudo as mulheres a seus maridos” (EFÉSIOS, 2013, p. 1502).

A mulher, ao transgredir a regra estabelecida de manter-se virgem até o casamento, estava cometendo um ato de subversão em relação ao contexto daquele momento, uma região que iniciava seu processo de ocupação e que era marcada por uma mentalidade majoritariamente rural, na qual a mulher era dependente do marido.

No entanto, a figura do religioso enquanto mediador desse conflito familiar, tomando uma postura conciliatória abre espaço para a mudança de concepção na qual, homens e mulheres estariam em um mesmo patamar, tendo os mesmos direitos. Ou será que a intenção do missionário tenha sido somente apaziguar um conflito?

Frequentemente, a função dos clérigos ultrapassava seu campo de atuação, se estendendo para outros campos, nas práticas privadas dos primeiros colonos, ditando o que era pertinente ou não, demonstrando assim seu exercício de autoridade.

4.1.3 Imigração

Paranavaí foi o espaço⁹² (CERTEAU, 1994) onde o desenrolar dos fatos ganharam vida, em que vários sujeitos, homens ordinários, deram sentido ao lugar, a partir de suas práticas cotidianas

Um imigrante⁹³, sai de seu lugar de origem e se direciona a outro espaço geográfico em busca de melhores condições de vida e de um provável enriquecimento, que pode ser de ordem material ou espiritual, ou ambos. O fenômeno imigratório muda o cotidiano da região/cidade que acolhe os recém-chegados, pois é necessário que ocorra uma modificação em termos estruturais: o ambiente se expande para abarcar a nova população, muda os aspectos ligados à cultura, a maneira de ver e viver o cotidiano dos recém-chegados e dos que nesse espaço já estavam.

Mais do que tudo, esse choque entre público e privado se concretizou nas novas atividades produtoras que os imigrantes foram obrigados a exercer para sobreviver, nos hábitos de morar, de cuidar da higiene pessoal, de se alimentar e ainda nas práticas religiosas, educacionais e sanitárias, tão diferentes daquelas do seu mundo natal (ALVIM, 1998, p 216).

A imigração é tratada por Alvim, a partir de dois contextos: a Europa que expulsa, e a América ansiosa por povoadores (1998, p.216). O período tratado pela autora é de 1830 a 1930 e, apesar de nosso texto estar inserido em outra territorialidade e outra espacialidade o mesmo nos permite pensar a região de Paranavaí a partir dessa tensão em relação a esse novo momento dos imigrantes.

Importante lembrar que no início do trabalho missionário em Paranavaí, não apenas a população, mas os próprios missionários alemães também eram imigrantes, pois como afirmamos anteriormente, a região de Paranavaí iniciou seu processo de ocupação efetiva no final da década de 1940 e no início de 1950.

Paranavaí na década de 1950 recebia uma infinidade de imigrantes vindos das mais variadas regiões do Brasil e do mundo; Pernambuco, Ceará, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, além de estrangeiros e seus descendentes, alemães, japoneses, italianos,

⁹² O *lugar* para Certeau “ é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribui elementos nas relações de coexistência”. (CERTEAU, 1994, p. 201). Já o *espaço* é o lugar praticado pelo sujeito, (1994, p. 202) ou seja, é a presença do homem que transforma o *lugar* em *espaço*.

⁹³ De acordo com o dicionário Houaiss, a palavra imigração significa: “1 entrada de estrangeiros em um país 2 estabelecimento de indivíduos em cidade, estado ou região de seu próprio país, que não a sua de origem 3 conjunto de indivíduos que imigram” (INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS, 2011, p. 515).

árabes, turcos, libaneses, portugueses e espanhóis (PREFEITURA do Município de Paranavaí, 2013, p. 20).

Frei Burcardo ressalta:

Não chegam aos montes só imigrantes do estrangeiro, mas também um significativo número de imigrantes do próprio país. A migração de colonos, principalmente para o Estado do Paraná, é tão grande, que o Noticiário Alemão do Rio de Janeiro fala de uma segunda emigração. Levas e mais levas de colonos alemães, cujos pais se fixaram principalmente nos Estados sulinos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina a partir de 1850, abandonam o lugar de colonização dos seus antepassados e procuram se estabelecer a 1.000 ou até 1.500 km ao norte para não só cultivar café, mas também criar gado e porcos. Até dos Estados nortistas de Pernambuco, Bahia, Minas Gerais e São Paulo correm multidões para a Terra do Futuro, o Paraná⁹⁴ (LIPPERT, 2001, p.54).

Paranavaí, na década de 1950, foi uma cidade almejada por aqueles que queriam enriquecer, em função do cultivo do café. De acordo com Frei Burcardo:

Povoados e cidades crescem do chão como cogumelos. E em todo lugar onde o café é plantado, já se sabe que num espaço de 3 a 4 anos a população deverá triplicar para poder dispensar os cuidados necessários a esta cultura. O bispo tem razão, nós temos a maior paróquia - não somente em extensão, mas também em número de almas. No primeiro ano mensalmente eram feitos no máximo de 80 a 90 batizados, no segundo ano subiu para 150 a 180. Assim o número duplicou⁹⁵ (LIPPERT, 2001, p.55).

Os dados que temos acerca do aumento populacional estão circunscritos aos textos produzidos pelos missionários e ao IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística)⁹⁶.

Segundo o Pe. Jacobus Beck⁹⁷ em relação à região missionária:

Nos últimos anos, a cidade de Paranavaí cresceu literalmente do chão: quando frei Ulrico, em setembro de 1951, aceitou o posto missionário, a cidade tinha 3.000 habitantes - hoje já são mais de 5.000. Não se deve imaginar, contudo, uma “cidade” de acordo com o modelo europeu com casas de pedras e ruas asfaltadas. Não se pode compará-la na aparência também com uma de nossas aldeias. As casas simples de madeira são parecidas com nossas barracas de feira, e as chamadas “ruas” igualam-se

⁹⁴ Publicado em novembro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Brasilien – schwieriges Arbeitsfeld*”.

⁹⁵ Publicado em novembro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Brasilien – schwieriges Arbeitsfeld*”.

⁹⁶ Em nossa busca pela tentativa de reconstituição parcial de um passado, de preencher lacunas deixadas pelo tempo, fomos até a sede da Prefeitura Municipal de Paranavaí, no dia oito de janeiro de dois mil e quinze em busca de informações acerca do aumento populacional na região noroeste e a respeito da diversidade de etnias que estava se constituindo na cidade em 1950. Durante nossa visita a Prefeitura Municipal, percorremos as secretarias do “Desenvolvimento urbano”, “Comunicação”, “Infraestrutura” e “Educação”. Ao informarmos ao responsável pelo setor que buscávamos informações acerca da cidade na década de 1950, a expressão era de espanto. Finalmente ao passarmos por quatro secretarias descobrimos o por que do espanto? Na prefeitura municipal não há documentação e na Câmara de vereadores somente a documentação competente a esse órgão. Parte do início da história da ocupação de Paranavaí esta em algum arquivo esperando ser descoberta.

⁹⁷ Provincial que visitou a região missionária em fevereiro de 1952.

antes aos caminhos, como nós encontramos na Alemanha, muitas vezes como acessos para areias. A cidade, porém faz boa figura em ordem e limpeza (BECK, [1952] 1992, p. 15).

Apesar do estranhamento do religioso frente ao que vislumbrou em Paranavaí, em seu início do processo de urbanização, com a atitude de sempre comparar com as cidades alemãs, chamamos a atenção para o número de habitantes. Frei Ulrico chegou a “Colônia Paranavaí” no último dia do mês de agosto de 1951 e a visita do provincial alemão aconteceu em fevereiro de 1952, e em um intervalo de 06 meses a cidade cresceu 66,6%, a partir desses dados.

Outra fonte acerca do processo de ocupação de Paranavaí é o texto: “População da colônia era de mais de seis mil habitantes” do jornalista David Ariocho: “Em 1928, O Distrito de Montoya, atual Paranavaí, no noroeste do Paraná, ganhou contornos de cidade. A colônia oferecia tudo que era necessário à sobrevivência dos mais de seis mil moradores”⁹⁸ (ARIOCHO, 2011).

Os dados do IBGE, de 1950 atribuem a Paranavaí, uma população total de 25.520, não constando divisão entre população urbana e rural. Acrescentemos a esse número o fato de que nesse momento fazia parte de Paranavaí todo o território da atual Associação dos Municípios do Noroeste Paranaense (AMUNPAR), ou seja, o que equivale a todos os municípios que englobam a região noroeste⁹⁹, o que talvez explique a gritante diferença dos números relatados pelos missionários e os números contabilizados pelo IBGE¹⁰⁰.

Os missionários alemães religiosos buscaram o enriquecimento da instituição a qual pertenciam em um duplo sentido: o material e o simbólico. Da mesma forma que o imigrante deixa seu lugar de origem e caminha em busca de melhores condições, assim também os missionários caminharam nessa perspectiva, mas não em favor próprio e sim do outro, para que o outro alcançasse a salvação. Provavelmente, a estrada que eles percorreram era vista

⁹⁸ <https://davidariocho.wordpress.com/tag/braviaco/>. Acesso 09/01/2014.

⁹⁹ Alto Paraná, Maristela, Santa Maria (distrito), Sumaré (distrito), Amaporã, Nordestina (distrito), Cruzeiro do Sul, Diamante do Norte, Guairaçá, Inajá, Itaúna do Sul, Jardim Olinda, Loanda, Marilena, Ipanema (distrito), Mirador, Nova Aliança do Ivaí, Nova Londrina, Cintra Pimentel (distrito), Paraíso do Norte, Paranavaí, Cristo Rei (distrito), Deputado José Afonso (distrito), Graciosa (distrito), Paranapoema, Planaltina do Paraná, Porto Rico, Querência do Norte, Icatu (distrito), Porto Brasil (distrito), Santa Cruz do Monte Castelo, Santa Esmeralda (distrito), Santa Isabel do Ivaí, São José do Ivaí (distrito), Santa Mônica, Santo Antônio do Caiuá, São Pedro do Paraná, Porto São José (distrito), São João do Caiuá, São Pedro do Paraná, Porto São José (distrito), Terra Rica, Ademar de Barros (distrito). IBGE <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411840&search=||infogr%El%ficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso 09/01/2014

¹⁰⁰ Em nossa visita a “Prefeitura Municipal”, questionamos também acerca da expedição de Alvará de funcionamento de denominações religiosas não-católicas. A resposta mais uma vez foi negativa; não existem registros a respeito desse tópico, somente a partir do ano de 2000 o órgão dispõe de cadastramento.

como um caminho que, apesar de sinuoso, levaria ao enaltecimento de seu trabalho e da Ordem Carmelita.

Para o enriquecimento material, fazemos referência aos conselhos de Dom Geraldo Sigaud, acerca da aquisição de bens para a Igreja e que poderia ser materializado na necessidade em angariar propriedades para a Ordem e para a missão.

O enriquecimento simbólico seria expresso pela aquisição e manutenção de capital simbólico (BOURDIEU, 2011), que investe a instituição e seus membros de autoridade. Como afirmamos, a maioria da população da região missionária era católica, mas por falta de sacerdotes e de igrejas, realizava suas práticas religiosas em ambiente doméstico. A não visibilidade institucional poderia levar os habitantes a participar de outras denominações religiosas, o que seria um empecilho para a propagação do catolicismo.

Quando chegaram à região missionária a ansiedade se estabeleceu em seus espíritos, pois os missionários se depararam com uma realidade diferente da sua. O clima e a região eram inóspitos, interpretados como uma floresta ao ponto de, em algumas passagens, intitularem o local de “selva”, “no meio do mato”, “floresta”. É relativamente difícil imaginar o choque emocional e cultural que eles sentiram.



FOTO 05: “Paranavaí-PR 1949, Procissão”. Fonte: FLICKR Dom Wilmar Santin¹⁰¹.

¹⁰¹ <https://www.flickr.com/photos/wsantin/7813778180/in/set-72157621437382519>



FOTO 06: “capelas rurais”. Fonte: FLICKr Dom Wilmar Santin¹⁰².

As fotos acima servem de suporte para evidenciar o novo contexto que os missionários vivenciaram. A primeira foto mostra a Colônia Paranaíba em 1949, dois anos antes da chegada de Frei Ulrico e de sua elevação a categoria de município. As casas são esparsas, todas de madeira, as ruas não são pavimentadas e ao fundo nota-se a riqueza de sua vegetação. Possivelmente nessa paisagem de 1949 não tenha ocorrido mudanças substanciais até a chegada dos missionários. Não podemos deixar de fazer menção ao fato de que a foto mostra uma procissão, ou seja, é uma comunidade de raízes católicas.

A segunda foto, provavelmente publicada na Revista *Karmelstimmen*, “algumas de nossas capelas”, da região missionária no Brasil. Capelas simples aos olhos de um europeu, mas que coloca em evidência o êxito do trabalho missionário, pois a partir da construção desses espaços sagrados ocorria um maior estreitamento entre a instituição e a população local.

As duas fotos mostram uma realidade desafiadora para os missionários. Na Alemanha eles faziam parte de um mundo “civilizado”, no qual tinham acesso a igrejas, escolas, hospitais, carros, capelas, estradas, enquanto na região missionária estava tudo por construir, tanto o material quanto o simbólico.

Segundo Boris Fausto a imigração causa, naquele que migra, um profundo corte que leva a várias consequências “no plano do material e no plano do imaginário”. “O corte não é sinônimo de apagamento de uma fase passada, na vida individual, familiar ou de grupo, integrando-se pelo contrário ao presente, com muita força.” (FAUSTO, 1998, p.14). Para amenizar a falta o imigrante recria, em seu novo território, aspectos de sua vida, numa síntese que mescla um passado nostálgico e a uma nova realidade. Os missionários carregavam

¹⁰² <https://www.flickr.com/photos/wsantin/2257448704/in/set-72157603872906141>

sentimentos e sensações que tinham necessidade de suprir numa tentativa de recompor sua estrutura cultural.

Essa tentativa se materializa em um lugar situado a 18 km de Paranavaí: o Distrito de Graciosa¹⁰³. Antes chamada de Gleba 22, Graciosa passou a ser colonizada a partir de 1944, com a instalação da família de Leopoldo Jasper, oriundo de Santa Catarina, depois de algumas aventuras, instalou-se nessa localidade e acabou atraindo outros teuto-catarinenses para a comunidade. (Revista Grande Noroeste, 1994, p. 08-09).

Os freis carmelitas fizeram em suas cartas-artigos referência a esta localidade. De maneira geral, o distrito de Graciosa era composto majoritariamente de teuto-catarinenses¹⁰⁴, isso fez com que abrandasse as mazelas que se abatem sob aquele que esta longe de seus costumes e de sua cultura.

Frei Henrique fez menção a essa comunidade em seus escritos, apresentando-a aos leitores da Revista *Karmelstimmen*:

Na primeira sexta-feira do mês fui a Graciosa, de carro. Um trecho da estrada estava muito ruim, assim como as ruas de Paranavaí. Não há propriamente um leito de estrada, mas sim um trilho escavado no gramado ou feito com trator. [...] A viagem segue em parte no meio da mata virgem e em parte ao lado de locais já destruídos pelo fogo ou ainda em chamas. Nas clareiras, aqui e acolá, já existem plantações de café. Graciosa não fica distante, viaja-se aproximadamente uma hora para conseguir percorrer 18 km. O lugarejo está muito bem situado, num vale com um riacho, tendo uma paisagem parecida com a nossa Francônia [...]. Lá vivem quase sem exceção, de um e de outro lado, só famílias alemãs. Ali preguei em alemão e atendi confissões. Tive muito trabalho, visto que o povo participa bastante da igreja. Fiz alguns batizados e levei comunhão aos doentes. Nestas ocasiões utilizei meu ritual alemão. [...] Famílias com 8, 12 ou 16 filhos é normal. Os primeiros colonos alemães chegaram naquela região 8 anos atrás, queimaram a mata, construíram ranchos, cultivaram a terra e alguns deles já estão meio abastados. [...] Na volta tive que benzer algumas propriedades nas redondezas e em todo lugar tomar café (WUNDERLICH, 2001, p.17-18).¹⁰⁵

Ao falar a respeito do distrito de Graciosa é notável a dificuldade para se chegar ao local, mas também destaca o sentimento de nostalgia em relação à paisagem do lugarejo, pois faz o frei lembrar-se da Alemanha. Outra narrativa relevante ocorre em relação a aptidão ao trabalho, pois mesmo fazendo pouco tempo da chegada dos teuto-catarinenses a região de Paranavaí, rapidamente alcançaram estabilidade econômica.

¹⁰³ Não existem estudos acadêmicos que versem a respeito dessa localidade.

¹⁰⁴ Segundo o dicionário Houaiss, teuto faz referência a “povo da Germânia” (HOUAISS, 2011, p. 908). Utilizamos o termo teuto-catarinenses, pois o distrito de Graciosa, foi formado majoritariamente de alemães e descendentes vindos de Santa Catarina.

¹⁰⁵ Publicado em outubro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

Também observamos que os missionários alemães, apresentam seus compatriotas “como bons religiosos”, diferente da religiosidade manifestada pelas demais etnias existentes na região missionária.

A comunidade de Graciosa oportunizou aos missionários alemães –e vice-versa- a oportunidade de sentirem-se mais próximos da Alemanha, principalmente a partir do idioma que partilhavam. E os missionários carmelitas alemães oportunizaram aos teuto-catarinenses a sensação de um elo com seus antepassados e com a cultura alemã que a partir do contato com os missionários “recém-chegados” da Alemanha estaria “mais pura” em comparação com as práticas e os costumes dos teuto-catarinenses que já havia passado em função do meio por um processo de mudança. A partir dessa relação dialógica a comunidade de Graciosa foi beneficiada, pois poderia ouvir a homilia em seu idioma¹⁰⁶ e os missionários, a partir dessa identificação poderiam minimizar a nostalgia em relação a seu país de origem e tudo o que a ele se relacionasse.

Estar distante do lugar de origem implica em nostalgia, em querer estar próximo, mesmo estando longe, questionar-se acerca do que estaria ocorrendo na rememorada Alemanha. Frei Henrique Wunderlich, foi o missionário que mais abordou a situação da Alemanha do pós-guerra. Tal tema o inquietava:

Como estão as coisas na Alemanha? Escutei que os Partidos Cristãos¹⁰⁷ têm a maioria absoluta, portanto os outros partidos sofreram uma grande derrota. Há ainda uma sadia tendência no povo alemão. Estamos satisfeitos com isso (WUNDERLICH, 2001, p.37).¹⁰⁸

De acordo com Souza, no gênero epistolar, um lugar ou “pessoa ausente, a qual se presentifica pela comunicação escrita e através dela transforma-se no encontro imaginário, reativado pela força da memória.” (2000, p. 301)

Bamberg é uma cidade pertencente ao Estado da Baviera, no contexto do pós Segunda Guerra Mundial e Guerra-Fria, a partir das divisões empreendidas se situava na região da Alemanha Ocidental (1949)¹⁰⁹. Frei Henrique, talvez por ter participado da Segunda Guerra Mundial, ou por curiosidade, carregava uma preocupação política com seu lugar de origem: “Escrevam-me também como está a situação na Alemanha. Não temos rádio instalado. Como

¹⁰⁶ Essa realidade não abrangia a todos os teuto-catarinenses que viviam em Graciosa, pois como é sabido a Alemanha tem vários dialetos.

¹⁰⁷ A União Democrata Cristã (CDU), não possui diretório regional no estado da Baviera, enquanto a União Social Cristã (CSU), está organizada apenas neste estado. “Os partidos democrata-cristãos CDU e CSU, inversamente ao Partido Centrista católico da época da República de Weimar, dirigem-se a eleitores de ambas as confissões cristãs” (RÖMER, 1979, p. 89).

¹⁰⁸ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasillien*”.

¹⁰⁹ República Federal da Alemanha (RFA)

foram as eleições federais? O que está acontecendo na Alemanha Oriental? Escutei que lá há greves!¹¹⁰ (WUNDERLICH, 2001, p.35-36).

As mazelas da Segunda Guerra Mundial e o repúdio ao nazismo repercutiram também na região missionária:

Aqui no Brasil, durante a guerra a língua alemã esteve proibida. Muitos adultos entendem melhor o alemão do que o português. As crianças, no entanto, não aprendem mais alemão na escola. Se continuar assim, a língua alemã se perderá na próxima geração.¹¹¹ (WUNDERLICH, 2001, p. 21).

A comunidade teuto-catarinense estimulou a manutenção da língua e da cultura alemãs. Não obstante, essas tentativas não geraram frutos e o idioma alemão (na verdade a maioria da população fala o dialeto da região da Wéstfalia – Platt-Dütsch), é falado na atualidade, apenas pelas pessoas mais velhas. Os moradores do Distrito de Graciosa aprendiam na escola o português¹¹² e o alemão era falado em ambiente familiar.

Nesse sentindo, a língua para os missionários alemães era uma importante ferramenta para amenizar a nostalgia que sentiam em relação a seu país de origem, pois ela lhes permitia comunicar-se em sua língua nativa e recordar um passado em comum. Mesmo que em alguns casos ao fazer referência a determinados locais ou fatos recentes da Alemanha, os colonos de Graciosa não soubessem do que se tratava, visto que a maioria deles havia nascido no Brasil, a construção da noção de uma identidade comum era importante para os colonos.

Apesar desse trabalho, não ter como foco a Segunda Guerra Mundial, esse conflito de maneira direta ou indireta influenciou nossas fontes, e acreditamos ser importante, fazer menção ao que Hobsbawm destacou:

[...] o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o breve século XX sem ela. Ele foi marcado pela guerra. Viveu e pensou em termos de guerra mundial, mesmo quando os canhões se calavam e as bombas não explodiam. (HOBSBAWM, 1995, p.30)

O lugar social de produção das cartas-artigos foi influenciado pela vivência desses homens, tanto na Alemanha, como no Brasil, ainda mais com dois freis que efetivamente participaram da Segunda Guerra Mundial: Frei Henrique e Frei Alberto Foerst. Acerca de Frei Burcardo Lippert, ainda que não tenhamos dados precisos de sua efetiva participação, ele viveu as penúrias que esse acontecimento acarretou à população alemã.

¹¹⁰ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

¹¹¹ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

¹¹² Segundo a revista *Graciosa- Nossa História Nossa Gente- 60 anos “A construção do Grupo Escolar pela Prefeitura Municipal de Mandaguari na gestão do então prefeito DÉCIO MEDEIROS PULLIN”*, ocorreu em 1947 (SCHIROFF, 2013, p.7).

Frei Ulrico trouxe em sua memória, as mazelas da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), pois sendo o mais velho dentre os freis –tinha 12 anos de idade em 1914- vivenciou apenas o primeiro conflito. Frei Ulrico chegou ao Brasil em 1936, portanto aos 33 anos de idade, logo não presenciou, de maneira efetiva, a Segunda Guerra, mas foi influenciado por ela. Durante sua permanência em Recife destacou:

Nos anos seguintes à guerra, nós alemães, tínhamos fundado em Pernambuco um comitê de ajuda à Alemanha. Este comitê estava incorporado à Cruz Vermelha Brasileira. Com isto pudemos aliviar a miséria de nossa gente. Houve alemães em Pernambuco que venderam suas próprias casas para enviar ajuda à pátria necessitada. E muitos, que não tinham propriedades para vender, venderam seu próprio sangue para enviar pacotes à Alemanha com o dinheiro recebido. As quase 300 famílias, que se encontravam em Pernambuco, me escolheram como presidente desse Comitê de Ajuda (GOEVERT, [1957] 1992, p.08-09).

Mesmo longe o sentimento de pertença é preponderante; essas pessoas, por razões diferentes saíram da Alemanha e foram buscar em outro país o que sua pátria-mãe lhe negará: a possibilidade de satisfazer seus anseios materiais e/ou espirituais. Apesar da dificuldade que lhe apresentou o lugar de origem e o fez imigrar, o indivíduo não deixa de nutrir por seu país de origem certa afeição. Em momentos precários esse sentimento se torna mais desvelado, podendo vir a se manifestar em renúncia a bens materiais, em a caridade é exaltada.

Aqueles que careciam de recursos financeiros “venderam” seu próprio sangue, mas não deixaram de prestar auxílio. Literalmente a expressão “deu o sangue” faz sentido: “Nisto temos conhecido o amor: (Jesus) deu sua vida por nós. Também nós outros devemos dar a vida pelos nossos irmãos” (1JOÃO, 3:16, p.1552).

Para Frei Ulrico, tanto ele como os alemães, que aqui viviam, não estavam insensíveis ao que ocorria com seus compatriotas (irmãos), e que, principalmente, estavam em consonância com os ensinamentos cristãos. Acreditamos que Frei Ulrico, longe da Alemanha e não vivendo o conflito de maneira direta, fosse contrário às ideias nazistas¹¹³.

Em relação aos demais missionários, não encontramos indícios de apoio ou de repúdio ao que ocorreu na Alemanha, principalmente no que diz respeito ao nazismo.

¹¹³ Para chegar a essa dedução partimos da fala que o missionário faz e que foi citada no primeiro capítulo: “Logo, porém chegaram as arruaças nazistas e a guerra. Em consequência disto, o projeto missionário foi temporariamente adiado pelos superiores.” (GOEVERT, [1957] 1992, p. 08).

4.1.4 Pelos ares da região missionária: um sonho não realizado

Provavelmente, o fato de Frei Henrique ter frequentado a escola de aviação e paraquedismo, levou-o a planejar a construção de um meio de transporte aéreo: a primeira menção ao tema ocorreu no dia 05 de maio de 1953:

Tão logo seja possível, quero começar a construção de um avião (um planador com motor) para em pouco tempo poder ir a todos os pontos da paróquia. As estradas são muito ruins e as viagens por terra não me fazem bem. É lógico que eu não seria capaz de fazê-lo sem um bom projeto, que trouxe da Alemanha. Andar de carro por estas péssimas estradas é terrível¹¹⁴ (WUNDERLICH, 2001, p.32).

A carta é de cinco de maio de 1953, aproximadamente dois anos após a chegada de Frei Ulrico, e 13 meses da chegada de Frei Henrique a região. Note-se que os religiosos já tinham adquirido um meio de transporte para suas visitas. No início desse processo o deslocamento ocorria a cavalo nas curtas distâncias. E, se a visita era feita em lugares mais distantes, Frei Ulrico pedia aos interessados que viessem buscá-lo.

Em carta de 20 de maio de 1953, Frei Henrique volta a tocar no assunto:

Se tivéssemos um avião, como seria ótimo! Aqui, em todo lugar, ou já existe ou está sendo construído um campo de aviação. Normalmente só possuem uma pista, portanto para pouso e decolagem só há duas direções. As pistas têm geralmente mais de 1 km de comprimento. Se numa localidade, onde existe uma capela, não há um campo de aviação, há pelo menos um grande campo de futebol, onde se pode pousar. [...] Do avião depende o acompanhamento da nossa enorme paróquia. Eu não aguento dirigir carro e para Frei Ulrico é também muito desgastante andar por estes longos caminhos e perigosas estradas ruins. [...] Para comprar um avião não temos dinheiro suficiente, além disso a região ainda é muito pobre. Como o povo católico não pode conseguir isto, teremos que contar só com nossos próprios recursos. Em meu nome digam um “Deus lhes pague” a todos que, com seus conhecimentos e solicitude, ajudarão na concretização desta idéia. Espero que realizemos este sonho do avião em breve e que com isso entusiasmemos o povo daqui¹¹⁵ (WUNDERLICH, 2001, p. 33-34).

A última referência ao tema ocorre em carta de 22 de novembro de 1953: “[...] Continua ainda sem perspectiva o recebimento de um avião?”¹¹⁶ (WUNDERLICH, 2001, p.40).

A construção do planador seria a saída encontrada para diminuir as distâncias na região missionária. Nesse momento a região que abarcava a paróquia de Paranavaí contava

¹¹⁴ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

¹¹⁵ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

¹¹⁶ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

com apenas dois missionários¹¹⁷, o que em virtude das grandes distâncias dificultava o trabalho pastoral, pois algumas localidades recebiam a visita pastoral a cada quatro semanas. Em outras localidades, o tempo de espera era maior.

Frei Henrique apresenta a situação das estradas, as longas distâncias a percorrer, mas o peculiar nessas passagens reside no fato de colocar a responsabilidade do “sucesso” da evangelização nas mãos da Província Carmelita de Bamberg e dos leitores da Revista *Karmelstimmen*. Quando o mesmo diz “Do avião depende o acompanhamento da nossa enorme paróquia” ele está mostrando aos leitores, que os freis carmelitas dependem do envio de recursos materiais, para lograrem atender toda a população que “necessita” de um trabalho pastoral mais detido.

O sonho de Frei Henrique não foi realizado, e a região missionária ficou sem esse meio de transporte. Um padre, piloto de avião causaria na população da região missionária espanto e admiração.

Frei Henrique foi o segundo missionário alemão a chegar a Paranavaí e em suas cartas¹¹⁸ observamos a preocupação com os aspectos materiais do projeto missionário. Narrava, com ênfase, a nova igreja ao longo de suas cartas¹¹⁹, como estava o andamento da construção e o ornamento da mesma. Foi ele quem esculpiu o crucifixo da Paróquia São Sebastião, objeto que até hoje ornamenta a igreja, como símbolo do trabalho que foi empreendido pelos missionários alemães.¹²⁰

No momento dedico-me a esculpir o crucifixo para o altar-mor. O modelo de argila está pronto há tempo; tem 2,20m de comprimento, é maior do que o tamanho natural. Os trabalhos preliminares na madeira já terminaram. A cabeça está quase pronta. Por ser muito dura e pesada, cada talho deve ser feito com martelada. A madeira chama-se amendoim, é muito boa e não racha. A tora tinha uma grossura de 60-70 cm e foi retirada da mata virgem local. Determinar o dia exato para concluir a obra não é possível. Coloquei a tosca e talhada figura encostada na parede do convento. Para trabalhar a

¹¹⁷ Os dois missionários eram: Frei Ulrico e Frei Henrique. Frei Boaventura apesar de ter chegado em março de 1953, seu trabalho pastoral ficou restrito ao Distrito de Graciosa.

¹¹⁸ Frei Henrique tem duas publicações no compêndio “As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí”, os dois textos tem o título de “Cartas do Brasil” ou “*Briefe aus Brasilien*”. A primeira publicação de outubro de 1953, apresenta a descrição da viagem desde a Alemanha até Paranavaí e depois apresenta o seguinte título: “Em Paranavaí”. A segunda publicação de novembro de 1953 é composta das seguintes cartas: “24 de novembro de 1952”, “Dia 27 de dezembro de 1952”, “Dia 29 de janeiro de 1953”, “9 de fevereiro de 1953”, “Páscoa de 1953”, “5 de maio de 1953”, “20 de maio de 1953”, “30 de junho de 1953”, “14 de agosto de 1953”, “19 de setembro de 1953” e “22 de novembro de 1953”, a primeiro trecho desta publicação não tem um título, apresenta de maneira geral, o distrito de Graciosa entre outras coisas.

¹¹⁹ Cartas que somam 14, com exceção de duas: a primeira que narra a viagem da Alemanha a Paranavaí e a carta de “19 de setembro de 1953”.

¹²⁰ Frei Henrique também é responsável pela construção dos castiçais, tabernáculo, lamparina, mesa do altar, além dos utensílios necessários: mesa de carpinteiro, maço, plaina, galopa, esquadro, prumo e serrote.

cabeça devo subir numa mesa. Os cinzéis, mandei um ferreiro alemão fazer com molas de caminhão¹²¹ (WUNDERLICH, 2001, p. 39).



FOTO 07: Crucifixo produzido por Frei Henrique Wunderlich.
Fonte: Arquivo da autora (2015)

4.1.5 “Floresta em decadência”

O título “floresta em decadência” é apropriação de um dos adjetivos utilizados pelos freis carmelitas para se referirem à região missionária.

Segundo o livro produzido pela Prefeitura do Município de Paranavaí, na atualidade: “A cobertura florestal nativa ocupa 3,52% da área da microrregião, que pode ser considerada uma das regiões mais desmatadas do Paraná, com 1,64% do total de floresta nativa do Estado” (PREFEITURA, 2013, p.20). A interpretação que os carmelitas alemães deixaram desse momento histórico, coloca em evidência um problema que já era apontado por eles na década de 1950: o desmatamento sem suporte do Estado, o que acarretaria problemas futuros para a região.

Embora o desmatamento seja um dos grandes problemas ambientais na atualidade, é lugar comum afirmar que esse problema teve início no Brasil, com o processo de colonização. Não obstante, assim como os europeus, de certa maneira para o colono, derrubar a mata era abrir possibilidade de ocupação de um território.

De acordo com Frei Henrique:

¹²¹ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

Em torno de Paranavaí a mata virgem está sendo queimada, às vezes não se pode ver mais de 100 metros de distância por causa da fumaça, e o sol fica parcialmente obscurecido. Isto acontece todos os anos nesta época, quando as matas são derrubadas. O calor durante o dia é muito abafado sem qualquer brisa e mesmo de noite não refresca¹²² (WUNDERLICH, 2001, p.14).

Aqui, o mato é simplesmente empurrado para o lado com um trator e a estrada está pronta. O vento, o tempo e a água dos violentos aguaceiros começam então seu trabalho de erosão. De vez em quando formam-se buracos ou valetas de meio metro de fundura. Às vezes a estrada segue inclinada e cheia de água, quase tombando o carro ou então ficamos atolados na areia ou lama¹²³ (WUNDERLICH, 2001, p. 34).

O crescimento da região missionária, atrelada à ideia de desenvolvimento, já preocupava os religiosos alemães. Apesar de terem vindo de um país que estava se reconstruindo, em virtude dos malefícios ocasionados pela Segunda Guerra, em termos tecnológicos e industriais já estava em outro estágio em relação à região de Paranavaí. Com isso não queremos dizer que a questão ambiental não estivesse presente na preocupação e expectativas da nação alemã. Queremos tão somente chamar a atenção que o desmatamento desenfreado que ocorreu na região de Paranavaí era alvo de questionamento dos religiosos.

Chama a atenção, pois esses discursos eram publicados e lidos por pessoas que passaram a construir uma imagem da região missionária e dos homens que a englobavam como destituídos de preocupações ambientais.

Na década de 1950, um território que estava liberado para ocupação, a prática comum dos primeiros colonos, era a de derrubar a mata com os instrumentos que tinham ao alcance, e iniciar o plantio, já que a maioria dos lotes, disponíveis para venda, eram rurais. Dessa maneira, essas preocupações que afligiam o religioso alemão, não faziam parte das preocupações dos colonos, que tinham de garantir a subsistência da família.

O discurso produzido acerca do meio ambiente pelos freis alemães abre um amplo leque de discussões, para aqueles que trabalham com questões ambientais. Mas como nosso interesse nesta questão é apenas mostrar como os missionários “olharam” para a região missionária não nos aprofundaremos nas particularidades dessa temática.

Frei Alberto oferece um panorama das primeiras ações dos colonos na região:

Quando se chega da Alemanha encontra-se uma mentalidade totalmente diferente. O mato é simplesmente derrubado, permanece algumas semanas no chão e finalmente é queimado. Depois, é feita uma cerca para delimitar a propriedade e a madeira meio queimada é enterrada. Daqui a alguns anos não haverá mais madeira para queimar, deverá ser comprada cara. Ou um

¹²² Publicado em outubro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

¹²³ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasilien*”.

outro exemplo: no ano passado a seca prejudicou quase totalmente o plantio do milho, por isso ficou com preço altíssimo. Neste ano foi plantado milho demais; a colheita é para ser a melhor de toda a história, mas o custo para colher é mais caro do que o produto vale, por isso grande parte do milho não será colhido e ficará na roça. Aqui tudo vive ao Deus dará! O que é necessário para a vida, cresce sempre na roça. Um rigoroso inverno para o qual deveria haver preparação não há. Nos restos queimados das novas roças é plantado café, o qual dá a primeira colheita só depois de 4 a 5 anos. No meio do cafezal planta-se nos primeiros anos: milho, arroz e feijão, que se constituem no alimento diário. É muito difícil descrever tudo para que vocês possam ter uma idéia, sem terem visto pessoalmente¹²⁴ (FOERST, 2001, p.63).

Notamos a preocupação de Frei Alberto em relação à maneira como o desmatamento era realizado. A madeira no contexto de Paranavaí era um material abundante, não aproveitada¹²⁵. Em contrapartida na Alemanha da década de 1950, a madeira era item primordial para enfrentar o inverno. Presenciar tanta madeira sendo queimada, sem que ocorresse o seu aproveitamento causava descontentamento. Frei Alberto aponta seu discurso para a tensão existente entre o vivenciado na Alemanha e o descobrimento do outro na região missionária.

Aponta também, para o fato de que nos primeiros anos as pessoas que obtiveram sua pequena propriedade plantavam o que era necessário para a alimentação diária da família. Segundo entrevista com Dona Paulina Pereira, que chegou a Graciosa no ano de 1956: “Meu marido ia para a cidade só de vez em quando. No sítio a gente tinha tudo, banha, leite, mandioca, batata-doce, feijão. A gente trabalhava duro” (PEREIRA, 18/12/2014). Mas o cultivo dos alimentos era realizado em meio aos pés de café, para não diminuir a extensão da área que deveria ser ocupada pelo que geraria lucro.

Diante das dificuldades de adaptação na região missionária relacionadas à infraestrutura, alimentação, língua, costumes, provavelmente a que mais causou estranhamento, foi o clima. A Alemanha é um país com temperatura baixa no inverno e amena no verão. Segundo dados de 1979: “A temperatura média anual geral é de 9°C” (RÖMER, 1979, p.16). Com uma temperatura tão amena não soa exagerado as palavras de Frei Henrique:

O sol do meio-dia reflete verticalmente sobre a terra As crianças cozinham e assam ovos na areia. Quem anda descalço fica com bolhas nos pés. Ando permanentemente de sandálias. Faz semanas que não chove por aqui. A colheita está consumida pelo sol, a grama seca, o arroz e o milho quase totalmente perdidos. A manteiga derrete na sombra¹²⁶ (WUNDERLICH, 2001, p.25).

¹²⁴ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Stimme der Mission*”.

¹²⁵ Não temos dados a respeito da quantidade de madeiras existentes na região nos primeiros anos de 1950.

¹²⁶ Publicado em novembro de 1953, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Briefe aus Brasillien*.”

Nessa passagem Frei Henrique relata suas as dificuldades de adaptação, submetido a um clima inóspito, demonstra um esforço por permanecer aqui, pois as condições de vida eram outra, diferente do que estava habituado até então. Assim o frei constrói uma imagem de si enquanto missionário que, apesar das adversidades, está comprometido com a missão.

As condições climáticas da região missionária se apresentavam como mais um obstáculo a ser vencido. O calor excessivo, apesar de não haver referência aos graus, influenciou no cotidiano e na realização de algumas atividades, principalmente as que exigiam esforço físico. Provavelmente, em virtude de Frei Henrique exercer a função de missionário/marceneiro/escultor, atividades que demandam esforço físico, apresente mais reclamações que os demais missionários: “Sob este calor não se pode fazer muito trabalho espiritual. Deita-se e a cabeça torna-se pesada como bêbada. Durante o trabalho o suor escorre como um riachinho” (WUNDERLICH, 2001, p.28).

4.1.6 Um artigo atípico

Frei Alberto Foerst, juntamente com Frei Ulrico, foi o missionário que mais tempo permaneceu no Brasil; foram 55 anos em terras brasileiras. O missionário chegou em 1954 e retornou a Alemanha em 2009, vindo a falecer no dia 01 de novembro de 2014.

No ano de 1985 na tentativa de abrir uma nova frente missionária, Frei Alberto foi transferido para Dourados-MS. Nessa localidade exerceu função de vigário-geral da diocese, e em 1988, foi nomeado bispo coadjutor, ao lado de Dom Theodardo Leitz. Em 1990 foi nomeado bispo e veio a exercer essa função até o ano de 2001, quando resignou, permanecendo como bispo emérito da diocese.

Segundo entrevista realizada com Frei Jerônimo no dia 06/03/2014, o retorno de Frei Alberto a Alemanha, ocorreu em virtude dos vários problemas de saúde: “Na Alemanha ele teria um bom atendimento médico, além de estar próximo de sua família. No ano de 2011 foi diagnosticado um câncer em seu intestino” (BRODKA, 2014).¹²⁷

Em Paranavaí, Frei Alberto foi responsável pela introdução do Cursilho, do Movimento Familiar Cristão (MFC), do Treinamento da Liderança Cristã (TLC), da Juventude em Ação Mariana (JAM) e das Comunidades Eclesiais de base (CEB`s).

¹²⁷ Dados coletados em entrevista realizada dia 06/03/2014, com Georg Karl Brodka.

O livro *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*, tem como primeiro artigo “Algumas aventuras dos missionários”, da autoria de Frei Alberto Foerst¹²⁸. É um texto peculiar, pois tem um conteúdo que foge das características presentes nos demais textos. Sua característica estrutural é de um artigo, mas o conteúdo desperta no leitor curiosidade acerca de seu conteúdo.

Provavelmente tenha sido essa a intencionalidade do autor ao produzir o texto: atrair a atenção para a região missionária. É um artigo de cinco laudas, no qual o autor narra várias aventuras pelas quais os missionários passaram na região missionária. A primeira passagem que nos despertou atenção:

Os preparativos, que se deve fazer para uma viagem missionária, são iguais aos de uma pequena expedição, pois não é fácil orientar-se sozinho na mata e prever todos os acontecimentos. Primeiramente é preciso fixar o itinerário. [...] Entretanto nem sempre é possível evitar que às vezes erremos nosso destino e cheguemos alguns metros ao lado, pois os mapas aqui não são tão exatos como na Alemanha. [...] Com grande prudência devemos trabalhar para encontrar boa recepção junto aos índios. Através de presentes podemos conquistar a simpatia do cacique da tribo, pelo menos na maioria dos casos, e assim acabamos tendo um trabalho mais fácil. Um presente muito cobiçado é a caneta-tinteiro. Mesmo que eles não saibam escrever, é um bonito ornamento para o colar e de mais a mais ainda dá a impressão de que eles aprenderam a arte de escrever¹²⁹ (FOERST, 2001, p. 04-05).

Na continuação da viagem pela floresta aconteceu um interessante, mas alarmante incidente. Um tamanduá obstruiu a estrada. Estes animais têm focinhos enormes com os quais chupam os formigueiros. São perigosos para as pessoas somente se as abraçarem com suas garras enormes. O astuto animal fingiu estar dormindo, atravessado na estrada. O que deveríamos fazer? Simplesmente passar por cima não poderíamos. Por isso saltamos do carro e nos aproximamos. Um de nós armou-se com a máquina fotográfica e o outro com um cacete. Logo que o tamanduá nos avistou, ficou de pé e queria nos pegar. Habilmente o cutucamos com o pau até que ele abraçou-se no mesmo, ficando preso. A foto mostra como o bicho comedor de formiga não largou o pau. Assim, tivemos novamente a estrada livre. Rapidamente montamos no jipe e pisamos no acelerador, afastando-nos daquela fera. A situação estava salva novamente O cigarro depois disso foi a melhor coisa da nossa vida¹³⁰ (FOERST, 2001, p. 07).

¹²⁸ É também de autoria de Frei Alberto o livro “*Erinnerungen eines Brasilien-missionars*” (2012), livro de 64 páginas mas que todavia não foi traduzido.

¹²⁹ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Noch ein Missionsbericht.*”

¹³⁰ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Noch ein Missionsbericht.*”



FOTO 08: “Tamanduá” Fonte: FLICKR Dom Frei Wilmar Santin¹³¹

De repente houve uma interrupção: quase pisamos em cima de uma cobra! Ficamos parados como se tivéssemos raízes. Momentaneamente ninguém se mexeu, nem a cobra nem nós. Então veio o pensamento: quem é mais rápido, a cobra ou nós? Ela não parecia venenosa e até mesmo a achamos muito bonita. Era listrada em forma de anel com as cores preta, vermelha e branca por isso e por não sabermos seu nome, a batizamos como “cobra nazista”. Mais tarde descrevemos a cobra ao povo do lugar e só então ficamos sabendo quanto são perigosas essas serpentes. Elas não têm só as presas venenosas, mas também o rabo. Ali elas têm um espinho venenoso, e com isso podem defender-se bem. Se alguém pisar-lhe na cabeça para matá-la, ela chega com o rabo erguido e inocula seu veneno. Foi por causa disso que o réptil ficou tão quieto não se mexeu, quando quase pisamos nele. Mas homens que nem nós devem estar sempre preparados para tudo. Inteligentemente cada um pulou de um lado da cobra e ela ficou perdida, não sabendo qual dos dois morder. Com isso pudemos ganhar tempo e subir numa árvore. Assim mais uma vez nos salvamos de um perigoso animal. Em seguida fumamos novamente um cigarro. O passeio, para nós, logo seria passado¹³² (FOERST, 2001, p. 08).

Estas são em poucas palavras as emoções de apenas uma semana. Tudo o que está escrito acima não é nada mais do que brincadeira e também nós não temos tanto tempo disponível para tantas aventuras. Se apesar disso vocês estiverem interessados poderemos mais tarde contar outras histórias como essas.¹³³ (FOERST, 2001, p. 08)

Acreditamos que a produção desse texto tenha sido uma estratégia (CERTEAU, 1994), para despertar no leitor alemão maior interesse pelo que ocorria na região missionária de

¹³¹ <https://www.flickr.com/photos/wsantin/2305583786/in/set-72157603872906141>

¹³² Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Noch ein Missionsbericht.*”

¹³³ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Noch ein Missionsbericht.*”

Paranavaí. O fato de finalizar o texto dizendo que sua narrativa era uma brincadeira, poderia ter feito o leitor indagar: o que existe de verdade nessa narração e o que é ficção?

Encontramos vestígios de que, alguns dos fatos narrados possuem relevante porcentagem de realidade, enquanto outros fogem totalmente da realidade como o episódio do barbeador.

Então fomos procurar uma das conhecidas e famosas árvores elétricas para ligar os barbeadores. A voltagem mais forte está na copa da árvore e termina nas raízes. A voltagem exata 110 não há, por isso é necessário que um homem se pendure nos galhos da planta e assim pelo aumento do peso eleve ou abaixe a voltagem. A força da energia está subordinada ao atrito, que é provocado pelo vento no meio das folhas da copa da árvore. Fazer a barba era necessário, pois não poderíamos parecer bárbaros na benção da escola de uma cidade, que iria acontecer naquele dia¹³⁴ (FOERST, 2001, p. 06).

No que tange a questão indígena, na década de 1950 na região noroeste existiam algumas tribos indígenas de etnia Guarani-Kaiowá¹³⁵ que, com o crescente povoamento foram empurradas para as proximidades do Rio Ivaí, especificamente para o estado do Mato Grosso do Sul.

De acordo com a pesquisa realizada, não encontramos vestígios que os missionários tenham trabalhado com evangelização de indígenas em Paranavaí. Entretanto, a partir da transferência de Frei Alberto a Dourados, esse religioso passou a ter contato e estreitamento com populações indígenas.

No livro *História e memórias de Paranavaí*, Frei Ulrico também faz referência a presença dos indígenas na região missionária:

Quando sete anos atrás aceitei a região missionária de Paranavaí, havia ainda alguns índios aqui na região. Por causa da afluência em massa de colonos, eles se retiraram para a floresta do outro lado do rio Ivaí. Como os índios usam ainda sua própria língua é extremamente difícil a evangelização. Tempos atrás um capuchinho decidiu dedicar-se completamente nesta tarefa. Mas não conseguiu porque não conseguia se fazer entender. Ele literalmente comprou um jovem índio de lá e na verdade pagou pelo índio o seu velho chapéu de aba larga como preço. No momento ele está em Paranavaí e começou a fazer um dicionário da língua indígena perguntando por meio de sinais ao menino. Mais tarde ele quer novamente levar a estas criaturas o anúncio do evangelho. Será que ele vai conseguir? De todo jeito será um trabalho muito difícil (GOEVERT, [1957], 1992, p. 57).

No artigo “O Destino dos Índios”, Frei Ulrico realiza sua interpretação acerca da cultura indígena: “Eles vivem de maneira tão primitiva, que de uma própria cultura nem se

¹³⁴ Publicado em outubro de 1954, na Revista *Karmelstimmen*. Título original: “*Noch ein Missionsbericht.*”

¹³⁵ Para maiores informações consultar: MOTA, Lúcio Tadeu. *As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi*. Universidade Federal do Grande Dourados. Fronteiras: Revista de História, Dourados MS, v.9, n.16, jan./jul. 2007.

pode falar” (GOEVERT, [1957] 1992, p.56). Levando-se em consideração que o religioso, tinha outros referenciais culturais ele olhava e apreciava os indígenas a partir de sua vivência, a crítica em relação a cultura indígena caminha no sentido da não aceitação dos costumes e práticas, pois a função dos missionários era evangelizar, levar a mudança do atual *status quo*, e a aceitação das práticas indígenas seria contrária aos projetos da missão.

Os fatos narrados por Frei Alberto, de alguma maneira condizem com a realidade, pois no noroeste do Paraná, naquele momento ainda existiam populações indígenas, mas o estreitamento com essa população foi ínfimo, já que em outras cartas-artigos, não existe referência a evangelização de populações indígenas. Os missionários não tinham a incumbência de evangelizar índios; seu trabalho era o de aproximar uma comunidade que se autodenominava católica à “verdadeira fé cristã”.

O caso do tamanduá também desperta a atenção, pois temos a narração do encontro dos missionários com o animal. Não temos como atestar quais missionários faziam parte da “aventura”, mas o interessante é salientar que o fato ocorreu, pois ficou registrado na foto¹³⁶. Portanto, mesmo que o fato não tenha ocorrido da maneira como foi narrado, o encontro com o tamanduá existiu.

Em relação ao segundo episódio narrado por Frei Alberto, é certo que havia uma grande quantidade de cobras na região missionária, até mesmo por suas características ambientais, já que se tratava de uma região que passava por um processo de desmatamento e consequente ocupação. Interessante notar a analogia que o religioso faz entre a cobra e as cores da bandeira da Alemanha nazista. Mesmo que o texto fosse uma mistura de ficção com fato ocorrido, Frei Alberto não conseguiu deixar de realizar a ligação entre o réptil e o nazismo.

Segundo Le Goff, “nenhum documento é inocente. Todos devem ser julgados” (2013, p. 108). Esse documento em especial ao longo do trato com as fontes sempre nos despertou a atenção, pois seu conteúdo difere dos demais. O fato de Frei Alberto finalizá-lo dizendo: “Tudo o que está escrito acima não é nada mais do que brincadeira e também nós não temos tanto tempo disponível para tantas aventuras” (2001, p. 08), nos remete a pensar: “Por que mostrar a região missionária a partir da ficção? Pese que este é o segundo artigo escrito pelo missionário.

¹³⁶ A foto que não está no compêndio “As aventuras de 3 missionários em Paranavaí” (2001), mas aparece no acervo (FLICKR) de Dom Wilmar Santin, intitulou “Fotos de Paranavaí que estão no Arquivo da Província Carmelita de Bamberg- Alemanha”. Wilmar Santin. *Paranavaí de antigamente*. Flickr, 2008. <https://www.flickr.com/photos/wsantin/sets/72157603872906141/page6/>

O frei realiza uma analogia com a figura do desbravador, que tem um espaço a ser aberto/desbravado, onde a natureza ganha feições mágicas, devendo ser vencida, assim como as intempéries que rondam o sagrado em Paranavaí, uma cidade para onde muitas pessoas estavam chegando para buscar melhorias de vida e uma instituição que estava também em processo de organização. Uma segunda inquietação reside no fato de que o tradutor e organizador Dom Frei Wilmar Santin, tenha escolhido este artigo/crônica para abrir o compêndio. Qual seria o intuito?

Segundo Le Goff:

Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar sua função de mentira em confissão de verdade (LE GOFF, 2013, p. 108).

O texto escrito pelo religioso, a partir de suas características se distancia de um artigo ou de um texto meramente informativo, o texto em si se aproxima do gênero literário crônica. O texto é curto, e narrado na primeira pessoa do plural, além de constatarmos que existe um diálogo entre o escritor e o leitor com traços humorísticos.

4.1.7 Um visitante ilustre

Segundo Franco (2011, p. 62), os relatos de viagem possibilitam ao historiador trabalhar com vários temas. O visitante, a partir de suas observações a respeito do local visitado, e principalmente a partir de seus próprios referenciais, emite juízo de valor, que permite ao historiador descobrir informações acerca do local visitado, como também do lugar de origem do próprio visitante. (JUNQUEIRA, 2011, p.45).

Os trabalhos de Junqueira (2011) e Franco (2011) alertam que o historiador deve tentar realizar a análise do discurso ao invés de perambular, buscando a verdade dos fatos, ou a “fidedignidade dessas fontes” (FRANCO, 2011, p. 85).

Junqueira alerta para a prática do historiador que não toma o relato de viagem como um texto literário, “uma vez que estamos preocupados com o que essa fonte pode nos informar e revelar sobre determinado período” (JUNQUEIRA, 2011, p. 55). No entanto, o relato de viagem, para que seja usado como fonte de estudo “é imprescindível que o profissional redobre os cuidados ao trabalhar com ela”, pois “cada relato de viagem é único” (JUNQUEIRA, 2011, p.46).

Como o propósito deste capítulo é tecer considerações acerca da maneira como os missionários carmelitas pensaram e sentiram a região missionária, acreditamos ser importante acrescentar os relatos de viagem de Frei Adalbert Deckert, dado que os textos ocupam um relevante espaço no compêndio *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. São eles: “Em solo brasileiro”¹³⁷ e “Entre o povo brasileiro”¹³⁸ e “Resumo histórico da viagem do provincial Pe. Adalbert Deckert ao Brasil em 1955”¹³⁹, totalizando 20 laudas das 96 que contém o compêndio.

O “ilustre viajante” foi o segundo superior a visitar a região missionária, - a primeira visita foi realizada por Pe. Jacobus Beck em 1952¹⁴⁰ -. A visita do superior ocorreu no momento que os carmelitas estavam passando por um processo de perda de território em função da falta de sacerdotes, apesar de também ser um momento que a região missionária já estava mais estruturada, com 04 religiosos: Frei Ulrico, Frei Henrique, Frei Boaventura (Graciosa), Frei Alberto e Frei Burcardo.

Em razão dos propósitos dessa dissertação e da escassez de documentação não nos aprofundaremos na tentativa de conhecer melhor Frei Adalbert Deckert e, tampouco nos aprofundaremos em “conferir o ‘lugar de enunciação’ e o universo cultural do viajante; avaliar o período em que escreveu o texto (durante ou após a jornada); a forma como foi elaborado o relato (narrativa, memória, cartas, diários etc.)” (JUNQUEIRA, 2011, p. 47).

Frei Adalbert, no ano de 1955, superior provincial dos carmelitas de Bamberg, realizou uma viagem canônica até região missionária de Paranavaí. O religioso esteve no Brasil entre os dias 07/07/1955 a 26/07/1955, sendo que de 10/06 a 13/07, esteve percorrendo a grande extensão que abrigava a paróquia de Paranavaí.

¹³⁷ Publicado na Revista *Karmelstimmen*, em setembro de 1955, número 10, páginas 3014-308. Título original: “*Auf brasilianischen Boden*”.

¹³⁸ Publicado na Revista *Karmelstimmen*, em outubro de 1955, número 10, páginas 3014-308. Título original: “*Unter brasilianischem Volk*”.

¹³⁹ Esse texto não foi publicada na revista *Karmelstimmen*, foi traduzido por Dom Wilmar Santin, diretamente das anotações feitas por Pe. Adalbert, e ganhou espaço no livro “*As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*” pp. 86-90. Trata-se de um resumo da viagem contendo os dias e de maneira sumária o que ele fez.

¹⁴⁰ Pe. Jacobus Beck, esteve na região missionária em fevereiro de 1952, seus relatos de viagem foram publicados na revista *Karmelstimmen*, em quatro partes, nos meses: maio (páginas 140-43); julho (páginas 200-205); agosto (páginas 233-238) e setembro (páginas 261-266) de 1952. O título original era: “*Meine Reise nach Brasilien*”. Posteriormente Frei Wilmar traduziu e publicou os relatos sob o título de: “*Minha viagem à região missionária de Paranavaí*”.



FOTO 09: Chegada das irmãs carmelitas em Paranavai e do Provincial Carmelita Frei Adalbert Deckert- 10 de abril de 1955
Fonte: Dom Frei Wilmar Santin¹⁴¹

O ilustre visitante em sua visita canônica emitiu um parecer positivo em relação às riquezas naturais existentes no Brasil, principalmente em relação à grande diversidade animal. Os aspectos negativos, que encontramos em seus escritos, dizem respeito às péssimas condições das estradas e à religiosidade dos brasileiros.

Segundo Frei Adalbert:

Se um amigo das missões, em determinada ocasião, não souber o que fazer com seu dinheiro, então que compre um desses veículos para as missões que, lá no Brasil, prestará inestimáveis serviços. As estradas são de péssimas condições porque seus leitos estão sobre areia. Só em poucos lugares há terra roxa. No tempo seco é preciso segurar o volante do carro bem firme na mão, senão as rodas começam a dançar e a derrapar na areia solta. E após dias com bastante chuva, muitas vezes a estrada não se diferencia de um leito de rio¹⁴² (DECKERT, 2001, p. 75).

Apesar das péssimas condições das estradas há um serviço regular de ônibus para todos os lados. Certa vez utilizei um tal ônibus e admirei-me de que ele não ficou parado na estrada com as molas quebradas. Até fiquei muito contente em poder desembarcar sem ter ossos quebrados¹⁴³ (DECKERT, 2001, p.76).

O superior provincial, em uma visita canônica, teria por intenção averiguar as condições e as potencialidades da região missionária, bem como a situação que seus confrades relatavam. O religioso, além de conhecer esse território novo que estava sob a jurisdição da Província Carmelita de Bamberg, legitimou o que vinha sendo relatado pelos missionários alemães em relação às adversidades a que estavam submetidos.

Em relação à religiosidade Frei Adalbert expôs:

¹⁴¹<https://www.flickr.com/photos/wsantin/2251624703/in/set-72157603872906141>

¹⁴²Publicado na revista *Karmelstimmen*, setembro de 1955. Título original: “Auf brasilianischen Boden”.

¹⁴³Publicado na Revista *Karmelstimmen*, setembro de 1955. Título original: “Auf brasilianischen Boden”.

Não é de se admirar que os velhos costumes também de vez em quando se degeneram em esquisitices e superstições. Um exemplo típico, podemos ver nas capelas, quando há entre os presentes, meninos com cabelos trançados com rabicho que nem meninas, porque a mãe fez uma promessa de não lhes cortar os cabelos. Ou então chegam mães com seus filhos pedindo para o padre passar a chave do sacrário na boca das crianças. Uma outra mãe pede permissão para que seu filho possa beber água na campainha do altar. Esses não são todos sinais de uma crença ingênua?¹⁴⁴ (DECKERT, 2001, p.84)

O Brasil é um país marcado por diversas manifestações religiosas que coexistem juntas, levando o catolicismo no Brasil a ser apontado como uma mistura de elementos que foram agregados ao catolicismo de herança portuguesa com os elementos da cultura indígena e africana. Na passagem acima destacamos o estranhamento do viajante em relação as práticas religiosas “supersticiosas” do brasileiro.

Nesse sentido, a relação com o sagrado, nessa perspectiva se manifesta de maneira próxima e, na maioria das vezes, sacrificial (PEREIRA, 1999). Por exemplo, a partir de uma promessa, a qual depois de realizada é necessária que ocorra a troca de favores, entre o homem e o santo, ou entre o homem e os objetos do transcendente, como a chave do sacrário. A promessa se coloca como uma relação entre o homem e o transcendente, dando ao homem a esperança de mudança em relação ao problema enfrentado.

Quanto à prática de realizar promessa, Pereira ressalta:

Os atos sacrificiais dão um certo prazer porque possuem eficácia, a que nós convenciamos chamar de ‘eficácia simbólica’ do sacrifício, pois através do mesmo, extravazam-se outras formas de sofrimento e resgata-se a esperança mesmo que não ocorra o milagre (PEREIRA, 1999, p. 236).

No que tange os hábitos dos brasileiros, Frei Adalbert ressaltou ao longo de seu segundo artigo: “Entre o povo brasileiro”, o quanto o Brasil era formado por pessoas receptivas e amáveis:

De mãos dadas caminham a amizade e a solicitude do brasileiro. Também disto tenho uma experiência como prova. O jipe da nossa paróquia missionária não é novo, por isso, não é novidade quando, às vezes, ele não funciona. Em três, nós nos esforçamos para fazer o carro pegar na estreita rua em frente à garagem, empurrando-o. Mas ele não quis de jeito nenhum funcionar. Quando justamente enxugávamos o suor do rosto, chegou um ônibus. O motorista parou e acenou para colocar-nos ao lado. O que aconteceu? Mal se informou sobre o problema, já começou a agir colocando o ônibus atrás do nosso jipe, empurrando-o até pegar e poder seguir o seu caminho sozinho. É coisa natural, no Brasil ajudar alguém quando se encontra em necessidade¹⁴⁵ (DECKERT, 2001, p. 80).

¹⁴⁴ Publicado na Revista *Karmestimmen*, outubro de 1955. Título original: “*Unter brasilianischem volk*”

¹⁴⁵ Publicado na Revista *Karmelstimmen*, outubro de 1955. Título original: “*Unter brasilianischem*”.

A passagem evidencia as características positivas do homem brasileiro, sempre solícito a ajudar ao próximo, características essas que estariam arraigadas aos primórdios da construção do “brasileiro”. Contudo Sérgio Buarque de Holanda contesta a ideia de que o povo brasileiro é cordial por excelência: “Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. [...] Além disso a polidez é, de algum modo, organização de defesa.” (HOLANDA, 1995, p.147). A cordialidade brasileira seria uma forma de defesa ante as intempéries que a organização social acarreta no indivíduo¹⁴⁶.

Outra característica positiva do “povo brasileiro”, segundo Frei Adalbert, seria a paciência:

A respeito desta paciência ficamos muitas vezes admirados. Só através de comparação percebemos como nós, alemães, estamos contaminados pela pressa e precipitação. Cada vez que não conseguíamos tomar um táxi ou se uma procissão no Congresso Eucarístico demorasse um pouco para começar, imediatamente ficávamos impacientes devido à falta de organização, mas nos tranquilizávamos logo, quando víamos as longas filas, nas quais os brasileiros, com exemplar ordem, esperavam pelos seus ônibus. Só assim tomamos consciência de como são feitos os empurrões e os puxões, que podem ser vistos na Alemanha em cada plataforma de trem e em cada ponto de ônibus¹⁴⁷ (DECKERT, 2001, p.81).

No dia-a-dia da vida pode-se descrever esta paciência como descuido. O país e o clima do Brasil contribuem sem dúvida para este sossego. Só para mencionar algo: ninguém precisa no Brasil, por exemplo, providenciar material para o aquecedor e roupas para o inverno. O brasileiro é em geral também muito mais despretenso do que o europeu. Em consequência disto ele próprio se pergunta: “Por que trabalhar mais do que é absolutamente necessário?” Como o país oferece muitas chances e oportunidades favoráveis de trabalho, atrai europeus ao Brasil, mas para o brasileiro mesmo, essas perspectivas são pouco atrativas. A um brasileiro, que viajava no meu navio, perguntei se ele não acredita que um dia o comunismo vá dominar o Brasil. Prontamente tive a resposta “Não, isso não é pergunta que se faça, pois no Brasil ninguém gosta de trabalhar”. Que o comunismo então, seja algo só para operários!¹⁴⁸ (DECKERT, 2001, p. 82)

O Brasil criado no imaginário do frei alemão é baseado em estereótipos do passado no qual os brasileiros –excetuando os descendentes de imigrantes estrangeiros- são vistos como um povo “preguiçoso” que não tem tendência ao trabalho, herança da cultura indígena e africana. Darcy Ribeiro contesta essa problemática dizendo que: “Tudo é duvidoso demais frente ao fato do que aqui se fez. E se fez muito, como a construção de toda uma civilização urbana nos séculos da vida colonial [...]” (RIBEIRO, 1995, p. 451).

¹⁴⁶ Não cabe a discussão nesse trabalho, mas o autor faz um recorrido das sociedades ibéricas, vista como diversa do restante da Europa, para encontrar indícios de como se estruturou o caráter brasileiro.

¹⁴⁷ Publicado na revista *Karmelstimmen*, outubro de 1955. Título original: “Unter brasilianischem”.

¹⁴⁸ Publicado na revista *Karmelstimmen*, outubro de 1955. Título original: “Unter brasilianischem”.

O Brasil é colocado como um país de oportunidades que não são aproveitadas pelos brasileiros, mas que em contrapartida para o imigrante é um terreno fértil para alcançar enriquecimento.

A concepção de que o Brasil é um país em que as oportunidades de trabalho e de enriquecimento abundam, provavelmente estão ligadas ao ideário europeu desde o século passado, quando foi empreendida uma ampla propaganda para atrair imigrantes ao país¹⁴⁹.

As discussões apresentadas pelo “viajante” permitiram apontar questões a respeito do ideário do representante do poder instituído em Paranavaí, que olhou para a sociedade e para as pessoas a partir de um olhar influenciado por ares europeu, pois todo observador encontra-se em um lugar que é determinado por sua forma de ver e interpretar o que lhe rodeia.

A representação efetuada pelos partícipes da construção da comunidade religiosa de Paranavaí coloca em evidência, um momento, uma maneira de olhar para o outro que já não existe. O passado ficou registrado a partir de olhares múltiplos que convergiam ao ponto referencial, que era a cidade de Paranavaí. Excetuando algumas poucas alusões, o centro de atenção era a região missionária e seu conseqüente desenvolvimento. Sendo assim, concordamos com Rioux (1998) ao afirmar que “parcelar a memória deve, com efeito, ser um tempo suspeito para a história. Mas uma história sem memória seria, também, cientificamente realizada sem grande prejuízo”. (RIOUX, 1998, p. 317).

¹⁴⁹ O trabalho de Alvim (1998), realiza um panorama da propaganda empreendida em algumas nações que mostrava o Brasil como o país das oportunidades.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, nos propomos realizar uma interpretação acerca da implantação do catolicismo na região de Paranavaí na década de 1950, a partir da Ordem do Carmo. Um passado que foi escrito a partir da subjetividade de religiosos e que ganharam um novo olhar, uma nova interpretação, que pretende tão somente, agregar às demais existentes.

As cartas-artigos, escritas pelos missionários foram um eficiente instrumento de comunicação entre os carmelitas alemães que estavam em trabalho missionário na região de Paranavaí e o público leitor da Revista *Karmelstimmen*, principalmente no que diz respeito à constituição de um patrimônio financeiro para a Ordem Carmelita. Com isso não queremos insinuar que o edificado na região missionária foi em virtude das doações realizadas pelo público católico leitor. A população da região missionária e os membros das comunidades que foram surgindo, também colaboraram para a materialização do catolicismo, principalmente no que concerne a construção de capelas e igrejas, onde os missionários entravam na maioria das vezes com o discurso e os homens com os terrenos e a força de trabalho.

Outro ponto que merece ser destacado em relação à produção das cartas-artigos, reside em sua função de amenizadora de sofrimentos, pois ao descreverem as intempéries pelas quais estavam passando, as angústias que estavam sentindo, expressavam seus sentimentos. No conteúdo das narrativas é latente a angústia pela qual estavam passando em decorrência das exigências que lhes eram impostas.

Nos primeiros anos de trabalho missionário, os carmelitas, não tinham água encanada, a qual era retirada de um poço de 40 metros de profundidade, o banheiro estava afastado das dependências da casa paroquial e não tinha vaso sanitário, dificuldades pelas quais passavam para atender suas necessidades básicas do cotidiano, sem mencionar as dificuldades, com alimentação, clima, costumes, língua, transporte, moradia e ainda conviver diariamente com a nostalgia em relação ao que ficou para trás.

Dessa forma, somos enfáticos em afirmar que as cartas-artigos são escritas hagiográficas (CERTEAU, 1982), pois os colocam como figuras exemplares que estão realizando um sacrifício em função da salvação alheia e que, portanto, deveriam ser seguidos por outros freis carmelitas.

Tentamos elucidar que a partir da chegada de Frei Ulrico e dos demais missionários, a pequena igreja de Paranavaí e a capela de Graciosa - as únicas existentes nesse primeiro

momento -, juntamente com as demais 26 capelas¹⁵⁰ que foram criadas nos primeiros anos, fizeram com que a instituição católica tivesse visibilidade nessas ações. Tentamos elucidar, ainda, como a implantação do catolicismo na cidade foi ocorrendo em consonância com o crescimento e desenvolvimento da região de Paranavaí.

A primeira frente missionária aberta no Brasil, em nome da Província Carmelita de Bamberg, foi a região de Paranavaí, não obstante ao longo dos 60 anos de tutela alemã, outras tentativas de abertura de frentes missionárias foram realizadas no Brasil. No final da década de 1970 foram realizadas constantes incursões à diocese de Caitité, na Bahia; em 1984 assumem a paróquia Senhor Bom Jesus, em Dourados-MS; em 1990 o capítulo do Comissariado decidiu entregar as paróquias de Cidade Gaúcha e Tapira, no Paraná para conseguirem a abertura de uma nova frente missionária na Amazônia; em 1994 os carmelitas assumem a Paróquia Nossa Senhora Aparecida em Rolim de Moura - RO; em 2009 assumem a Paróquia São Domingos de Gusmão em Navegantes - SC; entre 2009 e 2010 assumiram as paróquias de São Lázaro e Imaculado Coração de Maria, em Manaus - AM, em 2011 assumiram a paróquia Nossa Senhora da Boa Viagem, em Florianópolis - SC.¹⁵¹

Dessa maneira, desde 1951, momento em que a região de Paranavaí era denominada de “terra de missão”, passando por 1965, ano em que foi fundado o Comissariado Provincial do Paraná ligado administrativamente a Bamberg, até o ano de 2012, quando é elevada à condição de Comissariado Geral Carmelita do Paraná, o que resultou no desligamento em relação à Bamberg, sessenta anos se passaram.

Atualmente, as duas igrejas na região antes denominada de região missionária, que estão sob a tutela da Ordem do Carmo, isto é, do Comissariado Geral dos Carmelitas do Paraná, são a paróquia São Sebastião em Paranavaí – que é de propriedade da Ordem-, e a paróquia Nossa Senhora das Graças, em Graciosa. É também de propriedade do Comissariado o Seminário Imaculada Conceição de Graciosa, e o Colégio Paroquial Nossa Senhora do Carmo, em Paranavaí. Assim, das 26 capelas que foram construídas pelos missionários alemães, ficaram sob sua tutela, passado todo o processo missionário, as duas que já existiam antes de sua chegada.

¹⁵⁰ Por ordem de criação as 26 capelas são: Tamboara, Paraíso do Norte, Guaritá, Amapuã, Marilena, Nova Londrina, Itaúna, Loanda, Santa Izabel do Ivaí, Querência do Norte, Diamante do Norte, Ademar de Barros, Terra Rica, Guairaça, Piracema, Mirador, Fazendas Unidas de Cristo Rei, Três Perobas, Nossa Senhora de Lourdes, Nossa Senhora das Dores, Santa Luzia, Jurema, Monte Carmelo, Boa Esperança, Planaltina, Comur. (Arquivo Comissariado Geral dos Carmelitas do Paraná, Livro Tombo, f. 09)

¹⁵¹ Informações disponíveis em: <http://historiadocarmelo.blogspot.com.br/p/arte-no-carmelo-do-parana.html>. Acesso em 09/02/2015.

Frei Ulrico como precursor do projeto missionário, foi um importante agente social. Fundou a Escola Paroquial e o Jardim de Infância, além de ter influenciado na fundação do Hospital e Maternidade Santa Casa de Paranavaí¹⁵². O campus da UNESPAR (Universidade Estadual do Paraná) de Paranavaí leva o nome do missionário como homenagem ao religioso. Esses elementos colocam em evidência que os freis carmelitas, no início do processo de implantação do catolicismo em Paranavaí, tiveram uma relevante influência social na região de Paranavaí.

Queremos destacar ainda, alguns elementos de tensão, no processo de implantação do catolicismo em Paranavaí. A publicação das cartas-artigos demonstra a existência de relevante tensão, a partir dos temas abordados, principalmente no que compete a religiosidade que era praticada nesse espaço. Tensão também no interior da Ordem, pois é recorrente o pedido, por parte dos missionários que estavam na região missionária, o envio de mais religiosos.

Formados nos seminários europeus, com discursos e práticas tocados pelo catolicismo ultramontano, os missionários alemães procuraram implantar na comunidade da região missionária, o catolicismo que haviam vivenciado na Alemanha, contudo em função das particularidades dos agentes e da própria região missionária, o catolicismo veiculado por eles sofreu em alguns momentos retrações ou adaptações, como forma de garantir o monopólio da gestão legítima dos bens de salvação (BOURDIEU, 2011).

Os carmelitas alemães encontraram um contexto diferente da Alemanha, cultural e socialmente, estranharam e qualificaram os costumes e as práticas dos habitantes da região missionária, como não condizentes. No entanto, apesar de assim qualificá-las, não encontramos referências diretas de como deveriam agir os habitantes da região missionária para inserirem-se dentro do esperado pelos religiosos, mas é preponderante o discurso acerca da necessidade de mudança.

É perceptível a partir dos discursos e das práticas dos missionários, a preocupação em formar bons cristãos, de acordo com seus referenciais. Levando-se em consideração as particularidades da região de Paranavaí, uma região que efetivamente iniciava seu processo de ocupação, a Igreja desempenhou um importante papel, pois os missionários a partir das estratégias utilizadas, tiveram a pretensão de civilizar a comunidade, ressaltando a partir do discurso da Escola Paroquial, do Jardim de Infância, do batismo, da catequese, do *“face to*

¹⁵² Foi fundado no dia 09 de março, na atualidade é o hospital referência no noroeste paranaense, atendendo 28 municípios da AMUNPAR (Associação dos Municípios do Noroeste do Paraná). Informações disponíveis em: SANTA CASA DE PARANAVAÍ. <http://www.santacasadeparanavai.org.br/>. Acesso em 10/02/2015.

face”, a efetivação de valores e condutas morais, inculcando novos comportamentos e os ideais católicos romanizados.

Diante disso, não queremos dizer que o processo tenha sido retilíneo, certamente ocorreram declives e aclives, os missionários carregavam em seu interior as lembranças que a Segunda Guerra Mundial e todos os seus frutos, em seu interior, o que atrelado a sua formação religiosa os permitiu permanecer na região de Paranaíba.

Os missionários sofreram os influxos dos espaços onde viveram tanto na Alemanha, quanto no Brasil; são homens filhos de seu tempo, tocados por experiências particulares que os fizeram na região missionária desempenharem a função de agentes de transformação, tanto do campo religioso, quanto do espaço social.

Nem todo discurso foi assimilado, nem toda prática foi apreendida, nos pontos mais distantes da paróquia São Sebastião, como a localidade de Querência do Norte ou o Porto São José a visita pastoral tardava até quatro semanas, o que impossibilitava a manutenção do que era ensinado. Com isso, ressaltamos que nem tudo o que os missionários tentaram passar foi assimilado, assim como, os religiosos também não permaneceram com os mesmos preceitos e objetivos com os quais chegaram; existiram trocas culturais de ambos os lados, que influenciaram no transcorrer do processo.

REFERÊNCIAS

1. DOCUMENTAIS

DECKERT, Adalbert. Entre o povo brasileiro. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.79-85. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13/03/ 2014.

DECKERT, Adalbert. Em solo brasileiro. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.70-78. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13/03/ 2014.

FOERST, Alberto. No meio do mato é construído um seminário. In: FOERST, Alberto, et al. **As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí**. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/> Acesso em: 13/03/ 2014.

FOERST, Frei Alberto. A voz das missões. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.59-65. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13/03/ 2014.

FOERST, Frei Alberto. Algumas aventuras dos missionários. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.04-08. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13/03/ 2014.

GOEVERT, Frei Ulrico. *História e memórias de Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin, O Carm. Paranavaí: Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1992.

LIPPERT, Frei Burcard. A voz da missão. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.41-49. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13/03/ 2014.

LIPPERT, Frei Burcard. Brasil: um difícil campo de trabalho. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.50-58. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13/03/ 2014.

SANTIN, Frei Wilmar. Apresentação. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.02-03. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/> Acesso em: 13/03/ 2014.

SANTIN, Frei Wilmar. Apresentação. In: GOEVERT, Frei Ulrico. *História e memórias de Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin, O Carm. Paranavaí: Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1992, p.03-04.

SANTIN, Frei Wilmar. Biografias. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p.94-96. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/> Acesso em: 13/03/ 2014.

WUNDERLICH, Frei Henrique. Cartas do Brasil. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p. 09-20. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13/03/ 2014.

WUNDERLICH, Frei Henrique. Cartas do Brasil. In: FOERST, Alberto, et al. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí*. Trad. e notas Frei Wilmar Santin. Paranavaí, 2001, p. 21-40. Disponível em: <http://ocarmelo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 13/03/ 2014.

2. BIBLIOGRÁFICAS

ALDÁZABA, José. *Dicionário elementar de liturgia*. Disponível em: http://www.portal.ecclesia.pt/ecclesiaout/liturgia/liturgia_site/dicionario/dici_ver.asp?cod_dic_i=46. Acesso em: 22/07/2014.

ALENCAR, Frei Marcos. *Entrevista realizada 01/07/2014*. Entrevistador: Leide Barbosa Rocha Schuelter. Graciosa, Paranavaí, 2014.

ALVES, Manoel. A escola católica uma história de serviço ao povo e à nação brasileira. *Revista Diálogo Educacional*. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. V 3, n.7 (set./dez.2002) Curitiba: Champagnat. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?ddl=651&dd99=view&dd98=pb> Acesso em 30/07/2014.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. In: *História da vida privada no Brasil*. Coordenador-geral da coleção: Fernando A. Novais; organizador do volume Nicolau Sevcenko. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Vol. 3

ANDRADE, Solange Ramos de. *O catolicismo popular na Revista Eclesiástica Brasileira (1963-1980)*. Maringá: Eduem, 2012.

ANDRADE, Solange Ramos de et al. *História das religiões*. Maringá: Eduem, 2013.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL DE 1953. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/AEB/AEB1953.pdf> Acesso em: 30/07/2014.

AQUINO, Maurício de. *Modernidade republicana e diocesanização do catolicismo no Brasil: a construção do bispado de Botucatu no sertão paulista (1890-1923)*. Tese de doutorado. Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista. Assis, 2012, 301fls.

ARIOCH, David. População da colônia era mais de seis mil habitantes. *Jornalismo Cultural*, 2011. <https://davidarioch.wordpress.com/tag/braviaco/>. Acesso 09/01/2014.

ARQUIVO COMISSARIADO GERAL DOS CARMELITAS DO PARANÁ, Livro Tombo, f. 09.

AZEVEDO, Tales de. *Igreja e Estado em tensão e crise: a conquista espiritual e o padroado na Bahia*. São Paulo: Ática, 1978.

AZZI, Riolando. *A Igreja Católica na formação da Sociedade Brasileira*. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2008a.

AZZI, Riolando. *A neocristandade: um projeto restaurador*. São Paulo: Paulus, 1994. (História do pensamento católico no Brasil; v.5)

AZZI, Riolando. *História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: tomo II/3-2: terceira época 1930-1964*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.

AZZI, Riolando. Presença da Igreja Católica na sociedade brasileira (1921-1979). *Caderno do ISER* n° 13. Rio de Janeiro, 1981.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da história: especialidades e abordagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BATELOQUI, Mariza. Entrevista realizada dia 05/08/2014.

BECK, Pe Jacobus. *Minha viagem à região missionária de Paranavaí*. Trad. Frei Wilmar Santin. Paranavaí: Livraria Nossa Senhora do Carmo, 1990.

BERTI, Marcelo. Introdução à soteriologia. Disponível em: <http://marceloberti.wordpress.com/2009/02/11/introducao-a-soteriologia/>. Acesso em: 26/07/2014.

BÍBLIA SAGRADA. *I Coríntios*. 9-16. Trad. Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave-Maria, 1981.

BÍBLIA SAGRADA. *Carta aos Efésios*. 5, 22, 23. Trad. Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave-Maria, 2013, p.1502.

BÍBLIA SAGRADA. *Evangelho segundo São Mateus*, 28, 19-20. Trad. Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave- Maria, 1981, p.1.321

BÍBLIA SAGRADA. *Primeira Carta de São João*. 3,16. Trad. Centro Bíblico Católico. São Paulo: Ave-Maria, 2013, p.1552.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 Ed.. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas linguísticas. Ortiz, Renato (org.). *Bourdieu-Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 39. p 156-183.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 4. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRODKA, Georg Karl. Entrevista realizada dia 06/03/2014.

BRODKA, Georg Karl. Entrevista realizada dia 09/07/2014.

CAMPOS, José Narino de. *Brasil: uma igreja diferente*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981.

CASALI, Alípio. *Elite intelectual e restauração da Igreja*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CASTILLO, José M. Batismo e confirmação. In: TAMAYO, Juan José. *Novo Dicionário de teologia*. São Paulo: Paulus, 2009.

CASTILLO, José Manoel Saz del. O movimento da Reforma e a “paroquialização” do espaço eclesial do século XIX ao XX. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando (org.). *Paróquia e comunidade no Brasil, perspectiva histórica*. São Paulo: Ed. Paulus, 1997, p. 91-130.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. Una figura enigmática. In: *La debilidad de creer*. 1ª ed.. Buenos Aires: Katz, 2006.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Portugal: Tipografia Guerra. 1990.

CHARTIER, Roger. *A beira da falésia*. A história entre as certezas e as inquietudes. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

CHIQUIM, Carlos Alberto. *CNBB no Paraná e a história da evangelização*. Curitiba: Instituto Gaudium de Proteção a Vida, 2005.

COLÉGIO PAROQUIAL NOSSA SENHORA DO CARMO. Disponível em: <https://colegioparochial.websiteseuro.com/regimento-escolar/>. Acesso em: 30/07/2014.

COMBLIN, José. *Evangelizar*. Petrópolis: Vozes, 1980.

COMBLIN, José. *Teologia da missão*. Petrópolis: Vozes, 1983.

COMUNIDADE CARMELITANA. Disponível em: <http://www.freiscarmelitas.com.br/no-parana/>. Acesso em: 17/06/2014.

COMUNIDADE CARMELITANA. Disponível em:

<http://www.freiscarmelitas.com.br/no-parana/>. Acesso em: 08/07/2014.

DEBASTIANI, Fr. Alzimir Francisco. Centenário da chegada dos Frades Carmelitas Descalços ao Sudeste do Brasil. *Mensageiro de Santa Terezinha do Menino Jesus*. Ano 93, Outubro-Dezembro, 2010.

DEL PRIORI, Mary. *Religião e religiosidade no Brasil colonial*. Coleção História em movimento. São Paulo: Editora Ática, 2004.

ECO, Umberto. *Interpretação e Superinterpretação*. SP: Martins Fontes, 2012.

EISENBERG, José. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2000.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ESCOLA Vicentina São Vicente de Paulo. *Histórico*. Disponível em:

<http://www.escolasvp.com.br/Pagina.aspx?ID=0005&menu=1> Acesso em: 05/08/2014.

ESQUERDA BIFET, Juan. *Misionología: evangelizar en un mundo global*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

FAUSTO, Boris. Imigração: cortes e continuidades. In: *História da vida privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. Coordenador-geral da coleção: Fernando A. Novais; organizador do volume Lilia Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras 1998. Vol. 4.

FERREIRA, João Carlos Vicente. *O Paraná e seus municípios*. Maringá, PR: Memória Brasileira, 1996.

FOTO 01: Visita Dom Sigaud a região missionária em 1953. Fonte: Dom Wilmar Santin. Disponível em:

<https://www.flickr.com/photos/wsantin/2252441776/in/set-72157603872906141>.

Acesso em 29/01/2015

FOTO 02: Igreja de Paranavaí na década de 1950. Fonte: *História e memórias de Paranavaí*, 1992, p.17

FOTO 03: Frei Ulrico. Fonte: *História e memórias de Paranavaí*, 1992, p.05.

FOTO 04: Presépio natalino produzido por Frei Estanislau. Fonte: Dom Wilmar Santin.

<https://www.flickr.com/photos/wsantin/2251051706/in/set-72157603872906141>.

Acesso em: 20/01/2015.

FOTO 05: “Paranavaí-PR 1949, Procissão.” Fonte: FLICKR Dom Wilmar Santin.

<https://www.flickr.com/photos/wsantin/7813778180/in/set-72157621437382519>.

Acesso em: 08/01/2015

FOTO 06: “Capelas rurais”. Fonte: FLICKR Dom Wilmar Santin
<https://www.flickr.com/photos/wsantin/2257448704/in/set-72157603872906141>.
Acesso em: 08/01/2015

FOTO 07: “Crucifixo produzido por Frei Henrique Wunderlich.” Fonte: Arquivo da autora (2015)

FOTO 08: Tamanduá.
<https://www.flickr.com/photos/wsantin/2305583786/in/set-72157603872906141>.
Acesso em: 08/01/2015.

FOTO 09: Chegada das Irmãs carmelitas em Paranavaí e do Provincial Adalbert Deckert- 10 de abril de 1955.
<https://www.flickr.com/photos/wsantin/2251624703/in/set-72157603872906141>. Acesso em: 08/01/2015.

FRANCO, Stella Maris Scatena. Relatos de viagem: reflexões sobre seu uso como fonte documental. *Cadernos de Seminários de Pesquisa/ Orgs. JUNQUEIRA, Mary Anne, FRANCO, Stella Maris Scatena*. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo: Humanitas, 2011. V.2.

FRAGO, Antonio Viñao. Las autobiografías, memórias y diários como fuente histórico-educativa: tipología y usos. *Sarmiento*, núm.3 ISSN: 1138-5863 pp. 223-253, Universidad de Múrcia, 1999.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.). *Escrita de si escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

GOMES, Jesué Pinharanda. Carmelitas calçados. In: FRANCO, Jose Eduardo. Dicionário histórico das Ordens: Institutos religiosos e outras formas de vida consagrada católica em Portugal. Lisboa: Gradiva, 2008.

GUMIEIRO, Fábio. *Formação e consolidação do catolicismo brasileiro: os vicentinos no Paraná*. 2013. 101f. Dissertação (Mestrado)-Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Estadual de Maringá, Curitiba, 2013.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. *O Peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HISTÓRIA DO CARMELO. <http://historiadocarmelo.blogspot.com.br/p/arte-no-carmelo-do-parana.html>. Acesso em 09/02/2015.

HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. O homem cordial. In: *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades. Disponível em:
<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411840&search=parana|paranavai>
Acesso em: 12/01/2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
<http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=411840&search=||infogr%E1ficos:-informa%E7%F5es-completas>. Acesso 09/01/2014

INSTITUTO ANTÔNIO HOUAISS. *Dicionário Houaiss Consiso*. [editor responsável Mauro de Villar]. São Paulo: Moderna 2011. p. 515.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Elementos para uma discussão metodológica dos relatos de viagem como fonte para o historiador. *Cadernos de Seminários de Pesquisa/ Orgs. JUNQUEIRA, Mary Anne, FRANCO, Stella Maris Scatena*. São Paulo: Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo. Humanitas, 2011. V.2.

KNOBLAUCH, Frei Joaquim. *Os vinte cinco anos dos carmelitas da Província Germaniae Superioris no Brasil*. Trad. Frei Wilmar Santin. Disponível em:<http://www.ocarm.org/books/content/os-25-anos-dos-carmelitas-da-prov%C3%ADncia-germaniae-superioris-no-brasil>. Acesso 13/09/2014.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. In: *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEJEUNE, P. Autobiografia e ficção. In: *O pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LEME, Dom Sebastião. *Carta Pastoral Saudando a sua Archidiocese*. Petrópolis: Typ. Vozes de Petrópolis, 1916.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de M.; AMADO, Janaína. (orgs.). *Usos & abusos da História Oral*. 4. Ed. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo Cartas. Jesuítas, Escrita e Missão no Século XVI. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, vol. 22, n° 43, pp. 11-32. 2002.

MAINWARIG, Scott. *A Igreja católica e a política no Brasil (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MANOEL, Ivan Aparecido. A educação na modernidade. In: *Fundamentos históricos da educação*. 2. Ed. Ver. E ampl. Ruth Izumi Setoguti (org.). Maringá: Eduem, 2009.

MANOEL, Ivan A. *O pêndulo da história: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: Eduem, 2004.

MARINHO, Francisco Fernandes. *A Diocese de Paranavaí: 40 anos de história e evangelização 1968/2008*. Maringá: CAHEL, 2008.

MATTOS, Waldemir. *Os Carmelitas Descalços na Bahia*. Salvador: Tipografia Manú Editôra, 1964.

MEIRA, Élmes Xisto. *Dom Geraldo Sigaud: conservadorismo e intelectualidade*. FAFIJA. <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Meira,%20Elmes%20Xisto.pdf>. Acesso em 01/07/2014.

MONTEIRO, Raul Leme. *Carmo Patrimônio da História, arte e fé*. Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais: São Paulo, 1978.

MOTA, Lúcio Tadeu. *As populações indígenas Kaiowá, Kaingang e as populações brasileiras na bacia dos rios Paranapanema/Tibagi*. Universidade Federal do Grande Dourados. Fronteiras: Revista de História, Dourados MS, v.9, n.16, jan./jul. 2007.

MOURA, Laércio Dias. *A educação católica no Brasil: passado, presente e futuro*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

MOURA, Odilão. *As idéias católicas no Brasil: direções do pensamento católico do Brasil no século XX*. São Paulo: Convívio, 1978.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

PEREIRA, José Carlos. *A eficácia simbólica do sacrifício: estudo das devoções populares*. São Paulo: Arte & Ciência, 2001.

PEREIRA, José Carlos. *Os sete sacramentos: abordagem socioantropológica*. Uberlândia: Editora A Partilha, 2011.

PEREIRA, Paulina. Entrevista realizada 18/12 /2014.

PERROT, Michelle. *Mi historia de las mujeres*. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

PIRES, José Maria. Prefácio. In: BEOZZO, José Oscar. *Tecendo memórias gestando futuro: história das Irmãs negras e indígenas Missionárias de Jesus Crucificado*. São Paulo: Paulinas, 2009.

PORTELLI, A. Memória e diálogo: desafios da história oral para a ideologia do século XXI. In: FERREIRA, M., M., Alberti, V. (orgs.) *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro. Editora FioCruz. 1ª Ed. P. 67-72. 2000.

PRAT, FR André. *Notas históricas sobre as missões carmelitanas no extremo norte do Brasil (séculos XVII e XVIII)*. Digitalização Frei Wilmar Santin. Recife, 1941.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE PARANAÍ. *Paranaí, sua marca...sua história...sua gente*. Paranaí, 2013.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Sociologia - O Catolicismo Rústico no Brasil. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, Brasil, n. 5, p. 104-123, dez. 1968. ISSN 2316-901X. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/45715/49311>>. Acesso em: 19 Set. 2014.

RAMOS, Alcides Freire. Imagens da sensibilidade revolucionária no cinema brasileiro dos anos 1960. In: RAMOS, Alcides Freire; PATRIOTA, Rosangela; PESAVENTO, Sandra Jatahy (orgs.). *Imagens na História*. São Paulo, 2008.

RANKE-HEINEMANN, Uta. *Eunucos por el reino de los cielos*. Iglesia católica y sexualidad. Madrid: Editorial Trotta, 1994.

RATIO INSTITUTIONIS VITAE CARMELITANAE. *Formação para o Carmelo: um itinerário de transformação*. Roma: Cúria Geral dos Carmelitas, 2000.

RIBEIRO, Darcy. O destino nacional In: *O povo brasileiro: evolução e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

REVISTA GRANDE NOROESTE. *Graciosa: meio século de lutas e glórias*. Paranaíba. 15 de out. a 15 de nov./1994. Ano VI n° 55.

RIGOLO FILHO, Pedro. *A romanização como cultura religiosa: as práticas sociais e religiosas de D. João Batista Corrêa Nery, Bispo de Campinas, 1908-1920*. 2006, 176 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.], 2006.

RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François. *Para uma história cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.

ROMANO, Cristina de Toledo. *Santa Cecília: uma paróquia na confluência dos interesses da elite paulista e da Igreja Católica entre 1895 e 1920*. 2007. 258 f. Tese (Doutorado) – FFLCH, Universidade de São Paulo, 2007.

RÖMER, Karl. *A Alemanha de hoje*. Gütersloh, Alemanha: Lexikon-Institut Bertelsmann, 1979.

ROSENDAHL, Zeny. *Primeiro a obrigação depois a devoção: estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

SANTA CASA DE PARANAÍBÁ. Disponível em <http://www.santacasadeparanavai.org.br/>. Acesso em 10/02/2015.

SCHIROFF, Francisca Bruning. *Graciosa: Nossa história, nossa gente- 60 anos*. Paranaíba: EGP Impressos, 2013.

SCHMAUS, Michael. *Teologia dogmática*. VI. Los sacramentos. Madrid: Ediciones Rialp, S.A., 1961.

SCHUELTER, Leide Barbosa Rocha. *As aventuras de 3 missionários alemães em Paranavaí* enquanto possibilidade de fonte histórica para o estudo da religiosidade católica no município de Paranavaí-PR (1950-1960). 2012. 23f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, Maringá, (2012).

SILVA, P. M. S. da. *História de Paranavaí*. Edição Comemorativa aos 36 anos de Paranavaí. Obra Destinada ao Patrimônio Histórico-Cultural de Paranavaí. Paranavaí: [s.e.] 1987.

SIQUEIRA, Marcelo Silveira. *Comissariado do Paraná: início das missões evangelizadoras dos frades carmelitas na cidade de Paranavaí*, baseado no livro História e Memórias de Paranavaí. 2011. 26 f. Trabalho de conclusão de curso (Monografia)- Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Disponível em:
http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/1240/1/CT_LBHN_VII_2012_14.pdf.
Acesso em 22/01/2015.

SOUZA, Eneida Maria de. A dona ausente: Mário de Andrade e os moços. In: *Prezado senhor, prezada senhora: estudo sobre cartas*. Walnice Nogueira Galvão, Nádia Battella Gotlib (orgs.). São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

STECA, Lucinéia Cunha. *História do Paraná: do século XVI à década de 1950*. Londrina: Ed. EDUEL, 2008.

TAVARES, Marcelo dos Reis. *Entre a cruz e o esquadro: o debate entre a Igreja Católica e a maçonaria na imprensa francana (1882-1901)*. 2006. 136 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Estadual Paulista, Franca, 2006. Disponível em:
http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/marcelo_tavares.pdf. Acesso em: 28/01/2015.

VILLAÇA, Antonio. *O pensamento católico no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

WACHOWICZ, Ruy. *História do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2001.

WERLE, André Carlos. *A revista de tropas do exercito católico alemão*. Congressos Católicos na Alemanha e no Sul do Brasil. 2006. 216 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

ZILLES, Urbano. *Os sacramentos da Igreja Católica*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

ANEXOS



